



**I SEMINÁRIO GÊNEROS HÍBRIDOS DA MODERNIDADE E I SIMPÓSIO MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA.
“CONGRESSO INTERNACIONAL: INTERFACES DA MEMÓRIA”**

**Universidade Estadual Paulista - UNESP
Faculdade de Ciências e Letras de Assis
21 a 23 de outubro de 2014**

CADERNO DE RESUMOS

APOIO:



CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)
Proyecto REDES VII – Ministerio de Educación – Argentina
Universidad del Salvador, Buenos Aires, Argentina
Universidad Nacional de Lanús, Lanus, Argentina
Seção Técnica de Apoio a Eventos, Pesquisa e Extensão (STAEPE)
Instituto de Estudos Vernáculos “Antonio Soares Amora” (IEVASA)

REALIZAÇÃO:

Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP)
Departamento de Letras Modernas
Departamento de Literatura
Programa de Pós-Graduação em Letras
Grupo de Pesquisa: Narrativas Estrangeiras Modernas: Gêneros Híbridos da Modernidade
Grupo de Pesquisa: Memória e Representação Literária

**ASSIS
2014**

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS DE ASSIS

Reitor
Prof. Dr. Julio Cezar Durigan

Vice-reitora
Profa. Dra. Marilza Vieira Cunha Rudge

Diretor
Dr. Ivan Esperança Rocha

Vice-diretora
Dra. Ana Maria Rodrigues de Carvalho

DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS

Chefe
Dra. Cátia Inês Negrão Berlim de Andrade

Vice-chefe
Dr. José Luís Félix

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Coordenador
Dr. Álvaro Santos Simões Junior

Vice-coordenadora
Dra. Maira Angélica Pandolfi

CADERNO DE RESUMOS

Organização
Dra. Brigitte Monique Hervot
Dra. Cátia Inês Negrão Berlim de Andrade

Revisão e formatação

Davi Siqueira Santos

Rebeca Alves

Diagramação, impressão e acabamento

STAEPE
SETOR DE GRÁFICA

Grupo de Pesquisa Narrativas Estrangeiras Modernas: Gêneros Híbridos da Modernidade (CNPq)

Líder: Cátia Inês Negrão Berlim de Andrade
Vice-líder: Antonio Roberto Esteves (UNESP-FCL/Assis)

Grupo de Pesquisa Memória e Representação Literária (CNPq)

Líder: Marcio Roberto Pereira (UNESP-FCL/Assis)
Vice-líder: Rosane Gazolla Alves Feitosa (UNESP-FCL/Assis)

Comissão organizadora do evento

Dra. Ana Maria Carlos
Dr. Antonio Roberto Esteves
Dra. Brigitte Monique Hervot
Dra. Cátia Inês Negrão Berlim de Andrade
Dra. Cleide Antonia Rapucci
Dra. Kátia Rodrigues Mello Miranda
Dra. Maira Angélica Pandolfi
Dr. Marcio Roberto Pereira
Dra. Maria de Fátima A. de Oliveira Marcari
Dra. Norma Domingos
Dra. Rosane Gazolla Alves Feitosa
Davi Siqueira Santos
Katia Aparecida da Silva Oliveira
Rebeca Alves
Tchiago Inague Rodrigues
Thais Thaís Nascimento do Vale

Comissão científica do evento

Dra. Ana Maria Carlos
Dr. Antônio Roberto Esteves
Dra. Cátia Inês Negrão Berlim de Andrade
Dra. Carla Cavalcanti e Silva
Dra. Cleide Antônia Rapucci
Dra. Denise Regina de Sales
Dra. Gabriela Kvacek Betella
Dra. Fernanda Aparecida Ribeiro
Dr. Francisco Cláudio Alves Marques
Dr. Jean Pierre Chauvin
Dra. Kátia Rodrigues Mello Miranda
Dr. Marcio Roberto Pereira
Dra. Maria de Fátima A. de Oliveira Marcari
Dra. Norma Domingos
Dr. Paulo Custódio de Oliveira
Dra. Rosane Gazolla Alves Feitosa
Dr. Wellington Ricardo Fioruci
Leticia de Souza Gonçalves
Rita de Cássia Lamino de Araújo

Secretárias

Maria Catarina Ferreira de Jesus Machado
Juliana Porto
Roseli Pinheiro Santilli

SUMÁRIO

	Páginas
Apresentação	6
Programa Geral	7
Programa das Sessões de Comunicações	10
Resumos das Comunicações	30
Índice de Autores	110

APRESENTAÇÃO

Criado em 1992, o Grupo de Pesquisa “Memória e Representação Literária”, reúne pesquisadores de várias instituições, tendo seu núcleo central no Departamento de Literatura da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP-Assis. Ao longo dos anos tem organizado diversos eventos científicos, entre os quais se destacam as *Jornadas de Pesquisadores em Periódicos Literários e Culturais* e o *Simpósio Arquivos da Memória Cultural e Literária da América Latina*, realizados em várias ocasiões, seja no âmbito dos Congressos Internacionais da ABRALIC, seja na FCL-UNESP-Assis. Igualmente, tem publicado sua produção acadêmico-científica em livros, artigos e anais dos eventos realizados.

Criado em 2002, o Grupo de Pesquisa “Narrativas Estrangeiras Modernas”, com o projeto principal “Gêneros Híbridos da Modernidade”, agrega pesquisadores de várias instituições, tendo seu núcleo central no Departamento de Letras Modernas. A partir de 2003, realizou quatro Simpósios cujos resultados foram divulgados em diversas publicações, incluindo três livros já no mercado e um no prelo.

Por meio da proposta conjunta “Interfaces da Memória”, os dois Grupos de Pesquisa pretendem discutir temas que permeiam seus projetos de pesquisa, em torno da questão da memória, refletindo sobre o tema e estudando como a memória se manifesta nas várias literaturas. Desse modo, o evento discutirá aspectos teóricos da construção da memória e sua manifestação em várias formas discursivas e em várias culturas. Discutirá ainda a presença da memória em diversas manifestações artísticas e culturais, especialmente na literatura.

Para tal, o evento receberá pesquisadores de procedências e concepções teóricas variadas, com o objetivo de propiciar o necessário intercâmbio e, principalmente, oferecer aos alunos e jovens pesquisadores a oportunidade de atualizar sua informação bibliográfica.

A Comissão Organizadora

PROGRAMA GERAL

I SEMINÁRIO GÊNEROS HÍBRIDOS DA MODERNIDADE E I SIMPÓSIO MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA. “CONGRESSO INTERNACIONAL: INTERFACES DA MEMÓRIA”

UNESP/FCL/Câmpus de Assis – São Paulo – Brasil
Avenida Dom Antonio, 2100 – Fone: (18) 3302-5800

TERÇA-FEIRA (21/10/2014)

SAGUÃO DO PRÉDIO I

19h00 – Entrega de material

SALÃO DE ATOS

19h30 – Cerimônia de abertura Ivan Esperança Rocha – Diretor da FCL-Assis

- Cátia Inês Negrão Berlim de Andrade – Chefe do Departamento de Letras Modernas e Líder do Grupo de Pesquisa Narrativas Estrangeiras Modernas
- Marcio Roberto Pereira – Chefe do Departamento de Literatura e Líder do Grupo Memória e Representação Literária
- Álvaro Santos Simões Junior – Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras

20h00 – 21h30 – Mesa de Abertura: *Literatura, memória, imigração: a palavra dos escritores.*

- *Figuras de la migración: de la inmigración al exilio, del nomadismo al cautiverio* - María Rosa Lojo – escritora – CONICET - Argentina - USAL-UBA
- *Nihonjin e a condição híbrida do nipo-brasileiro* - Oscar Fussato Nakasato – escritor – UTFPR

Coordenação: Antônio R. Esteves

QUARTA- FEIRA (22/10/2014)

SALÃO DE ATOS

9h00-11h00 – Mesa-redonda I: Escritas da memória

- Autoficção – Eurídice Figueiredo – UFF / CNPq
- Cartas de escritores – Marcos Antonio de Moraes – IEB-USP / CNPq
- A construção do ideal modernista: o lugar das revistas – Tania Regina de Luca – FCL-UNESP/Assis / CNPq

Coordenação: Brigitte Monique Hervot

14h00 – Sessão de Comunicações (Ver Programa das Comunicações)

16h00 – Sessão de Comunicações (Ver Programa das Comunicações)

SALÃO DE ATOS

19h30-22h00 – Mesa-redonda II: A Memória Literária e a Questão do Cânone na América Latina

- La memoria del trauma en Nicolás Casullo – Marcela Gladys Crespo – Universidad del Salvador - Projeto REDES - ME - Argentina
- Memoria del tango: revelamiento y estudio de la obra de completa de Enrique Santos Dicépolo – Oscar Conde – Universidad Nacional de Lanús - Projeto REDES - ME - Argentina
- Gênero e fronteira em *Mar Paraguayo*, de Wilson Bueno – (em torno à questão do cânone) Antonio Roberto Esteves – UNESP-FCL/Assis - Projeto REDES - ME - Argentina
- Gênero e identidade no romance *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo – Cleide Antonia Rapucci – UNESP-FCL/Assis - Projeto REDES - ME - Argentina

Coordenação: Cleide Antonia Rapucci

QUINTA-FEIRA (23/10/2014)

SALÃO DE ATOS

9h00 – 11h00 – Mesa-redonda III: Memória: Interfaces

- Memórias e diásporas contemporâneas – Elena Palmero González – UFRJ /CNPq
- Marcel Proust e seus correspondentes – Carla Cavalcanti e Silva – UNESP-FCL/Assis
- Poesia e memória em Yves Bonnefoy – Guacira Marcondes Machado Leite – FCL – UNESP – Araraquara

Coordenação: Márcio Roberto Pereira

14h00 – Sessão de Comunicações (Ver Programa das Comunicações)

16h00 – Sessão de Comunicações (Ver Programa das Comunicações)

SALÃO DE ATOS

19h30 – 21h00 – Mesa de Encerramento: Memórias, poéticas e afetividades

- A Memória, “musa inspiradora”, na poética de David Mourão-Ferreira: Brunello Natale De Cusatis – Università degli Studi di Perugia - Itália
- Memória, genealogia e filiações afetivas na Literatura Brasileira Contemporânea: José Leonardo Tonus – Université de Paris - Sorbonne - Paris IV - França

Coordenação: Norma Domingos

21h00 – Memória do Grupo de Pesquisa: Luiz Roberto Cairo Veloso

21h30 – Encerramento.

**PROGRAMA
SESSÕES DE COMUNICAÇÕES**

QUARTA-FEIRA (22/10/2014)

**SIMPÓSIO 1 - A INTERTEXTUALIDADE COMO MEMÓRIA LITERÁRIA
(Eixo 1: Memória e Representação Literária)**

Coordenadoras: Ana Maria Carlos (UNESP-FCL/Assis); Cátia Inês Negrão Berlim de Andrade (UNESP-FCL/Assis)

22 de outubro de 2014

Coordenação: Ana Maria Carlos

Sessão 1 – 14h00 – 15h30

SALA: 6 – Prédio I

Marcos Eduardo de Sousa – (Universidade Federal de Ouro Preto) – ‘El mal de Montano’: a dificuldade de escrita e a reflexão intertextual em Sebalde Enrique Vila-Matas.

Andrea Estefanía Guerra Sotomayor – (UNESP-FCL/Assis) – As intertextualidades em “Noche de Walpurgis en Lucerna” de Jorgenrique Adoum.

Amanda Batistela – (UNESP-FCL/Assis) – Metaficção historiográfica em *Memorial do convento* (1982), de José Saramago.

Luciana Miranda Marchini Ulgheri – (FFLCH-USP / CAPES) – *Princesa*, um livro de roubo.

Sessão 2 – 16h00 – 17h30

SALA: 6 – Prédio I

Priscila Costa Domingues – (UNESP-FCL/Assis / FAPESP) – A evocação da literatura como reflexão: o caso *Bufo & Spallanzani* (1985), de Rubem Fonseca.

Jéssica Cristina da Silva – (UNESP-FCL/Assis) – A intertextualidade como memória: o fantástico em Lygia Fagundes Telles e outros aspectos.

Amanda Mendes – (UNESP-FCL/Assis / FAPESP) – Uma *Feijoada completa* para dois: diálogo entre a canção de Chico Buarque e o conto de Luis Fernando Veríssimo.

Elisa dos Santos Prado – (UNESP-FCL/Assis) – Absorção e transformação: a relação intertextual entre *Virgínia* e *Inocência*.

22 de outubro de 2014

Coordenação: Cátia Inês Negrão Berlini de Andrade

Sessão 1 – 14h00 – 15h30

SALA: Multiúso – Prédio I

Dagoberto Rosa de Jesus – (IFMT, Campus Confresa) – Narrativa, memória e saudade em Kinaxixi Kiami.

Thaís Fernanda da Silva – (UNESP-FCL/Assis / CNPq) – Ideologia e Literatura na libertação do leitor.

Carolina Izabela Dutra de Miranda – (UFMG / CAPES) – As memórias em *Angústia*, de Graciliano Ramos: a história através dos olhos de Luís da Silva.

Marinalva da Silva Pedro de Almeida – (UFGD) – Rastros da memória, história e ficção em *Cunhataí*: um romance da Guerra do Paraguai.

Sessão 2 – 16h00 – 17h30

SALA: Multiúso – Prédio I

Daniela Ap. Francisco – (UNESP-FCL/Assis) – Bartolomeu Campos de Queirós: literatura e memória.

Dayane Mussulini – (UNESP-FCL/Assis / FAPESP) – “Ernesto de Tal”: uma comédia brasileira.

Cátia Inês Negrão Berlini de Andrade – (UNESP-FCL/Assis) – Zélia Gattai: memórias de uma menina atrevida.

Damaris Pereira Santana Lima – (UFMS) – *El fiscal*: A intertextualidade na construção da memória.

**SIMPÓSIO 2 – LITERATURA, HISTÓRIA, MEMÓRIA: RELEITURAS DE
CÂNONES**

(Eixo 02: Gêneros Híbridos da Modernidade – I)

Coordenadores: Antônio Roberto Esteves (UNESP-FCL/Assis); Maria de Fátima Alves de Oliveira Marcari – (UNESP-FCL/Assis)

22 de outubro de 2014

Coordenação: Maria de Fátima Alves de Oliveira Marcari (UNESP-FCL/Assis)

Sessão 1 – 14h00 – 15h30

SALA: 10B PI

Gracielle Marques (UNESP-FCL/Assis) – Sobreposições discursivas: a cativa na narrativa de María Rosa Lojo.

Kátia Aparecida da Silva Oliveira – (UNESP-FCL/Assis / UNIFAL/MG) – Os olhos da mente: ensaios de Montserrat Roig sobre a memória, a literatura e a atualidade.

José Francisco de Azevedo – (UNESP-FCL/Assis / CAPES) – O hibridismo e a crítica ao cânone em *The Waves* (1931), de Virginia Woolf: a heterogeneidade discursiva entre religião, mito e história na formação ideológica do romance moderno.

Teresa Augusta Marques Porto – (UNESP-FCL/Assis) – A mulher que age e a mulher que se ilumina: representação literária e memória no Japão antigo.

Sessão 2 – 16h00 – 17h30

SALA: 10B PI

Natalia Pedroni Carminatti – (UNESP-FCL/Araraquara) – Retalhos de memória: a representação da existência de Jean-Jacques Rousseau em *Les rêveries du promeneur solitaire*.

Helton Marques – (UNESP-FCL/Assis / CNPq) – Lembranças de um mundo em decadência: história e memória em *Banguê*, de José Lins do Rego.

Luiz Fernando Garcia – (UNESP-FCL/Assis) – Gênero literário e memória: o "idílio", de Teócrito a Mário de Andrade.

**SIMPÓSIO 3 – O ROMANCE FRANCÊS DO SIMBOLISMO AO NOUVEAU
ROMAN**

(Eixo 03: Gêneros Híbridos da Modernidade - II)

Coordenadoras: Carla Cavalcanti e Silva (UNESP-FCL/Assis); Norma Domingos (UNESP-FCL/Assis)

22 de outubro de 2014

Coordenação: Carla Cavalcanti e Silva – (UNESP-FCL/Assis)

Sessão 1 – 14h00 – 15h30

SALA: 09 PI

Gláucia Benedita Vieira – (UNESP-FCL/Assis / CAPES) – *À Rebours*, ultrapassando o tempo e as tradições.

Kedrini Domingos dos Santos – (UNESP-FCL/Araraquara) – O romance *L'Ève future* de Villiers de L'Isle-Adam.

Beatriz Moreira Anselmo – (UEM/Maringá) – A mulher decadente no romance *L'Ève future* de Villiers de L'Isle-Adam.

Norma Domingos – (UNESP-FCL/Assis) – O romance francês do simbolismo ao *Nouveau Roman*.

Coordenação: Norma Domingos – (UNESP-FCL/Assis)

Sessão 2 – 16h00 – 17h30

SALA: 09 PI

Júlia de Camargo Schaefer – (UNESP-FCL/Assis / FAPESP) – De Baudelaire à contemporaneidade: o poema em prosa.

Bruna de Carvalho – (FFLCH-USP / FAPESP) – Gide: uma topografia.

Carla Cavalcanti e Silva – (UNESP-FCL/Assis) – A questão da memória em Marcel Proust.

Guacira Marcondes Machado Leite – (UNESP-FCL/Araraquara) – Um caso de gênero híbrido: *L'or* de Blaise Cendrars.

SIMPÓSIO 4 – GÊNERO E MEMÓRIA: INTERFACES
(Eixo: Gêneros híbridos da modernidade III)

Coordenadoras: Cleide Antonia Rapucci – (UNESP-FCL/Assis); Letícia de Souza Gonçalves – (UNESP-FCL/Assis)

22 de outubro de 2014

Coordenação: Letícia de Souza Gonçalves – (UNESP-FCL/Assis)

Sessão 1 – 14h00 – 15h30
SALÃO DE ATOS

Andréia Nogueira Hernandes – (Pós-doutoranda – Universidade de Évora) – Mulher e crônica: fragmentos da memória em *Vivina* de Assis Viana.

Karen Mayuri Okuda – (UNESP-FCL/Assis); **Sandra Aparecida Ferreira** – (UNESP-FCL/Assis) – Cantares de louca: representação do amor em poemas de Hilda Hilst.

Luciana Carneiro Hernandes (UTFPR-CP / UNESP-FCL-Assis); **Antonio Roberto Esteves** – (UNESP-FCL/Assis) – Representações do feminino em *El Alférez y la provisora* e *Tatuajes en el cielo y en la tierra*, de María Rosa Lojo.

Marta Matsue Yamamoto Otenio – (UNESP-FCL/Assis / CAPES); **Cleide Antonia Rapucci** (UNESP-FCL/Assis) – A presença da mulher nipo-brasileira na obra de Laura Honda-Hasegawa.

Sessão 2 – 16h00-17h30
SALÃO DE ATOS

Moisés Gonçalves dos Santos Júnior – (UNESP-FCL/Assis / FAPESP) – Eu sou o(s)outro(s): percepção e alteridade no romance *O lustre* (1946), de Clarice Lispector.

Raquel Dal Cortivo – (FFLCH-USP/ FAPEAM); **Simone Caputo Gomes** (FFLCH-USP) – A representação das masculinidades no romance *Outros saís na beira mar*, de Filinto Elísio.

Roberta Donega Silva – (UNESP-FCL/Assis/CAPES); **Ana Maria Domingues de Oliveira** (UNESP-FCL/Assis) – O eu lírico feminino e a compreensão de si em Cecília Meireles.

Marta Francisco de Oliveira – (UNESP –FCL/Assis - UFMS) – Escrituras literárias: diálogos latinos sobre a construção da memória histórica e relações de poder.

**SIMPÓSIO 6 – MEMÓRIA FEMININA E PATRIARCADO
(Eixo 6: Memória e Representação Literária II)**

Coordenadores: Francisco Cláudio Alves Marques (UNESP-FCL/Assis); **Jean Pierre Chauvin** (USP-ECA)

22 de outubro de 2014

Coordenação: Francisco Cláudio Alves Marques – (UNESP-FCL/Assis); Jean Pierre Chauvin (ECA-USP).

Sessão 1 – 14h00 – 15h30

SALA: Sala 10 PI

Jean Pierre Chauvin (ECA-USP) – A Mulher e o Coronel: O Feminino Segundo a Ótica do Patronato.

Ana Zilda Ramos Fornasier – (UNESP/Marília) – Missangas Silenciadas: Considerações sobre a Memória Feminina em *O Fio das Missangas*.

Marleide Santana Paes – Conceição de *O Quinze* e *Madalena de São Bernardo*: Imagens de Professoras (Des)Convencionais.

Sessão 2 – 16h00 – 17h30

SALA: Sala 10 PI

Rosângela Maria Laurindo Ramos Fornasier – (UNESP-FCL/Assis) – A Posse da Mulher em *São Bernardo*, de Graciliano Ramos.

Vanessa Aparecida Ventura Rodrigues – (UNESP-FCL/Araraquara) – A Representação da Memória no Espaço Lygiano.

Ângela Simone Ronqui Oliva – (UEL/Londrina) – A Representação da Morte Feminina em Alguns Contos de Marina Colasanti.

SIMPÓSIO 7 - REPRESENTAÇÕES DE GUERRAS E DITADURAS: MEMÓRIA E HISTÓRIA NA LITERATURA E NO AUDIOVISUAL
(Eixo 07: Memória e Representação Literária III)

Coordenadoras: Gabriela Kvacek Betella (UNESP-FCL/Assis); Denise Regina de Sales (UFRGS)

22 de outubro de 2014

Coordenação: Denise Regina de Sales (UFRGS)

Sessão 1 – 14h00 – 15h45

SALA: 11 Central de Salas de Aulas

Elizabeth da Penha Cardoso – (PUC/SP / CAPES) – O reescrever contínuo da memória do trauma: literatura e ditadura em *Quatro-olhos*, de Renato Pompeu.

Luciana Cristina Corrêa – (UNESP-FCL/Assis) – A representação do passado ditatorial brasileiro na produção do escritor João Antônio.

Maykom de Faria e Silva – (UFGD) – *Os carbonários* de Alfredo Sirkis: pacto autobiográfico?

José Alfredo Silva Melo Sobreira – (UFGD / CAPES) – A memória e a história em canções da MPB: o início e o aprofundamento do golpe militar.

Sessão 2 – 16h00 – 17h45

SALA: 11 Central de Salas de Aulas

Beatriz Sodré Ribeiro – (UNESP-FCL/Assis) – A representação da memória no romance de Valter Hugo Mãe.

Fernando da Silva Negreiros – (UENP/PIBIC-CNPq) – Luciana Brito (UENP) – A destruição da figura despótica em Memorial do Convento.

Michael Douglas Alves Pantaleão – (UNESP-FCL/Assis/ FAPESP) – **Márcio Roberto Pereira** – (UNESP-FCL/Assis) – O canto da denúncia em “Manifesto imaginado de um serviçal” de Conceição Lima.

José Luís Félix – (UNESP-FCL/Assis / PROEX-UNESP/FUNDUNESP) – Prestes: o herói da liberdade no Brasil

22 de outubro de 2014

Coordenação: Gabriela Kvacek Betella (UNESP-Assis)

Sessão 1 – 14h00 – 15h45

SALA: 10 – Central de Salas de Aulas

Joy Nascimento Afonso – (UNESP-FCL/Assis) – Entre a memória individual e a coletiva em *Hachi Honey* de Yoshimoto Banana.

Iuri Almeida Müller – (PUC/RS / FAPERGS) – Os diários de Rodolfo Walsh (1927-1977) como a condução de uma literatura e a memória de um tempo de repressão.

Léa Mattosinho Aymoré - (UNESP-FCL/Assis) – O olhar infantil sobre a ditadura militar: uma análise dos filmes *O ano em que meus pais saíram de férias*, *Infância clandestina* e *Kamchatka*

Sessão 2 – 16h00 – 17h45

SALA: 10 – Central de Salas de Aulas

Patricia Munhoz – (UNESP-FCL/Assis) – *Écrits de guerre*, de Saint-Exupéry: testemunho e engajamento.

Tatiana Barbosa Cavalari – (FFLCH-USP) – Entre o documentário e a autobiografia: parcerias entre Georges Perec e Robert Bober.

Roberto Mônaco (UFGD) – Sobras da guerra colonial: os retornados de Angola.

Thiago Henrique Sampaio – (UNESP-FCL/Assis / FAPESP) – **Paulo Cesar Gonçalves** (UNESP-FCL/Assis) – Entre memória e literatura: a Angola na perspectiva do romance *Bom dia camaradas*.

**SIMPÓSIO 8 - HISTÓRIA DA LITERATURA, LITERATURA COMPARADA E
CRÍTICA LITERÁRIA
(Eixo 08: Memória e Representação Literária IV)**

Coordenador: Marcio Roberto Pereira (UNESP-FCL/Assis)

22 de outubro de 2014

Coordenação: Marcio Roberto Pereira – (UNESP-FCL/Assis)

Sessão 1 – 14h00 – 15h30

SALA: 10C PI

Keila Mara de Souza Araújo Maciel – (UFES / FAPES) – O ensaio como gênero da crítica literária brasileira contemporânea.

Lais Iaci Mirallas de Carvalho – (UNESP-FCL/Assis / CNPq) “Os mortos de sobrecasaca”: reflexões sobre o método crítico de Álvaro Lins.

Marcos Antonio Rodrigues – (UNESP-FCL/Assis / FAPESP) – As percepções críticas de Álvaro Lins sobre o romance “Caetés” (1933), de Graciliano Ramos.

Marcio Roberto Pereira – (UNESP-FCL/Assis) – A construção do cânone literário e a ruptura com a interpretação científicista.

Sessão 2 – 16h00 – 17h30

SALA: 10C PI

Mariana Mansano Casoni – (UNESP-FCL/Assis) – Presença da memória involuntária em “O amanuense Belmiro”, de Cyro dos anjos.

Cintia de Vito Zollner – (UNESP-FCL/Assis) – Representações literárias e históricas em “A viagem do elefante”, José de Saramago (2008).

Naiana Leme Camoleze – (UNESP-FCL/Assis) – As crônicas de Moacyr Seliar, no contexto do livro “Histórias que os jornais não contam”: a relação entre a realidade e a ficção.

Raphael Luiz de Araújo – (USP / CNPq) – A posteridade poética amizade, paisagem e poesia em “A posteridade do sol”, de Albert Camus.

Evaneide Araújo da Silva – (UNESP-FCL/Araraquara) – Denis Diderot: de escritor literário a crítico de arte.

SIMPÓSIO 9 - PESQUISANDO EM PERIÓDICOS: IMPRENSA E SOCIEDADE
(Eixo 9: MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA V)

Coordenadoras: Rosane Gazolla Alves Feitosa (UNESP-FCL/Assis); Rita de Cássia Lamino de Araujo (UENP – CLCA – Jacarezinho)

22 de outubro de 2014

Coordenação: Rosane Gazolla Alves Feitosa (UNESP-FCL/Assis)

Sessão 1 – 14h00 – 15h30

SALA: 12 PI

Jaison Luís Crestani – (ECA-USP) – A paródia de estilos literários em "Um cão de lata ao rabo", de Machado De Assis.

Adriana Dusilek – (UNESP-FCL/Assis / PNPd) – Risos à socapa na *Semana Ilustrada*: a crítica aos acrósticos de Antônio Joaquim Álvares.

Marcia Rorato – (UEL/Londrina) – Memória imagética de mitos italianos em *Il Moscone*.

Daniela Mantarro Callipo - (UNESP-FCL/Assis) – Machado de Assis e o Alcazar Lyrique: um novo olhar sobre um antigo ponto de vista.

Coordenação: Rita de Cássia Lamino de Araújo – (UENP-CLCA/Jacarezinho)

Sessão 2 – 16h00 – 17h30

SALA: 12 PI

Luiz Eduardo Rodrigues Amaro – (UNESP-FCL-Assis / CAPES) – Aspectos gerais da característica cívica de Camões.

Aline Cristina de Oliveira Cataneli – (UNESP-FCL/Assis / CAPES) – A circulação transatlântica dos impressos no periódico *O Futuro*.

Carlos Alberto Correia – (UNESP-FCL/Assis / CAPES) – Memória e sociedade: a presença da imprensa oitocentista portuguesa em *O Primo Basílio*.

Thais Maria Gonçalves da Silva - (UNESP-FCL/Assis) – Análise das comunidades interpretativas do romance *O ano da morte de Ricardo Reis* em quatro artigos da revista *Colóquio/Letras* (1989-1999).

Olívia Scarpari Bressan – (PUC-RS / FAPERGS) – Jornalismo e literatura se entreolham: quando o império dos fatos encontra a subjetividade artística.

**SIMPÓSIO 10 – MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO: (DES)ARRANJOS
INTERSEMIÓTICOS
(Eixo 10: Memória e Representação Literária VI)**

Coordenadores: Paulo Custódio de Oliveira (UFGD); Wellington Ricardo Fioruci (UTFPR/UFRGS)

22 de outubro de 2014

Coordenação: Wellington Ricardo Fioruci (UTFPR/UFRGS)

Sessão 1 – 14h00 – 15h30
SALA: 11 PI

Carlos Eduardo de Araújo Plácido (UFSCar / CAPES) – Vozes do armário na adaptação cinematográfica da peça teatral *The normal heart*.

Lucila Vieira (UFBA) – Memória em jogo – o teatro quinhentista na cena contemporânea
Maicon Araújo dos Santos (UFC / CAPES) – Memórias e escrituras que fal(h)am em *Exortação aos crocodilos*.

Wellington Ricardo Fioruci (UTFPR/UFRGS) – Narrativa policial e subversão do relato em Cardoso Pires e Ricardo Piglia: transmedialidade e pós-modernismo.

Coordenação: Paulo Custódio de Oliveira (UFGD)

Sessão 2 – 16h00 – 17h30
SALA: 11 PI

Claudia Valéria Penavel Binato (UNESP-FCL/Assis); **Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira** (UNESP-FCL-Assis / FUNDUNESP) – Produção juvenil e cultura clássica: uma análise da obra *La Traviata*, adaptada por Lee Gyeong Hye e ilustrada por Aurelia Fronty.

Mariese Ribas Stankiewicz (UTFPR) – Telas vivas: Caravaggio no palco irlandês.

Paulo Custódio de Oliveira (UFGD) – Semiose e memória: o cinema da ditadura.

QUINTA - FEIRA (23/10/2014)

SIMPÓSIO 1 - A INTERTEXTUALIDADE COMO MEMÓRIA LITERÁRIA (Eixo 1: Memória e Representação Literária)

Coordenadoras: Ana Maria Carlos (UNESP-FCL/Assis); **Cátia Inês Negrão Berlini de Andrade** (UNESP-FCL/Assis)

23 de outubro de 2014

Coordenação: Ana Maria Carlos

Sessão 1 – 14h00 – 15h30

SALA: 6 – Prédio I

Davi Siqueira Santos – (UNESP-FCL/Assis / CAPES) – As memórias do romance e o romance das memórias: *Solo de clarineta e o Tempo e o vento*, de Érico Veríssimo.

Rebeca Alves – (UNESP-FCL/Assis / FAPESP) – Releituras intertextuais: *Ana em Veneza*, de João Silvério Trevisan.

Edmara Almeida – (UNESP-FCL/Assis) – *O morro dos ventos uivantes*, obra literária e filme.

Luiz Eduardo Rodrigues Amaro – (UNESP-FCL/Assis) – Aspectos intertextuais da obra *V de vingança*, de Alan Moore.

Sessão 2 – 16h00 – 17h30

SALA: 6 – Prédio I

Ana Maria Carlos – (UNESP-FCL/Assis) – A especular narrativa intertextual de *A audácia dessa mulher*, de Ana Maria Machado.

Arlete Aparecida Martins (PUC/SP) – A receptividade em *A audácia dessa mulher*.

Patrícia Asari – (UNESP-FCL/Assis) – Duas diferentes vozes de *Capitu* - *Capitu: memórias póstumas* e *A audácia dessa mulher*.

Tchiago Inague Rodrigues – (UNESP-FCL/Assis) – Os elementos audiovisuais no romance *A audácia dessa mulher*: diálogos entre a literatura e o cinema.

23 de outubro de 2014

Coordenação: Maira Angélica Pandolfi

Sessão 1 – 14h00 – 15h30

SALA: Multiuso – Prédio I

Guilherme Mariano Martins da Silva – (UNESP-IBILCE/São José do Rio Preto) – Memória e paródia, a presença de Brueghel em a *Caixa de areia*, de Lourenço Mutarelli.

Guadalupe Estrelita dos Santos Menta Ferreira – (UTFPR/CP) – *Mãe, Materno Mar*: uma narrativa em diálogo.

Ana Carolina Negrão Berlini de Andrade – (UNESP-FCL/Araraquara) – A memória temática e formal em *Galileia* (2009) de Ronaldo Correia de Brito.

Renato de Souza – (Fundação Universidade do Rio Grande – FURG) – Um painel histórico-social de *A barca dos homens*.

Sessão 2 – 16h00 – 17h30

SALA: Multiuso – Prédio I

Sara Gabriela Simião – (UNESP-FCL/Assis) – Do cavaleiro andante ao cavaleiro amante: releituras das novelas de cavalaria.

Maira Angélica Pandolfi – (UNESP-FCL/Assis) – Revisitação ao mito donjuanesco por Miguel de Unamuno: *El Hermano Juan o el mundo es teatro* – *vieja comedia nueva*.

Tiago de Souza Barros – (UNESP-FCL/Assis) – O mito do vampiro e suas vertentes folclóricas na literatura brasileira, de Ivan Jaf.

Valdirene Barboza de Araújo Batista – (UNESP-FCL/Assis) – A teia intertextual de *O amor não escolhe sexo*, de Giselda Laporta Nicoletis.

SIMPÓSIO 2 – LITERATURA, HISTÓRIA, MEMÓRIA: RELEITURAS DE CÂNONES
(Eixo 02: Gêneros Híbridos da Modernidade–I)

Coordenadores: Antônio Roberto Esteves (UNESP-FCL/Assis); Maria de Fátima Alves de Oliveira Marcari – (UNESP-FCL/Assis)

23 de outubro de 2014

Coordenação: Antônio Roberto Esteves – (UNESP-FCL/Assis)

Sessão 1 – 14h00 – 15h30

SALA: 10B PI

Nádia Nelziza Louvera de Florentino – (UNESP-FCL/Assis / CAPES) – A tradição literária (re)visitada: diálogos intertextuais em *Mar paraguayo*, de Wilson Bueno.

Angela Cristina Dias do Rego Catonio - (UNESP-FCL/Assis / CAPES) – O espaço sem fronteiras de *El astronauta paraguayo*, de Douglas Diegues.

Isis Milreu – (UNESP-FCL/Assis / CAPES - UFCG) – A ficcionalização da biblioteca de Jorge Luis Borges.

Sessão 2 – 16h00 – 17h30

SALA: 10B PI

Mayra Moreira Carvalho – (FFLCH-USP) – *A Edad de plata* lê o *Siglo de oro*: a conferência sobre Góngora, de Federico García Lorca.

Bruna Dancini Godk – (UFPR) – Ironia e questionamento: o leitor ideal do romance histórico saramagueano .

Ana Carolina Menocci – (UNESP-FCL/Assis) – Memórias de uma infância de lições: a (de)formação de Pilar em “Conto de Escola”.

SIMPÓSIO 4 – GÊNERO E MEMÓRIA: INTERFACES
(Eixo: Gêneros híbridos da modernidade III)

Coordenadoras: Cleide Antonia Rapucci – (UNESP-FCL/Assis); Letícia de Souza Gonçalves – (UNESP-FCL/Assis)

23 de outubro de 2014

Coordenação: Cleide Antonia Rapucci (UNESP-FCL/Assis)

Sessão 1 – 14h00-15h30
SALÃO DE ATOS

Débora Balliello Barcala (UNESP-FCL/Assis); **Cleide Antonia Rapucci** (UNESP-FCL/Assis) – Memória e corpo feminino em “A stroke of good fortune”

Grazielle Costa (UFF / CAPES); **Lívia Reis** (UFF) – Memória, solidão e transgressão no exagero da mãe: uma análise das relações de cuidado no romance *Amada*, de Toni Morrison

Jorge Augusto da Silva Lopes (UNESP-FCL/Assis) – Memória coletiva, violência e segregação em *Jazz*, de Toni Morrison

Ricardo Augusto de Lima (UEL – Londrina/ Capes) “A única coisa que posso fazer é escrever”: autoafirmação na obra híbrida e autoficcional de Caio Fernando Abreu

Sessão 2 – 16h00-17h30
SALÃO DE ATOS

Kátia Isidoro de Oliveira (UNESP-FCL/Assis / CNPq); **Cleide Antonia Rapucci** (UNESP-FCL/Assis) – O espetáculo feminino: a recepção crítica da obra *Noites no circo*, de Angela Carter

Letícia de Souza Gonçalves (UNESP-FCL/Assis / FAPESP); **Cleide Antonia Rapucci** (UNESP-FCL/Assis) – Sexualidade codificada: Katherine Mansfield e a concepção de gênero

Maria Aparecida de Barros (UFGD); **Alexandra Santos Pinheiro** (UFGD) – Por detrás das grades: memórias de mulheres em situação de prisão

**SIMPÓSIO 5 – LITERATURA E HISTÓRIA NAS NARRATIVAS DE LÍNGUA
ESPAÑHOLA
(Eixo 05: Gêneros Híbridos da Modernidade-IV)**

**Coordenadoras: Fernanda Aparecida Ribeiro (UNIFAL/MG); Kátia Rodrigues Mello
Miranda (UNESP-FCL/Assis)**

23 de outubro de 2014

Sessão 1 –

SALA: 6 – Central de Salas de Aulas

Alessandro da Silva (UEL/Londrina) O novo romance histórico: uma abordagem historiográfica

Fernanda Aparecida Ribeiro (UNIFAL/MG); **Katia Rodrigues Mello Miranda** (UNESP-FCL/Assis) A narrativa de extração histórica de Laura Esquivel: *Como agua para chocolate* (1989) e *Malinche* (2005) em perspectiva

Muryel da Silva Papeschi (UNESP-FCL/Assis) Entre a história e a literatura: a reconstrução de Facundo Quiroga nos contos de María Rosa Lojo

Sessão 2 –

SALA: 6 – Central de Salas de Aulas

Daniel Carlos Santos da Silva (PG-USP) O texto literário e sua implicação no discurso oficial do pós-guerra civil espanhola

Thaís Nascimento do Vale (UNESP-FCL/Assis) Literatura, história e memória em um relato de Roberto Arlt

Heloísa Helena Siqueira Correia (UNIR) O sul mítico e sua universalização na obra borgeana

SIMPÓSIO 6 – MEMÓRIA FEMININA E PATRIARCADO
(Eixo 6: Memória e Representação Literária II)

Coordenadores: Francisco Cláudio Alves Marques (UNESP-FCL/Assis); Jean Pierre Chauvin (USP-ECA)

23 de outubro de 2014

Coordenação: Francisco Cláudio Alves Marques; Jean Pierre Chauvin.

Sessão 1 – 14h00 – 15h30

SALA: 10 PI

Francisco Cláudio Alves Marques (UNESP-FCL/Assis) – A Obra Narrativa de Grazia Deledda: Uma Poética da Paisagem Sarda.

Bárbara Laís Falcão da Silva Cação (FCL/Assis / CAPES) – Pai, Rei e Diabo: A Representação Masculina na Literatura de Cordel.

Juliana Franco Alves (UNESP-FCL/Assis) – Tempos de Lembrar: Memórias Ancestrais.

Sessão 2 – 16h00 – 17h30

SALA: 10 PI

Letícia Fernanda da Silva Oliveira (UNESP-FCL/Assis) – Sátira à Mulher na Poesia Popular de Leandro Gomes de Barros.

SIMPÓSIO 7 - REPRESENTAÇÕES DE GUERRAS E DITADURAS: MEMÓRIA E HISTÓRIA NA LITERATURA E NO AUDIOVISUAL
(Eixo 07: Memória e Representação Literária III)

Coordenadoras: Gabriela Kvacek Betella (UNESP-FCL/Assis); Denise Regina de Sales (UFRGS)

23 de outubro de 2014

Coordenação: Gabriela Kvacek Betella (UNESP-FCL/Assis)

Sessão 1 – 14h00 – 15h45

SALA: 10 – Central de Salas de Aulas

Denise Regina de Sales (UFRGS) – Relatos de prisão no contexto soviético

Gabriela Kvacek Betella (UNESP-FCL/Assis) – Entre a obsessão pelo passado e a imposição do esquecimento: implicações artísticas do episódio de *Porzûs*

Rafaela Souza Maldonado (UNESP-FCL/Assis) – A literatura autobiográfica como instrumento para os estudos históricos: enfoques da Resistência italiana

Charles Marlon Porfirio de Sousa (FFLCH-USP / CAPES) – Memória em fragmentos - a sombra da Segunda Guerra na atual poesia de Rui Pires Cabral

Sessão 2 – 16h00 – 17h45

SALA: 10 – Central de Salas de Aulas

Raquel Cristina Ribeiro Pedroso (UNESP-FCL-Assis / FAPESP) – “Viva a república”: Guerra de Canudos em crônicas machadianas

Maria Cláudia de Mesquita (UNESP-FCL/Assis) – Literatura e história: a ficcionalização de personagens históricos em "Lealdade" (1997), de Márcio Souza

Vitor Soster (FFLCH-USP/CNPq) – Relações entre memória e nostalgia: o conflito pela ocupação do espaço em *O som ao redor*

**SIMPÓSIO 8 - HISTÓRIA DA LITERATURA, LITERATURA COMPARADA E
CRÍTICA LITERÁRIA
(Eixo 08: Memória e Representação Literária IV)**

Coordenador: Marcio Roberto Pereira (UNESP-FCL/Assis)

23 de outubro de 2014

Coordenação: Marcio Roberto Pereira (UNESP-FCL/Assis)

Sessão 1 – 14h00 – 15h30

SALA: 10C PI

Ederson Murback Escobar (UNESP-FCL/Assis) Machado de Assis sob a perspectiva de Agrippino Grieco.

Bruno Miranda Santos (USP / CAPES) As primeiras críticas na recepção do romance “O lustre”; de Clarice Lispector: aproximações e distanciamentos

Carlos Eduardo dos Santos Zago (UNESP-FCL/Assis) Um olhar em progresso: lentes sobre a fortuna crítica de Hilda Hilst

Vanessa Pansani Viana (UNESP-FCL/Assis) A importância da literatura nos materiais didáticos de Língua Espanhola (LE)

Sessão 2 – 16h00 – 17h00

SALA: 10C PI

Sérgio Henrique Rocha Batista (UNESP-FCL/Assis) A criação moderna de mitos: uma reflexão sobre o mundo de Tolkien

Jorge Paulo de Oliveira Neres (UFF-UNESA) – O olhar econômico oblíquo em Machado de Assis.

**SIMPÓSIO 9 - PESQUISANDO EM PERIÓDICOS: IMPRENSA E SOCIEDADE
(Eixo 9: MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA V)**

Coordenadoras: Rosane Gazolla Alves Feitosa (UNESP-FCL/Assis); Rita de Cássia Lamino de Araujo (UENP – CLCA – Jacarezinho)

23 de outubro de 2014

Coordenação: Rosane Gazolla Alves Feitosa (UNESP-FCL/Assis)

Sessão 2 – 14h00 – 15h30

SALA: 12 PI

Ionara Satin – (UNESP-FCL/Assis) – A Itália nas páginas dos jornais: crônicas machadianas.

Rodrigo Aparecido Ribeiro Da Silva (UNESP-FCL/Assis) - Presença francesa nas crônicas de Lima Barreto (1900-1924).

Rita de Cássia Lamino De Araújo – (UNESP-FCL/Assis – UENP/Jacarezinho) - A presença das estações do ano nas crônicas de D. João da Câmara

Rosane Gazolla Alves Feitosa – (UNESP-FCL/Assis) – O folhetim *O mistério da estrada de Sintra* (*Diário de Notícias*-Lisboa-1870).

Coordenação: Rita de Cássia Lamino de Araújo – (UENP-CLCA/Jacarezinho)

Sessão 2 – 16h00 – 17h30

SALA: 12 PI

Cristiane Prando Martini Toledo – (PUC/SP) – Memórias paulistanas.

Tayza Codina De Souza – (UNESP-FCL/Assis) – Crônicas de Berna: a experimentação literária clariceana no *Jornal do Brasil*.

Viviane Chaves De Souza – (UNESP-FCL/Assis) – *A Cigarra Literária*.

Maiara Keiko Uno – (UNESP-FCL/Assis) – Crônica: um modo de explicar e aproximar a língua portuguesa do grande público

RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES

RISOS À SOCAPA NA SEMANA ILUSTRADA: A CRÍTICA AOS ACRÓSTICOS DE ANTÔNIO JOAQUIM ÁLVARES

Adriana DUSILEK – Doutora (UNESP/Assis) – PNPd/CAPES

RESUMO: Tomando como fonte a *Semana Ilustrada* (1860-1876), busca-se apresentar um dos autores atingidos pela chamada “crítica às avessas”: o português Antônio Joaquim Álvares (1817- ?). Autor de *Os Lusos, ou a dominação de Portugal: poema em cinco cantos* (1862) e de *O poema da Imperatriz: em dois cantos à terminação da Guerra do Brasil contra o governo do Paraguai em 1870* (1873), um de seus tipos preferidos de composição era o acróstico. Entre as edições 570 a 718 aparecem, de forma esporádica, comentários a respeito da escolha desse poeta e de suas composições, as quais se destacam ridículas, porque anacrônicas e mal escritas. Muito mais que os acrósticos, que o leitor mal consegue ler, o que sobressai é o tipo de crítica a eles feito, prenhe de ironia, elogios descomedidos e algumas absurdas invenções. Esse tipo de crítica, que confunde e brinca com a ignorância de alguns leitores e até mesmo do próprio autor, o qual acreditara na sinceridade dos elogios, na verdade quer educar através do riso: *Ridendo castigat mores* é, inclusive, o lema do periódico carioca. Morando no Rio de Janeiro desde 1843, Antônio Joaquim Álvares, que fora agraciado por gentis palavras de José Feliciano de Castilho ao seu livro *Os Lusos*, ingenuamente teria crido nos louvores de Dr. Semana, – que exaltara o poeta em suas *Badaladas*, – e feito um acróstico com as letras que compõem o nome do semanário ilustrado. Confrontar, portanto, os acrósticos do poeta com a crítica irônica e sutil que lhe é feita, e refletir sobre o objetivo dessa crítica e de seu alcance, é o propósito deste trabalho. A maioria dos comentários sobre o poeta está na seção *Badaladas*, assinada pelo Dr. Semana, mas ainda há dois outros textos, sem assinatura: “Um monumento”, datado de 11/02/1874, e “Quadros de Pintura”, de 13/09/1874.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica literária; acróstico; *Semana Ilustrada*.

O NOVO ROMANCE HISTÓRICO: UMA ABORDAGEM HISTORIOGRÁFICA

Alessandro da SILVA – Mestrando (UEL) – CAPES

RESUMO: Já na *Poética*, Aristóteles deixou claro que caberia à História contar o que aconteceu e à Literatura o que poderia ter acontecido. Dessa forma, a primeira ficaria circunscrita à representação da verdade e do real e a segunda à verossimilhança. Ao pensar nessa relação entre tais campos de produção escrita, o presente artigo pretende mapear parte das principais discussões historiográficas sobre o Novo Romance Histórico a fim de compreender seu processo de formação e de sua respectiva crítica. Além disso, para exemplificar a discussão proposta em torno dessa modalidade do romance, será feito um breve comentário sobre a escrita de María Rosa Lojo, autora argentina que tem se destacado na produção do subgênero. Para tanto, tal pesquisa buscará reiterar discussões

sobre o gênero romance, demonstrando a transmutação desse ao longo do processo histórico e sua hibridação com a História, principalmente a partir do século XIX, quando esse passa a ser chamado Romance Histórico e, por fim, focar a configuração desse romance, que, em meados do século passado, foi apresentado à crítica, reconhecido como Novo Romance Histórico e por ela teorizado como uma mescla entre ensaio, ficção e realidade: um diálogo produtivo entre a História e a Literatura que usa, para unir os fios do texto, uma urdidura/tessitura que enreda a memória e as experiências individuais numa trama que se contrapõe a um discurso oficial eternizado e pretende explicitar as verdades das mentiras.

PALAVRAS-CHAVE: Romance; literatura; história; novo romance histórico.

A CIRCULAÇÃO TRANSATLÂNTICA DOS IMPRESSOS NO PERIÓDICO *O FUTURO*

Aline Cristina de Oliveira CATANELI – Doutoranda (UNESP /Assis) – CAPES

RESUMO: O termo globalização é um tanto quanto recente, mas ao contrário do que expressa o senso comum, a conexão das diversas partes do mundo remonta ao século XVI e se tornou mais acentuada durante o século XIX, quando os impressos passaram a circular junto aos viajantes e propiciaram a transferência transatlântica dos saberes. No Brasil, o oitocentos assistiu não só à abertura dos portos às nações amigas, fato que culminou com a entrada maciça de estrangeiros, mas também ao surgimento da imprensa nacional. Muitos foram os periódicos inaugurados à época e muitos deles tinham estrangeiros como proprietários. Nesse ínterim surge, em 1862, o periódico *O Futuro*, do português Faustino Xavier de Novais. O perfil editorial ostentado pelo jornal defendia as ligações culturais entre Brasil e Portugal, a despeito do sentimento lusofóbico que imperava no país desde a conquista da independência. Faustino realizou o intento de inserir a literatura portuguesa nas páginas de um periódico que circulava no Brasil, fato concretizado graças às relações de amizade com autores lusitanos consagrados, que lhe enviavam, de tempos em tempos, textos para serem publicados n`O Futuro. Além da literatura, que constituía o cerne do periódico, Faustino publicava cartas de seu irmão Miguel, que não havia, como ele, emigrado para o Brasil. Ainda que *O Futuro* procurasse, pelo menos no início, desmerecer a fortíssima presença francesa no âmbito cultural brasileiro, há também textos importados da França e publicados a fim de agradar os assinantes. Esta comunicação visa explicitar o papel de Faustino como mediador cultural entre Brasil, Portugal e França por meio dos impressos presentes n`O Futuro.

PALAVRAS-CHAVE: Século XIX; *O Futuro*; circulação dos impressos; transferências culturais.

METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA EM *MEMORIAL DO CONVENTO* (1982), DE JOSÉ SARAMAGO

Amanda BATISTELA – Mestranda (UNESP/Assis)

RESUMO: O presente trabalho tem o intuito de analisar traços intertextuais no romance *Memorial do Convento* (1982), do escritor português José Saramago, salientando a metaficção historiográfica a partir do diálogo que a obra estabelece com a História de Portugal. Ademais, também será proporcionada uma reflexão acerca da intertextualidade travada com *Obras do Diabinho da mão furada*, do dramaturgo António José da Silva, por meio da categoria das personagens, enfatizando-se as personagens Andre Peralta, de Silva, e Baltasar Mateus, de Saramago. De tal modo, almeja-se observar o modo como se efetiva o diálogo entre textos, assim como a finalidade de tal procedimento. Ressalta-se que o embasamento teórico pauta-se no conceito de metaficção historiográfica, a partir dos estudos de Linda Hutcheon, e nas pontuações sobre intertextualidade de Julia Kristeva. Portanto, Saramago retomou o passado, a fim de examinar por outra vertente a história de Portugal, instigando os leitores a refletirem sobre a História Oficial, sublinhando-se um olhar crítico e irônico que o autor dedica às classes nobres, dando voz à classe popular.

PALAVRAS-CHAVE: Intertextualidade; *Memorial do Convento*; José Saramago.

UMA FEIJOADA COMPLETA PARA DOIS: DIÁLOGO ENTRE A CANÇÃO DE CHICO BUARQUE E O CONTO DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO

Amanda MENDES – Mestranda (UNESP/Assis) – FAPESP

RESUMO: O termo intertextualidade tem ocupado cada vez mais espaço dentro do contemporâneo, devido à grande quantidade de textos inéditos construídos a partir de ideias derivadas de outros textos. Isso ocorre propositalmente com a obra *Essa história está diferente – dez contos para canções de Chico Buarque*, organizada pelo escritor e jornalista Ronaldo Bressane e constituída por dez contos redigidos por diferentes escritores de lugares vários, nenhum deles completamente carioca, o que gera uma universalização na leitura das narrativas que foram compostas a partir das canções do grande compositor carioca Chico Buarque de Hollanda. Autores que, seguindo as viagens da mente, imaginaram o que diziam as canções do mestre e colocaram suas ideias no papel, alguns deles levaram as histórias em seus sentidos literais e outros as utilizaram apenas como ponto de partida para manifestarem aquilo que seus pensamentos descreviam sob outros ângulos. Para a elaboração desta comunicação, foi escolhida uma canção de Chico Buarque chamada *Feijoada completa* que dialoga com o texto de Luís Fernando Veríssimo também intitulado *Feijoada completa*. O motivo para tal escolha foi a fidelidade com que o escritor reescreveu a música, acrescentando alguns detalhes e descontração a ela, sendo ele um dos que optaram por acompanhar o sentido literal da canção. Com frases parecidas, ou em alguns casos completamente iguais, Veríssimo elabora uma narrativa surpreendente e, ao mesmo tempo, atraente para o leitor moderno, fazendo-o refletir no modo como algumas famílias ainda permanecem presas ao passado em uma sociedade que é, simultaneamente, progressista e conservadora.

PALAVRAS-CHAVE: *Feijoada completa*; intertextualidade; *Essa história está diferente - dez contos para canções de Chico Buarque*; música; conto.

MEMÓRIAS DE UMA INFÂNCIA DE LIÇÕES: A (DE)FORMAÇÃO DE PILAR EM “CONTO DE ESCOLA”

Ana Carolina MENOCCI – Graduanda (UNESP/Assis) – FAPESP
Orientadora: Dra. Gabriela Kvacek BETELLA – Pós-doutora (UNESP/Assis)

RESUMO: “(...) Mas o diabo do tambor...”. Assim termina o “Conto de escola”, de Machado de Assis, narrativa que guarda um dia da infância de um menino que na escola aprendeu muito mais que lições de gramática, e permaneceu com a lembrança da banda de fuzileiros. O relato de memória desse sujeito ficcional nos situa no tempo em que ele era uma criança, um menino das primeiras letras, e mostra também que, adulto, ele ainda conserva cada detalhe daquele dia que marcou sua infância e sua vida para sempre. Nossa análise tem a premissa de que a memória individual, coletiva, ficcional ou registrada pela história, pode se manifestar (e se preservar) na literatura por meio de gêneros híbridos. Neste trabalho, cuja base teórica auxilia o exame da estrutura narrativa machadiana (SCHWARZ, 2012), do caráter memorialista individual, coletivo e histórico (GLEDSON, 2006) e das relações do conto com o gênero romance de formação (MAZZARI, 1999 e BOES, 2006), apresentamos os resultados parciais da pesquisa com objetivos voltados para o estudo de um tipo de personagem machadiano e suas relações com a expressão de uma história individual e da história brasileira. No “Conto de escola” o narrador é Pilar, o tempo dos acontecimentos coincide com o final do período regencial e a antecipação da maioria de D. Pedro II, e o protagonista aprende, no banco de escola, a corrupção e a delação. Sobressaem no relato imagens descritas a partir de objetos sedutores (a moeda ou “pratinha” recebida e perdida, a calça amarela, a palmatória) e as sensações repulsivas ou inebriantes (a dor dos “bolos” da palmatória, o som do tambor). Nesse conto, o período de formação do protagonista é evocado para revelar descontinuidades e valores do processo histórico e como resultado de uma formação individual.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; “Conto de escola”; Machado de Assis.

A MEMÓRIA TEMÁTICA E FORMAL EM *GALILEIA* (2009), DE RONALDO CORREIA DE BRITO

Ana Carolina Negrão Berlim de ANDRADE – Doutoranda (UNESP/Araraquara)

RESUMO: Nesta comunicação, abordaremos o romance *Galileia* (2009), de Ronaldo Correia de Brito, utilizando como aparato teórico as considerações formuladas por Gérard Genette em *O discurso da narrativa* (s/d). O romance é narrado por Adonias, um médico de Recife que, em companhia de seus primos, volta ao local comum de origem, a fazenda Galileia, para rever o avô, muito doente. Uma vez no sertão, o comportamento do narrador-protagonista começa a se modificar, assim como o seu discurso, cuja estrutura é definida pelo ato rememorativo, o qual recria histórias tradicionais da família e revive as suas próprias experiências passadas na Galileia, refazendo o percurso histórico da família ao mesmo tempo em que narra fatos relativos à viagem em si. Essa é, portanto, uma viagem simultaneamente concreta e simbólica às suas origens, representadas pela fazenda homônima e pela recordação de histórias que essa suscita. A alternância entre fatos

passados e fatos presentes faz com que a linearidade cronológica seja abolida em nome de uma dinamicidade que simula o próprio ato rememorativo. Este aspecto, relacionado à categoria genettiana da Ordem, é a principal característica estrutural da obra, de modo que as propostas teóricas de Genette nos auxiliam a entender o funcionamento dessa narrativa entrecortada, possibilitando não só a descrição dos fenômenos técnicos e estilísticos, como a sua importância para a obra, sua função específica dentro desta.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; *Galiléia*; Gerard Genette; ordem; discurso.

A ESPECULAR NARRATIVA INTERTEXTUAL DE A AUDÁCIA DESSA MULHER, DE ANA MARIA MACHADO

Ana Maria CARLOS – Doutora (UNESP/Assis)

RESUMO: Este trabalho pretende investigar o procedimento intertextual do romance *A audácia dessa mulher*, de Ana Maria Machado (1999). Nosso objetivo é investigar, através da análise de um romance contemporâneo, como esse tipo de estratégia tem se desenvolvido na atualidade, visto que, desde a década de 1960, a intertextualidade tem assumido um peso significativo nas produções artísticas, caracterizando-se cada vez mais como uma das formas privilegiadas de memória que a literatura possui. Em *A audácia dessa mulher*, "um romance apaixonado pelos bons romances", Ana Maria Machado faz com que o leitor seja remetido, através do procedimento intertextual, às obras de Flaubert, Virginia Woolf, José de Alencar, Henry James e muitos outros, mas, sobretudo, à obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e seu eterno tema da infidelidade. Além disso, a escritora também utiliza o procedimento metaficcional, espelho em que vemos refletido diversos questionamentos sobre a própria literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Ana Maria Machado; *A audácia dessa mulher*; intertextualidade; metaficção.

MISSANGAS SILENCIADAS: CONSIDERAÇÕES SOBRE A MEMÓRIA FEMININA EM O FIO DAS MISSANGAS

Ana Zilda Ramos FORNASIER – (UNESP/Marília)

RESUMO: Ausência, claustro, inexistência, lembranças, sofrimento, mentiras, traição, sombras, morte e distopia. Eis alguns termos representativos do estado anímico de uma personagem feminina, motivadores da necessidade de rememorar sua história na qual se encontrava profunda e inevitavelmente imersa. Por constituir-se de inúmeras temáticas, o presente estudo pretende mostrar de que modo a figura feminina se sobrepõe à memória e à experiência. Para tal intento, fizemos uma releitura do conto "Meia culpa, meia própria culpa", que compõe a obra *O fio das missangas*, do moçambicano Mia Couto, publicada em 2004 pela Editorial Caminho e reeditada em 2009 no Brasil pela Companhia das Letras. Nessa releitura, ancorada nos conceitos de memória e esquecimento segundo Paul Ricoeur, e nos pressupostos benjaminianos acerca do narrador, e ainda com base em determinadas

contas teóricas desenvolvidas por pesquisadores da obra moçambicana, procuraremos elencar alguns aspectos observados nessas filigranas miacoutianas que se entrelaçam no interior da narrativa. O primeiro aspecto diz respeito à relação entre as reminiscências e as experiências evocadas pela homodiegese. E o segundo, demonstrar como a figura feminina emana sua força e seus valores diante do poder masculino no âmbito das relações sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; esquecimento; figura feminina; *O fio das Missangas*; Mia Couto.

AS INTERTEXTUALIDADES EM “NOCHE DE WALPURGIS EN LUCERNA” DE JORGENRIQUE ADOUM

Andrea Estefanía Guerra SOTOMAYOR – Mestranda (UNESP/Assis) – CAPES

RESUMO: A obra intitulada *Los amores fugaces: memórias imaginarias*, do escritor equatoriano Jorge Enrique Adoum é rica em intertextualidades. Formada por cinco relatos, a obra trata de cinco histórias de amor que o narrador viveu. O segundo relato, intitulado “Noche de Walpurgis en Lucerna” é possivelmente aquele que apresenta mais intertextualidades. Para isto, é importante entender alguns conceitos que nos aproximam à noção de intertextualidade. Segundo Bakhtin, apud Kristeva (1974), todo texto é o resultado da absorção de outro ou outros textos. Em “Noche de Walpurgis en Lucerna”, Adoum se apoia no livro *Der Zauberberg (A montanha mágica)* de Thomas Mann, para comparar seu herói e a figura feminina protagonista, com Hans Castorp e Clawdia Chauchat. Por outro lado, o próprio título do relato é o nome de um capítulo do livro de Mann. Além dessa intertextualidade, encontram-se outras, como a peça de teatro de Beckett, *Esperando a Godot* ou o conto de Thomas Bayley Aldrich, *Sozinha com sua alma*. Graças a isto, é importante apontar uma observação feita por Barthes (1988), isto é, que o texto é feito de múltiplas escritas

PALAVRAS-CHAVE: Jorge Enrique Adoum; intertextualidade; memória.

MULHER E CRÔNICA: FRAGMENTOS DA MEMÓRIA EM VIVINA DE ASSIS VIANA

Andréia Nogueira HERNANDES – Pós-Doutoranda (Universidade de Évora)

RESUMO: O presente trabalho objetiva evidenciar o funcionamento das diferenças de gênero e das relações de poder, em especial no que diz respeito à condição feminina em determinado contexto social, por meio da análise de discursos e ideias contidas em algumas crônicas selecionadas de Vivina de Assis Viana (1940). Escritora de literatura infanto-juvenil, Viana publicou, durante dez anos, crônicas semanais no suplemento *Fim de Semana* do jornal *Estado de Minas*. A crônica, texto da “escrita do tempo”, do registro dos momentos, e que carrega com ela as marcas do período de sua escritura, é também efêmera por natureza, em razão de seu suporte pouco duradouro. Assim, as crônicas são textos que merecem ser explorados na medida em que possuem um vínculo contraditório e não-

arbitrário com as questões do tempo presente, o tempo do relógio, bem como do tempo passado, aquele no qual foi escrita. Desta forma, as crônicas escolhidas, “Tempos e dias de hoje” e “Deus te abençoe”, narram historietas de décadas atrás, permitindo, por meio de pequenos fragmentos grandemente simbólicos, serem identificadas marcas da condição feminina à época e dentro de um panorama social, atestando de que forma as memórias documentadas de forma individual podem resgatar as memórias de todo o coletivo de uma época ou sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Vivina de Assis Viana; crônicas.

O ESPAÇO SEM FRONTEIRAS DE “EL ASTRONAUTA PARAGUAYO”, DE DOUGLAS DIEGUES

Angela Cristina Dias do Rego CATONIO – Doutoranda (UNESP/Assis)
Coautora: Ester Miryam Rojas OSORIO – Doutora (UNESP/Assis)

RESUMO: A poética de Douglas Diegues se insere na contemporaneidade entre as mais inovadoras e inusitadas formas de se construir poesia. A partir do livro “El astronauta paraguay” (2007), este estudo se propõe a investigar a construção lírica *sui generis* do poeta Douglas Diegues ao mesclar as línguas portuguesa, espanhola e guarani: o portunhol selvagem. A linguagem inusitada da obra emerge em sua forma híbrida e mestiça como uma língua anárquica, irônica e engajada, situando-se acima dos espaços geográficos e culturais, e circula além das fronteiras entre Brasil e Paraguai. A produção de Diegues traduz uma desobediência à língua padrão e, sobretudo, uma experimentação de amalgamar o português, o espanhol e o guarani em uma única língua. Assim, procura-se desvendar as características dessa linguagem transfronteiriça no livro a analisar e discutir seus aspectos simbólicos e culturais, uma vez que a obra de Diegues propõe uma forma diferente de encarar o local e o global e de estabelecer contornos bem próprios a uma tendência literária contemporânea de caráter híbrido. O portunhol selvagem extrapola a oralidade dos habitantes da fronteira para chegar à escrita poética, rompendo os padrões convencionais da linguagem e apresentando um universo particular em que não há regras gramaticais a serem seguidas.

PALAVRAS-CHAVE: Portunhol selvagem; linguagem transfronteiriça; Douglas Diegues.

A REPRESENTAÇÃO DA MORTE FEMININA EM ALGUNS CONTOS DE MARINA COLASANTI

Angela Simone Ronqui OLIVA – Doutoranda (UEL)

RESUMO: A escritora contemporânea Marina Colasanti é conhecida, principalmente, por abordar questões sobre o universo feminino e por sua luta em defesa dos direitos das mulheres, temática encontrada, sobretudo, em seus ensaios. Colasanti ganhou destaque também por sua obra literária infanto-juvenil que, geralmente, remete-se ao mito, a lendas e

ao maravilhoso mundo dos contos de fadas. Contudo, encontramos também, em sua literatura, temáticas adultas, tais como o amor, a violência e a morte, esta última ocorrida nos contos analisados no presente trabalho, sempre em relação à figura da mulher, apresentada como ser que sofre punições e diversos tipos de violências constantes por parte da figura masculina. Os quatro contos analisados neste trabalho, a saber: “Verdadeira história de um amor ardente”, “Quando já não era mais necessário”, presentes em *Contos de amor rasgados* (1986); “Um espinho de marfim” e, finalmente, “Porém igualmente” extraídos da obra *Um espinho de marfim & outras histórias* (1999), demonstram a extrema violência que as protagonistas sofrem, levando-as à morte. As atitudes e valores patriarcais anulam a identidade de todas as personagens que não encontram saída para um destino fadado à opressão masculina e acabam morrendo. Sobre os crimes contra as mulheres, Colasanti afirma que: “Os homens vão continuar nos matando por algum tempo. A sociedade vai continuar nos esmagando por algum tempo. Mas por pouco. Porque nós vamos tornar isso cada vez mais difícil. Até a total impossibilidade” (1981, p.55). Por meio da análise destes contos, pretendemos demonstrar que, além de seus ensaios, a literatura de Colasanti também é militante, engajada na luta em defesa das mulheres, denunciando os valores machistas patriarcais.

PALAVRAS-CHAVE: Marina Colasanti; morte feminina; militância.

A PREOCUPAÇÃO COM A RECEPTIVIDADE NO ROMANCE *A AUDÁCIA DESSA MULHER* DE ANA MARIA MACHADO

Arlete Aparecida MATHIAS – Doutoranda – (PUC/SP)

RESUMO: A intertextualidade, o descentramento do autor e a crise do sujeito na modernidade líquida são focos temáticos deste estudo. Para debatê-los como questão, delimitou-se fronteiras no romance contemporâneo *A Audácia dessa mulher* (1999), escrito por Ana Maria Machado, que, na ação de “escritora”, assume o controle simultâneo de sujeito leitor e escritor. A referida autora, aparentemente, subverte cânones da literatura ocidental, alude explicitamente o escritor Machado de Assis por meio da obra D. Casmurro e reinventa Capitu na obra delimitada. O discurso *avant la letre* ou hipertextual é arcabouço da trama, isto é, a autora premedita *links*, intervalos e deixa brechas que possibilitam liberdade para o sujeito leitor interagir e traçar o próprio roteiro de sua leitura interpretativa. Contudo, apesar da obra demarcada plantar suas raízes hereditárias em obras fundamentais do cânone literário ocidental e clássicos universais; a incursão da trama dessa criação hodierna sugere intertextualidade à velha mãe das narrativas. O objeto demarcado demonstra preocupação com a receptividade e desterritorialização do autor e este é um assunto discutido, principalmente, a partir da teoria de Roland Barthes, *A Morte do autor* e do raciocínio de Michel Foucault ao contestar sobre *O que é um autor?* Entretanto, este escopo também atrela aliança do foco temático com outros raciocínios que checam o sujeito moderno em crise, o escritor se reinventando e dando potência para a literatura contemporânea seguir adiante com um discurso aberto e, assim, ela resiste a um mundo governado por mídias e retalhado na malha das redes.

PALAVRAS-CHAVE: Releitura; sujeito leitor; intertexto; modernidade líquida; Ana Maria Machado; Machado de Assis; hipertexto.

PAI, REI E DIABO: A REPRESENTAÇÃO MASCULINA NA LITERATURA DE CORDEL

Bárbara Laís Falcão da Silva CAÇÃO – Mestranda (UNESP/Assis) – CAPES

RESUMO: A literatura de cordel, em seu pioneirismo, contou com muitos folhetos que serviam como cartilhas para o comportamento social. O caráter didático-moralizante que esse segmento da produção cordelista assumiu, pretendia frear a liberdade feminina, bem como alertar às figuras masculinas sobre os “perigos” que a emancipação das mulheres poderia trazer naquele período. O homem, então, aparece como o detentor supremo do poder, o mais forte, o mais viril, e o que deveria ser obedecido, sempre ocupando um lugar privilegiado nas relações de poder, já que a ele cabia o papel de mentor. Ainda que aparecesse como vilão, continuava a ser exaltado pelos poetas populares que ressaltavam aspectos importantes para a afirmação do homem em detrimento da mulher. Com base nisto, o presente trabalho tem como objetivo analisar a representação masculina de pai, rei e diabo nos folhetos “romance” *A História da Princesa do Reino da Pedra Fina*, de João Martins de Athayde, e *História de Roberto do Diabo*, de Leandro Gomes de Barros, que ilustram adequadamente esse segmento pertencente à literatura de cordel produzida na primeira metade do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura de cordel; representação masculina; *A História da Princesa do Reino da Pedra Fina*; *História de Roberto do Diabo*; Leandro Gomes de Barros; João Martins de Athayde.

A MULHER DECADENTE NO ROMANCE *L'ÈVE FUTURE* DE VILLIERS DE L'ISLE-ADAM

Beatriz Moreira ANSELMO – Doutora – (UEM)

RESUMO: O escritor francês Villiers de L'Isle-Adam (1838-1889), ainda que não tenha participado do movimento simbolista, é considerado paradigma da estética dos símbolos. Sua aversão ao burguês, seu desprezo pelo estilo de vida da nova sociedade que se formava, seu culto a uma Arte Ideal influenciaram jovens autores e fortaleceram o comportamento daqueles que, assim como ele, assumiam a face de decadentista inadaptados àquela realidade do final do século XIX. Reconhecido como um dos mestres da língua francesa em decorrência do estilo peculiar de sua linguagem literária, Villiers foi um inovador no que concerne à mistura de gêneros literários e à presença da linguagem poética nos gêneros pelos quais transitou. Ao lado de sua tendência em buscar o Ideal por meio de uma linguagem pura e nobre há também a preocupação em construir textos que são verdadeiras sátiras à sociedade burguesa e aos progressos tecnológicos, como pode-se ler em seu romance *L'Ève future* (1886). Pela análise de tal romance, pretende-se evidenciar a representação das personagens femininas sob a ótica crítica do decadentismo.

PALAVRAS-CHAVE: Villiers de L'Isle-Adam; literatura francesa; simbolismo-decadentismo; personagem feminina.

A REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA NO ROMANCE DE VALTER HUGO MÃE

Beatriz Sodré RIBEIRO (UNESP/Assis)

RESUMO: Publicado em 2011, o romance *A máquina de fazer espanhóis*, de Valter Hugo Mãe, reconstrói a memória individual do herói de oitenta e quatro anos que, depois de perder a esposa se vê desamparado pelos filhos numa casa de repouso. O objetivo deste trabalho é refletir sobre o papel da memória individual e coletiva na pós-modernidade sob a perspectiva do sociólogo Maurice Halbwachs, alinhavados aos elementos da narrativa do romance de Valter Hugo Mãe. Engendradora com as reminiscências de personagens que não possuem nada além do passado, a obra caracteriza-se pelo tom confessional criando um tecido de memórias dentro do qual se recompõe a história de Portugal a partir do Estado Novo. Quando sua identidade começa a apagar-se num processo de perda simultânea da casa, espaço colorido e individual, dos filhos que lhe atribuem uma nova identidade e até do nome por ser mais um entre tantos *Silvas*, o protagonista Sr. Silva se agarra às suas lembranças para, dentro do espaço de exclusão, refletir sobre sua condição e entrelaça suas memórias individuais com a identidade portuguesa. É dessa forma que a narrativa preenche lacunas de uma história oficial, metaforizando o sentimento de perda da dignidade do povo português submetido ao regime autoritário de Salazar. Assim ocorre o processo de reconstrução da memória e da identidade, num contexto dialógico em que se entrecruzam memória individual e memória coletiva.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; identidade; romance contemporâneo.

IRONIA E QUESTIONAMENTO: O LEITOR IDEAL DO ROMANCE HISTÓRICO SARAMAGUEANO

Bruna Dancini GODK – Mestranda (UFPR)

RESUMO: É ponto recorrente na crítica literária contemporânea a reflexão acerca da relação problemática entre a ficção historiográfica e o discurso histórico tradicional. Linda Hutcheon (1991) caracteriza o que denomina metaficção historiográfica como aquela literatura que questiona não somente o modo de fazer literário, como também a própria concepção de história. No entanto, nos questionamos sobre o posicionamento que esse autor questionador tem como leitor. Afinal, todo autor é antes um grande leitor, como afirma Saramago (2010). É com esse questionamento em vista que nos debruçamos sobre a obra *História do Cerco de Lisboa* (2012). Nesse romance, Saramago não somente reescreve o episódio que dá título ao livro, como também retrata a motivação de um novo autor, Raimundo Silva. A personagem é um editor que, ao revisar um livro de cunho historiográfico sobre o Cerco de Lisboa, adota um posicionamento questionador e irônico em relação a esse discurso. Ao substituir a frase que determinava a ajuda dos cruzados aos portugueses por uma frase negativa, a história em si é questionada. Tal atitude tem por consequência um desafio, o de reescrever tal história de modo a incorporar o "não". Com tal enredo em mente, pretendemos investigar a construção dupla do romance, como metanarrativa e como romance histórico.

PALAVRAS-CHAVE: José Saramago; literatura portuguesa; pós-modernidade.

GIDE: UMA TOPOGRAFIA

Bruna de CARVALHO – Mestranda (USP/SP) – FAPESP

RESUMO: Almejo nesta comunicação trazer à luz alguns elementos que tornem possível o esboço de uma topografia enunciativa na obra de André Gide. Para isso, detenho-me na análise de dois indicadores linguísticos: o pronome “eu” nas formulações em que ele surge junto do conectivo “mas”, em livros como *Le Prométhée Mal-Enchaîné* e *Les Faux-Monnayeurs*. A simultaneidade desses dois indicadores linguísticos designa uma especificidade na enunciação gideana que transcende quaisquer obras vistas isoladamente. Para a exploração dessa especificidade, minha reflexão se calcará no texto de Émile Benveniste intitulado “De la subjectivité dans le langage”, no qual o linguista sugere que o pronome “eu” não é a expressão pura de um sujeito, tampouco o correspondente linguístico de um indivíduo real, mas o indicador de um *posicionamento* tomado diante da língua. “Eu” é a emergência de algo que deve sobretudo ser pensado em termos espaciais. Reluz assim, sob minha perspectiva, o desejo de esboçar uma topografia, isto é, de me valer da ideia de posicionamento, de coordenadas dentro do terreno da língua, para observar como operam os “eus” e os “mas” em Gide. Trata-se de uma busca por instrumentos críticos que fogem de categorias como “narrador”, por exemplo, e essa busca resvala na necessidade de um hibridismo constitutivo do próprio ponto de vista crítico, para além dos possíveis hibridismos do “objeto” literário.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura francesa; enunciação; crítica literária.

AS PRIMEIRAS CRÍTICAS NA RECEPÇÃO DO ROMANCE *O LUSTRE* DE CLARICE LISPECTOR: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

Bruno Miranda SANTOS – Mestrando (USP/SP) – CAPES

RESUMO: O segundo romance de Clarice Lispector, *O lustre*, publicado em 1946, não teve a mesma repercussão e divulgação que o seu antecessor *Perto do coração selvagem*, de 1944. Porém, dentre textos de jornais, artigos acadêmicos, capítulos de livros, teses e dissertações, encontramos um número razoável de trabalhos sobre tal romance desde a data de sua publicação até os dias de hoje. O presente trabalho consiste em reunir e analisar criticamente os textos mais importantes a respeito de *O lustre*, escritos no mesmo ano de sua publicação, que são os de Sérgio Milliet, Álvaro Lins, Gilda de Mello e Souza e Oswald de Andrade. Com o objetivo de investigar as diferentes posições dos autores, colocando-as em diálogo e verificando de que modo foram contestadas ou permaneceram atuais para a próxima geração de críticos dessa obra. Esses primeiros textos são de suma importância para entendermos as primeiras linhas de força identificadas pela crítica em *O lustre*. Iniciando pela comparação do estilo de Clarice Lispector com o de autores consagrados do cânone universal – como James Joyce, Virgínia Woolf e Franz Kafka –, tais autores ainda destacaram aspectos como: o monólogo interior, o romance centrado na protagonista, o caráter menos episódico e descritivo da narrativa, a análise psicológica dos personagens, a mudança no sentido corrente das palavras e a combinação de termos

contrários, o excesso na adjetivação, a tendência ao estilo hermético, o tema do mistério, do segredo, da busca.

PALAVRAS-CHAVE: *O lustre*; Clarice Lispector; crítica literária brasileira.

A QUESTÃO DA MEMÓRIA EM MARCEL PROUST

Carla Cavalcanti e SILVA – Doutora (UNESP/Assis)

RESUMO: A obra *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, é reconhecida, dentre outros aspectos, como uma obra da memória. Um dos episódios mais comentados do romance proustiano é quando a cidade de Combray, vila de infância do narrador-herói, emerge de uma xícara de chá de tília combinada com pedaços de um bolinho em formato de concha de São Tiago, nomeado madeleine. Desse episódio emergem não somente a memória do narrador-protagonista, mas o fio narrativo difere do da primeira parte do livro, quando temos uma perspectiva truncada do passado desse narrador. Esse episódio, contido no primeiro livro da *Busca – No caminho de Swann* – vem acompanhado de outros de mesma temática desenvolvidos ao longo do romance, sobretudo no último volume – *O Tempo Redescoberto*. Desse modo, espaços e lembranças julgados, esquecidos pelo protagonista, retornam a partir de sensações que envolvem o paladar, audição e tato. Essas passagens foram, durante certo tempo, ligadas aos estudos sobre Tempo e Memória realizados pelo filósofo Henri Bérghson. Sabemos que Proust frequentara o curso de filosofia de Bérghson e que estabeleceu um diálogo com ele, contudo, ao estudar com mais detalhe os estudos do filósofo e a literatura proustiana, percebemos diferenças significativas entre eles. A presente comunicação tem por objetivo discutir a questão de tempo e memória em Proust, contrastando-a com os escritos do filósofo, notadamente os de seu livro *Matéria e memória*. Temos por objetivo mostrar como a literatura vem atualizar essas questões filosóficas e como ela propõe outra visão do tempo e da memória.

PALAVRAS-CHAVE: Marcel Proust; memória; Henri Bérghson.

MEMÓRIA E SOCIEDADE: A PRESENÇA DA IMPRENSA OITOCENTISTA PORTUGUESA EM O PRIMO BASÍLIO

Carlos Alberto CORREIA – Doutorando (UNESP/Assis) – CAPES

RESUMO: Comentaremos acerca da produção jornalística oitocentista portuguesa presente no romance realista-naturalista, *O primo Basílio*, de Eça de Queirós. A partir da percepção da grande quantidade de referências a periódicos inseridas nesse romance, procuraremos pontuar como esses jornais integraram o panorama cultural e factual da segunda metade do século XIX português e sua inserção no enredo do referido romance. Para tal, nos valeremos dos posicionamentos de José Tengarrinha, Abdala Junior e Paschoalin, Carlos Reis, Marlyse Meyer e José Pedro Souza, no que tange à imprensa oitocentista e à sua relação com os aspectos culturais e sociais do período Realista-Naturalista português.

PALAVRAS-CHAVES: Imprensa oitocentista portuguesa; *O primo Basílio*; Eça de Queirós.

VOZES DO ARMÁRIO NA ADAPTAÇÃO CINEMATOGRAFICA DA PEÇA TEATRAL *THE NORMAL HEART*

Carlos Eduardo de Araujo PLACIDO – Mestrando (UFSCar) – CAPES

RESUMO: *The Normal Heart* (2014) é um filme americano, produzido pela HBO, dirigido por Ryan Murphy e baseado na peça teatral homônima (1985), de Larry Kramer. Sua história central gira em torno dos primeiros casos constatados de HIV nos Estados Unidos, em espaço homoerótico, e como tais constatações acabam influenciando diretamente as relações intersubjetivas de seus personagens em plena era efervescente da liberação sexual. A diegese se inicia com o protagonista, e provável alter ego de Larry Kramer, Ned Weeks presenciando a morte de um amigo por causas, até então, desconhecidas. Seu amigo é levado aos cuidados médicos da Dra. Emma Brookner, uma das poucas médicas que tratam dessa doença obscura e aparentemente fatal. Logo após o trauma inicial, o protagonista decide organizar uma ação a fim de combater efetivamente essa doença, angariar verbas governamentais para estudos científicos com o intuito de erradicá-la e conscientizar os cidadãos de seus arredores sobre a força devastadora desse vírus ainda sem nome. Devido a diversas incertezas, quesitos, de grande relevância para a luta dos direitos gays e lésbicos, tais como “estar dentro ou fora do armário” (SEDGWICK, E. K., 1990), heteronormatividade (WARNER, M., 1991), homofobia (WEINBERG, G., 1971), ex-centrismo (HUTCHEON, L. 1989), desconstrução dos binarismos (DERRIDA, J., 1967) de gênero e orientação sexual são trazidos à tona, não apenas expostos, mas, também, (re)questionados à guisa do introito de uma epidemia aprioristicamente ignota, entretanto, de grande impacto econômico e psicossocial. Por isso, esse trabalho visa analisar como esses quesitos importantes são representados literariamente (GENETTE, G., 1983) e cinematograficamente (AITKEN, D. 2006) no écran.

PALAVRAS-CHAVES: Homoerotismo; cinema contemporâneo americano; homofobia.

UM OLHAR EM PROGRESSO: LENTES SOBRE A FORTUNA CRÍTICA DE HILDA HILST

Carlos Eduardo dos Santos ZAGO – Doutorando (UNESP/Assis) – CAPES

RESUMO: Levando em conta a vasta e híbrida obra da escritora Hilda Hilst, exercitada nos mais diferentes gêneros, como poesia, prosa e teatro, esta comunicação pretende analisar o que foi escrito sobre a dramaturgia da autora, tentando enumerar linhagens críticas e recortes temáticos. Isso pelo fato de sua dramaturgia elencar para si temas mais eminentemente políticos e materiais, diferenciando-se de sua publicação anterior, constituída por uma lírica mais marcadamente intimista e metafísica. Seu teatro, portanto, poderia ter lançado um novo olhar sobre o projeto literário da escritora. Porém, suas peças não receberam montagens de peso nos palcos brasileiros, o que provocou um

desconhecimento de tal produção literária por parte dos leitores e da crítica. Para agravar o quadro, a publicação completa desses textos, escritos entre os anos de 1967 e 1969, só ocorreram em 2008, pela editora Globo, que republicou toda sua obra. Este trabalho, então, buscará compreender como está se construindo a crítica sobre o teatro de Hilda Hilst e qual o lugar que essa faceta ocupa em sua fortuna.

PALAVRAS-CHAVE: Hilda Hilst; crítica literária; dramaturgia.

AS MEMÓRIAS EM *ANGÚSTIA*, DE GRACILIANO RAMOS: A HISTÓRIA ATRAVÉS DOS OLHOS DE LUÍS DA SILVA

Carolina Izabela Dutra de MIRANDA – Mestranda (UFMG) – CAPES

RESUMO: O romance *Angústia* (1936), de Graciliano Ramos, apresenta o personagem Luís da Silva, que, para entender sua própria história, narra as memórias de sua infância e juventude marcadas pela decadência da ordem patriarcal vivida por sua família, sua fuga para Maceió, o envolvimento com a filha do vizinho, Marina, e o assassinato de seu algoz, Julião Tavares. O objetivo deste trabalho é investigar a forma com que o narrador-protagonista de *Angústia* expressa por meio de suas recordações o controle e opressão a que se encontra subjugado e que resultam no ressentimento. Objetiva-se pesquisar ainda as consequências da utilização de um narrador em primeira pessoa como técnica para a reconstrução das memórias e conseqüentemente a forma com que elas poderão ser interpretadas. Esta pesquisa pretende estudar também a forma com que o narrador utiliza o recurso do autor implícito, calcado por Wayne C. Booth, para propor um julgamento de si e dos outros personagens como Marina e Julião Tavares, na tentativa de inocentar-se do crime cometido por ele. Para tanto, pretende-se estabelecer comparações com a obra de Fiódor Dostoiévski e objetiva-se ainda calcar-se nas perspectivas de teóricos como Jean Pouillon, Todorov, Gerard Genette e dos críticos Antonio Candido, Luís Costa

Lima, Luís Bueno e Lamberto Puccinelli. Este trabalho irá se basear também nas visões do filósofo Friedrich Nietzsche sobre a culpa e má consciência como elementos constituintes do discurso de Luís da Silva.

PALAVRAS-CHAVE: Memórias; narrador-protagonista; Graciliano Ramos; romance.

ZÉLIA GATTAI: MEMÓRIAS DE UMA MENINA ATREVIDA

Cátia Inês Negrão Berliini de ANDRADE – Doutora (UNESP/ASSIS)

RESUMO: A escritora Zélia Gattai, filha de imigrantes italianos, nascida na cidade de São Paulo, em 1916, ficou conhecida e firmou-se como escritora a partir de sua prosa memorialista. Seu primeiro livro, publicado quando a autora tinha 63 anos, trata das suas memórias de infância e juventude passadas na então provinciana cidade de São Paulo, cidade que à época nem vislumbrava tornar-se uma das cidades mais importantes econômica e culturalmente do país. *Anarquistas, graças a Deus*, publicado pela primeira vez em 1979, o livro que aborda essas memórias, já revela, a partir do título, a irreverência

e o desprendimento tão presente nas narrativas memorialistas da escritora. Assim, a partir de suas lembranças a escritora inicia um longo percurso memorialístico no qual estão presentes a memória individual e a memória coletiva, extrapolando os limites de suas casas, da Alameda Santos, a casa de sua infância, e da famosa casa do Rio Vermelho, na qual viveu com Jorge Amado, para o mundo, seja recordando e recontando as histórias de seus antepassados e a saga de vários imigrantes que chegaram ao Brasil em busca de vidas e dias mais promissores, seja contando suas idas e vindas ao lado do marido famoso pelo mundo. Tal é escrita é marcada, acima de tudo, pelo tom coloquial tão comum nas histórias orais passadas de geração em geração pelas famílias. Esse tom despojado e algumas vezes até cômico passa ao seu leitor a ideia de uma escrita despreziosa de quem objetiva contar ou recontar uma história apenas pelo prazer de contar, de dividir suas memórias e a de seus antepassados ajudando a construir um panorama sobre o período histórico abrangido. Assim, o presente trabalho tem como objetivo apresentar algumas características da escrita de Gattai que se apresenta como uma grande trama em que se mesclam continua e incessantemente a vida privada e a pública.

PALAVRAS-CHAVE: Zélia Gattai; memórias; hibridismo.

MEMÓRIA EM FRAGMENTOS - A SOMBRA DA SEGUNDA GUERRA NA ATUAL POESIA DE RUI PIRES CABRAL

Charles Marlon Porfírio de SOUSA – Mestrando (FFLCH/ USP) – CAPES

RESUMO: “Poemas-colagem” é como o poeta Rui Pires Cabral denomina suas mais recentes produções artísticas. A aproximação de imagem e texto não é algo inédito, entretanto, não estamos diante de uma mera citação de técnica, mas da retomada de determinadas tradições artísticas, como, por exemplo, o surrealismo, agora, com as cores contemporâneas e tingida, ainda, com as sombras de um passado que, ao que parece, não passou totalmente. Serão centrais duas obras “Broken” e “OH! Lusitania” lançadas em 2013 e 2014, respectivamente. Buscar-se-á, através delas, compreender quais as contribuições (est)éticas desta “nova fase” do trabalho do poeta, bem como situar este “novo” momento dentro de sua própria produção artística, bem como analisar a relevância e a insistência em um tema à primeira vista antigo, como a Segunda Guerra Mundial. Em suma, investigar sua atualidade e atualização.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia contemporânea; poema-colagem; Segunda Guerra; fragmento.

REPRESENTAÇÕES LITERARIAS E HISTÓRICAS EM A VIAGEM DO ELEFANTE (2008), DE JOSÉ SARAMAGO

Cintia de Vito ZOLLNER – Mestranda (UNESP/Assis)

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar os aspectos literários presentes na representação memorialística e histórica da ficção de José Saramago, a partir dos

significados do presente do Rei de Portugal, D. João III, para o Arquiduque Austríaco, Maximiliano II. Saramago, em uma viagem a Salzburg, na Áustria (Viena), decide escrever a obra *A viagem do elefante* quando, entrando em um restaurante chamado *O elefante* (Der elefant), na Áustria, observa representações e memórias do passado histórico, presentes em imagens vistas em pequenas esculturas de madeiras, que evidenciam o trajeto histórico do paquiderme; estes lhe são apresentados com maiores explicações significativas por sua companheira de mesa, Gilda. Na obra de Saramago, é o elefante Salomão que representa um “bem do Estado”, no contexto histórico de Portugal do século XVI (1469-1521). Em 1551, uma grande escolta para a viagem é organizada e segue o percurso de Lisboa, pela Espanha, desembarcando em Gênova, passando pelos Alpes do Tirol até a gloriosa entrada em Viena, na Áustria. Tal fato, de representatividade social e histórica da corte portuguesa, refletiu-se em práticas culturais diversas. O trabalho pretende apresentar a análise de personagens e de fatos desse resgate histórico, reconstituídos ficcionalmente, pelo “ator narrador”, com requintes literários de ironia, paródias e metáforas com caráter de “verossimilhança”, por meio da luz crítica do discurso do oprimido e que refletiram, literária e criticamente, diversas contestações diante de manipulações de poder.

PALAVRAS-CHAVE: Representações literárias; crítica literária; Linda Hutcheon; José Saramago.

MEMÓRIAS PAULISTANAS

Cristiane Prando Martini TOLEDO – Mestranda (PUC/SP) – CAPES

RESUMO: O objetivo do trabalho é centrar o olhar na ironia utilizada em crônicas “Ruas de São Paulo antigo”, “Paulistana”, “Terra essencialmente agrícola” e “Subsídios para a História da Independência”, extraídas da obra *Cavaquinho e Saxofone* (1940) de Antônio de Alcântara Machado, autor modernista participante do movimento que pregava a ruptura com o convencionalismo literário. Alcântara Machado utiliza uma linguagem leve e bem-humorada, espontânea e comunicativa, resultado, possivelmente, de sua atuação como jornalista. Trata-se de uma obra que ocupou os rodapés dos jornais (Saxofone) e posteriormente ganhava destaque em página do jornal (Cavaquinho). Repleta de flashes e cortes que possibilitaram uma comunicação fácil e direta com o público. Alcântara Machado inscreve nessa obra sua linguagem de maneira irônica, instaurando a ruptura que propõe acabar com o estilo rebuscado que até então marcava certa literatura da época. Uma criação poética, um estilo inovador, de cuidadosa elaboração de elementos retirados do jornal. Este estudo observará a maneira divertida e irônica em se referir ora aos acontecimentos históricos, ora aos políticos ou sociais que permitem com que os artifícios empregados pelo autor evidenciem a identificação com o movimento modernista, num resgate da memória da cidade de São Paulo, e a coloca sob os holofotes, digna de ser observada com um fluxo notável de intertextualidade que o autor tece em recortes que permitem visualizar a cidade dos arranha-céus.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; intertextualidade; ironia; crônicas; modernismo.

NARRATIVA, MEMÓRIA E SAUDADE EM KINAXIXI KIAMÍ

Dagoberto Rosa de JESUS (IFMT/Confresa)

RESUMO: O aumento do interesse pela produção literária de autores africanos resulta em vários estudos, em nossas universidades, nos temas ligados à produção literária das cinco nações africanas de língua portuguesa. O presente trabalho objetiva analisar a novela do escritor angolano Luandino Vieira, “Kinaxixi Kiamí”. Essa novela, juntamente com “Estória de Família”, compõe o livro *Lourentinho Dona Antónia de Sousa Neto & Eu*, escrito nos anos 1971 e 1972, período em que o autor estava no Campo de Concentração do Tarrafal, onde ficou preso por oito anos. O texto é uma narrativa em primeira pessoa, marcadamente influenciada pela oralidade – característica muito utilizada pelo escritor brasileiro Guimarães Rosa e por outros escritores africanos como Mia Couto – atribui à obra uma cor local. Num primeiro momento essa característica oferece certa dificuldade ao leitor frente ao vocabulário que logo é compensado pela força estética da narrativa. Buscaremos, após um breve contexto da literatura africana, apontar elementos estéticos, distanciamentos e aproximações com a literatura brasileira, mais precisamente com a prosa de Guimarães Rosa. Apontaremos, também, elementos da narrativa que buscam valorar a memória, a saudade, o lugar, o sentimento de amor e valoração da natureza, das coisas da terra, do mito.

PALAVRAS-CHAVE: Kinaxixi; literatura; memória.

EL FISCAL: A INTERTEXTUALIDADE NA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA

Damaris Pereira Santana LIMA – Doutora (UFMS)

RESUMO: Augusto Roa Bastos (1917-2005), escritor paraguaio, em seu romance *El fiscal*, demonstra através de suas memórias como a intertextualidade é condição essencial em sua produção. Roa Bastos utiliza esse recurso de retomadas fazendo um trabalho de transformação e assimilação de diversos textos, fazendo da prática narrativa um processo ativo e vivo. Roa Bastos se destaca pelo uso da intertextualidade, tanto em seus estudos teóricos como em sua produção narrativa. Em sua narrativa, Roa faz uso intenso de diferentes textos: míticos, religiosos, populares, filosóficos, da literatura universal, etc.. Em *El fiscal*, o romance que foi analisado para este simpósio, o escritor faz alusão direta e indireta à literatura mundial, citando, assim, muitos escritores e pensadores, antigos e contemporâneos, de diversas nacionalidades: espanhóis, franceses, alemães, norte-americanos, latino-americanos, o que evidencia o caráter universal do romance moderno paraguaio. A obra é fundamentada na intertextualidade, é notável a presença da biblioteca de Roa Bastos, pois ele a explicita através das fontes históricas e literárias quando menciona seus autores.

PALAVRAS-CHAVE: Roa Bastos; intertextualidade; literatura latino-americana.

O TEXTO LITERÁRIO E SUA IMPLICAÇÃO NO DISCURSO OFICIAL DO PÓS-GUERRA CIVIL ESPANHOLA

Daniel Carlos Santos da SILVA – Mestrando (USP) – CNPq

RESUMO: Esta comunicação tem por objetivo analisar a configuração da memória no conto "Madre, no entiendo a los salmones" (1990), de Montserrat Roig. Para tanto, buscamos orientar nossa discussão refletindo sobre as conexões existentes entre o texto literário e o discurso histórico, propondo conjunções e contrapontos que tais elementos estabelecem com o referido conto. Há no texto a apresentação de três vozes, retratadas através de distintas gerações, que refletem o período da guerra civil espanhola e suas consequências, promovendo a discussão sobre a importância da narrativa para a reflexão do discurso histórico. Desse modo, nosso estudo tem como pressupostos questões referentes à gênese histórica e sua constituição no texto literário (LUKÁCS: 2011), à experiência traumática (BENJAMIN: 1993) e seu reflexo na obra a ser analisada, bem como às questões referentes à literatura e sociedade (CANDIDO: 1965) e suas correlações com escrita de Roig. Estes encaminhamentos se conjugam para os questionamentos sobre como a estrutura narrativa, composta de maneira fragmentada pela sobreposição de tempos e vozes, e a temática acerca da relação de distintas gerações da Espanha, com o discurso oficial do país, sintetizam ficcionalmente e mantêm relações com o contexto histórico do pós-guerra. Sendo assim, buscaremos entender de que modo o estilo fragmentário na composição do texto literário reflete um possível processo de ruptura histórica e de resistência da memória representados na obra.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso literário; discurso histórico; Montserrat Roig; pós-guerra civil espanhola.

BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS: LITERATURA E MEMÓRIA

Daniela Ap. FRANCISCO – Doutoranda (UNESP/Assis)

RESUMO: Bartolomeu Campos de Queirós (1944 - 2012) alcançou grande prestígio no campo literário. Foi um escritor que constantemente reelaborava suas memórias para que o leitor pudesse entrar em seu universo revivido e revisitado. Escreveu *Ciganos* (1982); *Indez* (1989); *Por parte de pai* (1995); *Ler, escrever e fazer conta de cabeça* (1996); *O olho de vidro do meu avô* (2004); *Sem palmeira ou sabiá* (2006); *Vermelho amargo* (2011). Todas estas são narrativas permeadas pelas memórias do autor/personagem, repletas de doçura e amargura, anunciadas pelo olhar de seus respectivos narradores e nos fazem mergulhar em um mundo passado, mas que se torna — a cada leitura — presente e real. Ao realizar a leitura do conjunto dos textos memorialísticos de Queirós, é possível identificar características intertextuais nas obras que recuperam e preservam as memórias do autor e que, conseqüentemente, levam o leitor a questionamentos sobre o real e a fantasia desses enredos. Nessas obras de Queirós de cunho memorialístico, podemos perceber que não temos “[...] um adulto falando da infância para jovens, nem o adulto teorizando sobre o mundo infantil; é a infância, que o adulto não deixou morrer, que emerge no discurso da memória, atualizando o perdido” (OLIVEIRA, 2003, p. 118).

PALAVRAS-CHAVE: Memórias; Bartolomeu Campo de Queirós; intertextualidade; literatura juvenil; narrativa.

MACHADO DE ASSIS E O ALCAZAR LYRIQUE: UM NOVO OLHAR SOBRE UM ANTIGO PONTO DE VISTA

Daniela Mantarro CALLIPO – Doutora (UNESP/Assis)

RESUMO: Em 17 de fevereiro de 1859, foi inaugurado o Alcazar Lyrique, teatro situado na rua da Vala, perto da rua do Ouvidor, bem no centro do comércio fluminense, ao alcance de todos. O café concerto destacava-se pela elegância de sua arquitetura e pelo conforto das salas: tudo havia sido disposto de maneira a garantir ao público uma grande variedade nos espetáculos. No repertório, destacavam-se canções, *vaudevilles* e a ópera bufa de Offenbach, sem esquecer o célebre *cancan*, sempre aplaudido. No início, era proibido confessar que se frequentava o teatro; com o passar do tempo, porém, camarotes especiais foram construídos para que as famílias pudessem frequentá-lo e desfrutar de espetáculos alegres, em sintonia com o que se apresentava na França. Vários intelectuais brasileiros, contudo, protestaram contra o funcionamento do Alcazar, alegando que ali eram praticadas obscenidades, mesmo em dias santos. Além disso, o café concerto seria responsável pelo esvaziamento dos teatros sérios, em um momento de busca da consolidação do teatro nacional. Dentre esses intelectuais, estaria Machado de Assis, a quem inúmeros pesquisadores atribuíram críticas ferozes em relação ao teatro da Rua da Vala. Esta pesquisa pretende revelar um novo olhar sobre esse antigo ponto de vista, trazendo elementos importantes para essa discussão.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis; Alcazar Lyrique; crônicas.

AS MEMÓRIAS DO ROMANCE E O ROMANCE DAS MEMÓRIAS: SOLO DE CLARINETA E O TEMPO E O VENTO, DE ÉRICO VERÍSSIMO

Davi Siqueira SANTOS – Doutorando (UNESP/Assis) – CAPES

RESUMO: No fecundo terreno das memórias cultivado por Érico Veríssimo, em *Solo de clarineta*, há um significativo espaço reservado para a recordação da biblioteca imaginária que (trans)formou um simples leitor em destacado escritor. Nessa “casa de livros”, o memorialista reserva a prateleira central de sua estante principal para abrigar sua extensa produção de ficcionista. Partindo do livro de contos *Fantoches*, publicado em 1932, o autor passa por toda sua copiosa produção romanesca elaborada até o final da década de 1960. Por essa razão, o leitor das memórias de Veríssimo acompanha um grande número de comentários e reflexões do memorialista a respeito de suas publicações literárias, sejam elas romances, contos ou narrativas de viagens. Como não poderia deixar de ser, a trilogia, *O tempo e o vento*, está presente de um modo especial nesse amplo panorama recordativo de suas obras, uma vez que é cuidadosamente abordada. Seu destaque se adensa quando o memorialista estabelece canais de aproximação entre alguns personagens da ficção – os

Terra-Cambará – e alguns personagens das memórias – os Veríssimo. O objetivo do presente estudo é analisar a inserção dessa importante obra ficcional na prateleira veríssimiana, privilegiando o jogo intertextual que pode ser observado por meio do cotejo entre personagens memorialísticos e romanescos.

PALAVRAS-CHAVE: Érico Veríssimo; *Solo de clarineta*; *O tempo e o vento*; intertextualidade.

“ERNESTO DE TAL”: UMA COMÉDIA BRASILEIRA

Dayane MUSSULINI – Mestranda (UNESP/Assis) – FAPESP

RESUMO: A intertextualidade é uma marca recorrente na produção de Machado de Assis, que embora possua diversas funções dentro de suas obras, é reconhecível, principalmente, como artifício fundamental do seu processo criador, bem como da compreensão de seus textos. Nesse sentido, o presente trabalho busca analisar a presença da comédia francesa *Le Barbier de Séville* (1775), de Beaumarchais, na terceira narrativa que compõe *Histórias da meia-noite* (1873), “Ernesto de tal”, de Machado de Assis. Considera-se, nesse caso, a intertextualidade assim como a definiu Tiphaine Samoyault (2008), isto é, como uma prática em que o texto é capaz de trazer consigo a biblioteca do escritor, a qual deve ser entendida pelo leitor e compartilhada com ele, de modo a construir uma memória da literatura. Ademais, é possível pensar nesse procedimento intertextual da narrativa machadiana em questão como maneira de colaborar com seu projeto literário, na medida em que o autor fluminense defende a ideia de que a literatura se faz a partir de um mosaico de literaturas, sejam elas expressões de uma mesma nação, sejam de nacionalidades distintas.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis; intertextualidade; presença francesa.

MEMÓRIA E CORPO FEMININO EM “A STROKE OF GOOD FORTUNE”

Débora Ballielo BARCALA – Mestranda (UNESP/Assis)

RESUMO: O presente trabalho é fruto de uma pesquisa de Mestrado, ainda em seu estágio inicial, denominada “O grotesco e a personagem feminina em Flannery O’Connor” e pretende apresentar uma análise do conto “A Stroke of Good Fortune”, de Flannery O’Connor. O enfoque principal será na análise da personagem Ruby Hill, que, ao subir as escadas de seu prédio com muita dificuldade, começa a lembrar-se da mãe e, em especial, do parto de seu irmão mais novo. A partir dessas lembranças, Ruby reflete sobre sua própria vida, sua relação com o seu corpo e com o gênero masculino. Halbwachs defende que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Para Ecléa Bosi, por mais que a memória coletiva seja importante, é o indivíduo que recorda, já que a memória se desenvolve a partir da convivência familiar, escolar e profissional. Segundo Prown, a gravidez, que pode ser considerada a expressão corporal mais visível da feminilidade, serve como punição para as personagens de O’Connor, talvez devido a sua

relação com uma tentativa das mulheres de vivenciar a própria sexualidade. Assim, o objetivo da análise é oferecer reflexões a respeito da memória individual de Ruby e sua relação com a construção de sua identidade de gênero e com a gravidez que insiste em negar. Também serão tecidos comentários sobre a relação da própria autora com esse conto, considerado por ela um dos mais fracos de sua obra, apesar de ser um dos mais fortemente engajados com o ponto de vista da mulher.

PALAVRAS-CHAVE: Flannery O'Connor; personagem feminina; gênero; memória.

RELATOS DE PRISÃO NO CONTEXTO SOVIÉTICO

Denise Regina de SALES – Doutora (UFRGS)

RESUMO: Aleksandr Soljenítsin, com *Arquipélago Gulag* e *Um dia na vida de Ivan Denissovitch*, é o representante primeiro do relato de prisão no período soviético. Vencedor do prêmio Nobel de 1970, pela força ética com que tem seguido as tradições indispensáveis da literatura russa, tornou-se a voz de denúncia mais conhecida no exterior. Há, no entanto, outra voz igualmente merecedora de atenção, a de seu colega de Letras e de cárcere, Varlam Chalamov. Diferentes na forma, as obras desses dois autores, quando analisadas e confrontadas, ajudam a compreender melhor a relação entre memória, história e literatura. O relato dessas testemunhas, no sentido atribuído por Giorgio Agamben, trata de uma realidade que excede necessariamente os seus elementos factuais. Se em *Arquipélago Gulag*, há um imperioso desejo de informar, de fazer referências a pessoas e acontecimentos reais, em *Contos de Kolimá*, a subjetividade manifesta-se plenamente, sem temer a dificuldade de transmitir experiências íntimas extremas. Interessa-nos refletir sobre as especificidades das obras desses dois autores, analisando em que medida a memória, a história e a ficção estão presentes em cada uma delas e afetam o resultado literário final.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura soviética; relato de prisão; Varlam Chalamov; Aleksandr Soljenítsin.

MACHADO DE ASSIS SOB A PERSPECTIVA DE AGRIPPINO GRIECO

Ederson Murback ESCOBAR – Mestrando (UNESP/Assis) – CAPES

RESUMO: Este trabalho visa rever algumas afirmações do crítico Agrippino Grieco sobre a obra de Machado de Assis. Dono de uma crítica corrosiva, Grieco deixou que suas opiniões pessoais sobre Machado interferissem nas suas análises, o que culminou em grandes prejuízos no entendimento da obra do autor de *Helena*. Para que esses danos sejam reparados, propõem-se aqui uma análise pormenorizada de algumas questões intrínsecas à obra machadiana. Contra as concepções de “cópia” ou “dívida literária”, apresentadas por Grieco, proporemos uma análise intertextual que se baseie no diálogo entre obras. Nesse sentido, serão buscadas evidências que favoreçam a interpretação de que Machado não foi

“influenciado” por um autor ou uma ou outra obra, mas, se utilizou dessas obras para a construção de significados nas suas narrativas.

PALAVRAS-CHAVE: Agrippino Grieco; Machado de Assis; crítica literária.

O MORRO DOS VENTOS UIVANTES, OBRA LITERÁRIA E FILME

Edmara ALMEIDA – (UNESP/Assis)

RESUMO: O objetivo deste trabalho é estudar as relações intertextuais que se estabelecem entre o romance *O Morro dos Ventos Uivantes* (*Wuthering Heights*), de Emily Brontë, e o filme homônimo, de 1992, dirigido por Peter Kosminsky. Obra clássica da literatura inglesa, *O Morro dos Ventos Uivantes* foi escrito originalmente em 1847, após a publicação de um livro de poesias em parceria com a irmã Charlotte, mas que foi um fracasso. Emily faleceu um ano após a publicação desse único romance, aos 30 anos de idade. O romance em questão é uma obra clássica, mas muito ousada para a época. Como toda a literatura inglesa do século XIX, é bastante dramática, mas traz uma história original entre dois órfãos de classes sociais distintas: Cathy, uma rica menina, órfã de mãe, e Heathcliff, menino miserável, abandonado pela família e que o pai de Cathy decide adotar. Apesar de terem crescido como irmãos, eles se apaixonam, mas o irmão de Cathy não aceita a presença de Heathcliff e passa a tratá-lo como empregado após da morte de seu pai, que o protegia. O enredo percorre as vicissitudes da família por duas gerações, pois continua com a história dos filhos dos personagens principais. A trama da obra começa de trás para frente, ou seja, começa pela história da segunda geração e depois volta para a primeira, para explicar as motivações do enredo. O romance rendeu várias versões cinematográficas. A primeira delas foi americana, feita em 1939, mas que cobria apenas a primeira geração dos personagens, apresentando pouca semelhança com o enredo do romance. Depois, em 1954, houve uma versão mexicana, dirigido por Luís Buñuel, que recebeu o nome *Abismos de Pasión*. Em 1970, uma nova produção americana com o mesmo nome, também cobrindo apenas a primeira geração. Em 1978, uma série para a TV britânica foi produzida, talvez a mais semelhante à obra literária. Mais duas versões, desta vez filipinas, foram produzidas em 1991 e 2012. E, em 1992, é lançado o filme que é nossa intenção investigar, uma coprodução americana e inglesa. Em 2009, foi lançada uma série produzida para a TV americana PBS, que foi ao ar dividida em dois episódios. A mais recente versão, originada no Reino Unido, veio a público em 2011, dirigida por Andrea Arnold. Como o objetivo deste trabalho é observar o procedimento intertextual empregado pelo diretor Kosminsky, quando elaborou sua versão cinematográfica do romance brontiano, utilizaremos como embasamento teórico em nossa análise, entre outras, as obras de João Batista de Brito (*Literatura no Cinema*), Thais Flores Nogueira Diniz (*Literatura e Cinema: da semiótica à tradução cultural*) e Renato Cunha (*Cinematizações*), além da teoria sobre intertextualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Intertextualidade; filme; romance.

PRODUÇÃO JUVENIL E CULTURA CLÁSSICA: UMA ANÁLISE DA OBRA *LA TRAVIATA*, ADAPTADA POR LEE GYEONG HYE E ILUSTRADA POR AURELIA FRONTY

Eliane Aparecida Galvão Ribeiro FERREIRA – Doutora (UNESP/Assis) – FUNDUNESP
Claudia Valéria Penavel BINATO – Doutora (UNESP/Assis)

RESUMO: Objetiva-se, neste texto, apresentar uma análise da obra *La Traviata*, adaptada por Lee Gyeong Huy (2012) e ilustrada por Aurelia Fronty, a partir de ópera clássica homônima de Giuseppe Verdi. Esta obra compõe a coleção *Música clássica em cena*, da editora FTD, cujo objetivo é apresentar ao público jovem histórias de importantes libretos considerados como clássicos no campo musical. O livro foi premiado em 2013, com Altamente Recomendável pela FNLIJ na Categoria Tradução/Adaptação Criança. Mais especificamente, pretende-se neste texto verificar, a partir dos princípios bakhtinianos, como se efetiva a dialogia entre a produção de Verdi e a obra adaptada de Lee Gyeong Huy. Para a consecução dos objetivos, pretende-se neste texto apresentar uma reflexão fundamentada pela estética da recepção acerca do que propicia o prazer na leitura e quais elementos determinam o papel do leitor implícito. Constrói-se, neste texto, a hipótese de que a estratégia de Lee Gyeong Huy de resgatar uma ópera clássica e adaptá-la sob a forma de narrativa ilustrada para o jovem leitor, tanto lhe faculta contato com um texto atraente, lúdico e crítico que o conduzirá à reflexão, quanto amplia seus conhecimentos, por meio do resgate da memória cultural. A apropriação de uma produção cultural clássica, mas adaptada à linguagem narrativa e direcionada ao jovem, pode atuar como fator de valoração da identidade deste leitor. Por meio dela, ele é capaz de elevar sua autoestima, pois percebe que é considerado como receptor de uma produção, ao mesmo tempo em que se reconhece como herdeiro de um patrimônio cultural tradicional.

PALAVRAS-CHAVE: Ópera; estética da recepção; cultura clássica.

ABSORÇÃO E TRANSFORMAÇÃO. A RELAÇÃO INTERTEXTUAL ENTRE *VIRGÍNIA E INOCÊNCIA*

Elisa dos Santos PRADO – Doutoranda (UNESP/Assis)

RESUMO: Conceber a literatura como um constante diálogo de textos permite afirmar que essa forma de arte nasce dela própria. Nesse sentido e a partir da conceituação de intertextualidade, este artigo visa analisar algumas das relações discursivas existentes entre as obras *Paulo e Virgínia* (1787) e *Inocência* (1872), apontando aproximações e distanciamentos entre os romances, sobretudo entre as protagonistas. Partindo da crítica de fontes, apoiando-se na literatura comparada e utilizando-se da intertextualidade, são discutidos e ressignificados conceitos passadistas que procuravam apenas filiar escritos literários, estabelecendo juízos de valores e rotulando determinadas obras e autores como menores. A abordagem intertextual permite afirmar que o texto francês participa da produção brasileira, mas é absorvido, reelaborado e recuperado como forma de conservação da memória literária; memória que faz parte do processo mnemônico de Taunay.

PALAVRAS-CHAVE: *Paulo e Virgínia*; *Inocência*; intertextualidade; memória.

O REESCREVER CONTÍNUO DA MEMÓRIA DO TRAUMA: LITERATURA E DITADURA EM *QUATRO-OLHOS*, DE RENATO POMPEU

Elizabeth da Penha CARDOSO – Doutora (PUC/SP) – CAPES

RESUMO: O trabalho estabelece a leitura do romance *Quatro-Olhos* (1976), de Renato Pompeu, na perspectiva da impossibilidade de narrar o trauma, impossibilidade esta que termina por constituir o romance. Algo para além da metaliteratura, pois não se trata de um livro dentro do livro, mas sim de um não livro dentro do livro. Essa ideia de não realização e de incompletude é análoga ao vazio e a perplexidade deixada pela violência praticada pelo regime militar instaurado no Brasil entre as décadas de 1960 e 1980. A leitura do romance *Quatro-Olhos* também interpreta o modo como a loucura está em diálogo com a ficcionalização do regime ditatorial. Pompeu ultrapassa a loucura como tema e a torna um método de narrativa revelando o trauma sem abrir mão da linguagem poética. Junto ao romance e às teorias literárias confluem duas linhas de força: loucura e narrativa da ditadura e sua memória traumática. Essas linhas movimentam aportes teóricos de Freud, Lacan, Foucault, Ginzburg e Seligmann-Silva. A perspectiva comparatista se sustenta tendo em vista o conceito de intertextualidade articulado por Kristeva, ao retomar o dialogismo de Bakhtin, que afirma a realização da literatura em meio ao diálogo constante entre textos. O trabalho é resultado de um pós-doutorado sobre o tema e pretende ampliar as leituras da obra de Pompeu, escritor falecido recentemente e ainda pouco estudado e lido.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura contemporânea; ficcionalização de ditaduras; Renato Pompeu.

DENIS DIDEROT: DE ESCRITOR LITERÁRIO A CRÍTICO DE ARTE

Evaneide Araújo da SILVA – Doutoranda (UNESP/Araraquara) – SEE/SP

RESUMO: Este trabalho concentra-se em fazer uma análise das concepções críticas do escritor e filósofo francês Denis Diderot (1713-1784). Para os intelectuais de seu tempo, Diderot era um desajustado que pensava na contracorrente das ideias, em especial quando se tratava de arte e de literatura. Se a elite intelectual do século XVIII via nas posições do Enciclopedista um amontoado de proposições descabidas, o tempo mostrou que, na verdade, ele era um precursor, pois suas considerações inovadoras sobre pintura, poesia, romance e arte de modo geral mais tarde se tornaram os pilares das teorias e procedimentos artísticos da Modernidade. Diderot pode ser considerado um precursor do ponto de vista teórico e crítico, no sentido de que suas ideias sobre composição literária antecederam os fundamentos da teoria e da crítica modernas. Assim, tomaremos como base um texto crítico do Enciclopedista, “Ensaio sobre a pintura” (1766), escrito para integrar um dos *Salons*, o de 1765. Nesse ensaio, Diderot reflete sobre o papel do artista, o uso da imaginação e da racionalidade no momento de criação artística, considerando não apenas a pintura e o desenho, mas também a arte de maneira geral.

PALAVRAS-CHAVE: Denis Diderot; século XVIII; crítica de arte; crítica literária.

A NARRATIVA DE EXTRAÇÃO HISTÓRICA DE LAURA ESQUIVEL: COMO AGUA PARA CHOCOLATE (1989) E MALINCHE (2005) EM PERSPECTIVA

Fernanda Aparecida Ribeiro – Doutora (UNIFAL)
Kátia Rodrigues Mello Miranda – Doutora (UNESP/Assis)

RESUMO: O presente trabalho objetiva apresentar reflexões sobre os romances *Como agua para chocolate* (1989) e *Malinche* (2005), da escritora mexicana Laura Esquivel (1950-), partindo da constatação de que ambos se tratam de narrativas de extração histórica que, conforme a concepção de Trouche (2006), cumpre o papel de problematizar a relação da ficção com a história, não com o objetivo de anular o que foi dito pela história, mas sim de apresentar um espaço novo em que se permitem novas interpretações do passado. Esquivel tem se destacado na literatura mexicana por produzir romances que trazem à tona a voz antes silenciada da mulher e que estabelecem um diálogo produtivo com a história mexicana, no qual são utilizados recursos como a intertextualidade, a ficcionalização de personagens históricos e, principalmente, a releitura crítica da história, com a intenção de oferecer ponto(s) de vista distinto(s) daqueles instaurados pela historiografia. Os romances em análise são também exemplos de narrativas híbridas, pois entrelaçam literatura e história ao mesmo tempo em que dialogam com os estudos de literatura e mulher, e focalizam a história de mulheres em meio a uma sociedade que vive períodos de guerras e de transformações, representados por momentos históricos importantes – a Revolução Mexicana em *Como agua para chocolate* e a Conquista do México em *Malinche*. Assim, pretendemos apresentar e refletir sobre a visão que os romances em estudo oferecem da história mexicana.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura e história; narrativa de extração histórica; Laura Esquivel.

A DESTRUIÇÃO DA FIGURA DESPÓTICA EM MEMORIAL DO CONVENTO

Fernando da Silva NEGREIROS – Graduando (CLCA-UENP/CJ) – PIBIC-CNPQ

RESUMO: Memorial do Convento é um romance histórico de 1982 ambientado no século XVIII. A narrativa desenvolve o processo de carnavalização do rei Dom João V, o qual é colocado em situações ridículas, em que transparece seu caráter carnal e humano. Por meio dessas situações humorísticas, uma série de questionamentos são colocados em pauta sobre a figura do monarca, envolvendo discussões relacionadas às relações sociais e à vida popular. Este artigo se utiliza de importantes teóricos do riso como: Bakhtin (2013), Pirandello (1996), Bergson (1983), dentre outros, para desvelar os significados das passagens irônicas e humorísticas que vão destruindo a figura do governante autoritário, mostrando um universo de injustiças, explorações e absurdos dedicados à manutenção de regalias e privilégios da elite aristocrática, enquanto o povo carrega o país e a construção do convento, representados pela pedra descomunal. Mesmo fazendo uma releitura de uma história que se passa em um passado distante, *Memorial do Convento* consegue buscar um diálogo com temáticas muito atuais e pontuais. Essa análise sobre o rei Dom João V pode

mostrar o riso como o grande elemento de coesão da obra, fazendo a ponte entre o passado e o presente e, principalmente, destronando e questionando personagens e discursos antigos que ainda são a base de nossa sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Carnavalização; riso; romance.

A OBRA NARRATIVA DE GRAZIA DELEDDA: UMA POÉTICA DA PAISAGEM SARDA

Francisco Cláudio Alves MARQUES – Doutor (UNESP/Assis)

RESUMO: Toda a obra narrativa da escritora italiana Grazia Deledda, vencedora do Prêmio Nobel de Literatura de 1926, é, na verdade, uma reconstrução da paisagem humana e cultural de sua ilha natal, a Sardenha. Minha comunicação visa identificar elementos, presentes no romance *Cosima* que atestem ser a escrita de Deledda uma escrita pessoal, enraizada no conhecimento da cultura e da tradição insular, em particular da Barbagia, região montanhosa da Sardenha central. Em Deledda, a referida ilha é concebida como um lugar mítico e arquétipo de todos os lugares, configurando-se como uma terra em que tudo parou no tempo, passando para o leitor a sensação de um tempo irremediavelmente perdido, espaço ontológico e universo antropológico que consome o drama eterno da existência. Sua obra narrativa constitui-se o que se poderia chamar de uma poética da paisagem sarda, algo que pode se constatar nas próprias palavras da escritora: “Quero lembrar a Sardenha de minha infância, mas especialmente a sabedoria profunda e autêntica, a maneira de pensar e de viver, quase religiosa, de alguns pastores e agricultores”. Francesco Flora observa que a arte de Deledda é essencialmente uma arte da paisagem inspirada, sobretudo, nas memórias de infância e adolescência, afetos reconstruídos principalmente com a substância da paisagem sarda.

PALAVRAS-CHAVE: Patriarcado; memória feminina; *Cosima*; Grazia Deledda.

ENTRE A OBSESSÃO PELO PASSADO E A IMPOSIÇÃO DO ESQUECIMENTO: IMPLICAÇÕES ARTÍSTICAS DO EPISÓDIO DE PORZÛS

Gabriela Kvacek BETELLA – Pós-Doutora (UNESP/Assis)

RESUMO: Este trabalho apresenta os primeiros resultados da pesquisa sobre memória e história de fatos do século XX na fronteira entre a Itália e a antiga Iugoslávia, e traz algumas reflexões sobre o dilema de examinar um dos mais controversos episódios da Resistência italiana durante o final da Segunda Guerra na representação literária e audiovisual. A partir das escolhas narrativas do romance *La malga di Sîr* (1995), de Carlo Sgorlon, e do longa-metragem *Porzûs* (Renzo Martinelli, 1987), procuramos analisar as diferentes medidas para uma verdade objetiva nos fatos articulados na fantasia, imbuídos do ponto de vista das personagens. Neste momento, o propósito é explorar os impasses entre memória e esquecimento presentes em debates sobre a representação artística

relacionada a períodos de opressão política, bem como ao sentimento de justiça, levando em conta certas formas de lidar com o passado e seus interesses, manifestações de poder e exclusões. Nosso intuito é apresentar os fenômenos e os limites da representação, como aqueles que dizem respeito à substituição dos fatos primários pela ficção disposta a provocar tanto o aprofundamento dos temas quanto a expiação das lembranças. Nossa análise está consciente da importância de não se ignorar a subjetividade da condição humana e suas armadilhas, razão pela qual os trabalhos de historiadores, sociólogos e filósofos são trazidos para a reflexão.

PALAVRAS-CHAVE: Memória e esquecimento; Carlo Sgorlon; Porzûs.

À REBOURS, ULTRAPASSANDO O TEMPO E AS TRADIÇÕES

Glaucia Benedita VIEIRA – Mestranda (UNESP/Assis) – CAPES

RESUMO: Na segunda metade do século XIX diversas áreas de conhecimento foram beneficiadas pelo avanço da ciência. A literatura também absorveu essas mudanças e o cientificismo tornou-se um dos pilares que sustentaram o conceito de Naturalismo. J.-K. Huysmans escreveu quatro importantes livros nos moldes naturalistas, porém o que despertou a atenção da crítica foi o lançamento, em 1884, do romance *À rebours*. O motivo de tamanho rebuliço foi que esse livro tinha características contrárias de tudo que fora escrito por ele até então; seu enredo encaixou-se perfeitamente nos termos propostos por um novo movimento literário que começava a despontar, o Decadentismo. Apesar de surgir como modelo dessa revolução literária, *À rebours* aparentemente não foi elaborado com a intenção de trocar a fase naturalista pela decadentista. Em 1903, Huysmans publicou um prefácio onde explicou suas intenções ao escrever o livro e reconheceu seu desejo de acrescentar novas possibilidades à literatura, pois não podia continuar preso a um estilo condenado a repetir-se. No Brasil, a primeira tradução de *À rebours* foi realizada somente no ano de 1987, mas é possível afirmar que no século XIX os brasileiros já conheciam o trabalho de Huysmans. Consultas realizadas em periódicos permitem verificar que a vida e obra do autor tiveram grande repercussão no país. Seu desejo de mudança foi importante para a transição Naturalismo/Decadentismo e, ainda hoje, *À rebours* é identificado como o “breviário do Decadentismo”.

PALAVRAS-CHAVE: Decadentismo; Huysmans; *À rebours*.

SOBREPOSIÇÕES DISCURSIVAS: A CATIVA NA NARRATIVA DE MARÍA ROSA LOJO

Gracielle MARQUES – Doutoranda (UNESP/Assis)

RESUMO: O romance *Finisterre* (2005), da escritora argentina María Rosa Lojo, (Buenos Aires, 1954) recria, em um de seus núcleos narrativos, um famoso conto de Jorge Luís Borges, no tocante à presença do mito da cativa branca. Por outro lado, o rapto da mulher branca pelo “inimigo” não europeu é um lugar comum da identidade cultural argentina,

uma vez que está na origem mítica e histórica de sua fundação. O corpo da mulher cativa que cruza a fronteira do mundo considerado civilizado em direção ao que se considerava a barbárie, transforma-se em abjeção, impuro, ambíguo e estrangeiro. Lojo revolve esse símbolo, no qual se transforma a cativa, ao restabelecer e elevar a condição de duplo pertencimento, que une em um mesmo espaço o que sempre se viu separado. Assim, além de reler os discursos históricos canônicos de formação do estado nacional, a obra dialoga com a tradição literária argentina, explorando as brechas deixadas por esses discursos. Neste artigo, nos interessa perceber como a obra problematiza a mobilidade da fronteira. Para isso, lançamos mão do conceito de *dobra* presente na alegoria da casa barroca de Deleuze, articulando-o com um conceito-imagem, desenvolvido poeticamente pela autora, denominado *corredor*. Neste, a construção das identidades se fazem em um espaço de trânsito. Esses conceitos podem, em certo sentido, definir de maneira ampla algumas narrativas lojianas que tratam de “recuperar uma identidade perdida nos meandros dos deslocamentos do exílio, superando a angústia do desterro” (ESTEVES, 2013). Como a dobra dos andares da casa barroca, sua obra visa operar uma fusão entre diversos níveis de realidade (histórica, genérica, geográfica, temporal e cultural) que convivem de maneira conflitiva e inacabada na identidade coletiva nacional.

PALAVRAS-CHAVE: Romance histórico; *Finisterre*; cativa; María Rosa Lojo; dobra; corredor.

MEMÓRIA, SOLIDÃO E TRANSGRESSÃO NO EXAGERO DA MÃE: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE CUIDADO NO ROMANCE *AMADA*, DE TONI MORRISON

Grazielle COSTA – Doutoranda (UFF) – CAPES

RESUMO: O trabalho tem por objetivo discutir como a literatura de Toni Morrison, em *Amada*, contribui para apresentar, a partir de um olhar íntimo e pessoal, um relato de memória coletiva que problematiza os fundamentos de constituição da identidade política e social dos negros nos EUA, pós-guerra de Secessão. Em um movimento ético e estético, Morrison insiste em rememorar o que era rastro em *The Black Book*, narrando os fragmentos de uma subjetividade feminina na radicalização do imperativo de proteção materna. A partir das relações de cuidado entre as personagens Sethe, Baby Suggs e Denver, discutimos a relevância de *Amada*, enquanto metaficção historiográfica, para expansão do espaço de memória das mulheres negras na história norte-americana. Através da solidão de Sethe, entendemos os limites e possibilidades do exercício da maternagem no contexto de escravidão, construindo um sentido original e subversivo para a experiência de ser mãe diante da violência.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; maternagem; Toni Morrison; memória; gênero.

UM CASO DE GÊNERO HÍBRIDO: *L'OR*, DE BLAISE CENDRARS

Guacira Marcondes Machado LEITE – Doutora (UNESP/Araraquara)

RESUMO: No início do século XX, toma corpo uma literatura poética composta por narrativas que não se contentam mais em ser a narração objetiva de um destino individual, mas que se apresentam como um jogo poético, espetáculo sem limites, invenção verbal e metafórica. O enredo, os personagens, os quadros são pretextos, pois é na escrita que se joga a partida. No momento em que essas obras aparecem, os críticos (Jaloux, Thibaudet, entre outros) interrogam-se sobre essa intrusão da poesia no romance, abordando problemas concernentes ao valor, à definição, à composição desse gênero que sempre esteve liberado das imposições de uma poética. Vê-se, então, um romance que é poético, que pouco a pouco encontra sua forma e seu público, e, na verdade, dá sequência a uma linhagem que remonta a Poe, Nodier, Nerval, Hoffman, os contistas fantásticos, Lautréamont, Laforgue, para se ficar somente com alguns. Dividido entre as exigências opostas do poeta e do romancista, essa narrativa não se coloca mais como simples criadora de aventuras, mas, ao contrário, pretende ser o lugar da expressão de um elemento subjetivo irreduzível. Nesse sentido, o texto de Blaise Cendrars intitulado *L'Or* apresenta-se como um exemplo bastante evidente dessa narrativa poética.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero híbrido; narrativa poética; jogo poético; Blaise Cendrars; literatura francesa.

MÃE, MATERNO MAR: UMA NARRATIVA EM DIÁLOGO

Guadalupe Estrelita dos Santos Menta FERREIRA – Doutora (UTFPR/CP)

RESUMO: *Mãe, Materno Mar*, de Boaventura Cardoso tece em sua narrativa um diálogo entre modernidade e tradição, envolto no rico cenário do imaginário bantu. Esse processo interlocutório com a memória do povo estabelece o reconhecimento da tradição e a reafirmação de uma identidade por muito tempo sufocada pela opressão colonialista. Neste artigo, o olhar sobre os aspectos intertextuais dessa obra torna sua análise literária instigante, objetivando reconhecer elementos da cultura africana, particularmente de Angola, cujas marcas de matriz bantu estão presentes na formação cultural brasileira. As particularidades dessa cultura, em seus aspectos também religiosos e a simbologia que reveste a narrativa, servem de base para a compreensão das correspondências do inconsciente com o imaginário e a memória do povo angolano. A elaboração estética da narrativa, permeando fatos históricos, metaforizando-os em um cenário em que o telúrico sacraliza-se e a relação entre os homens e as divindades estreitam-se. Além do diálogo histórico, passagens bíblicas interpenetram-se nas personagens e as alegorias do trem que metaforiza Angola remetem ao maravilhoso universo do sagrado bantu. Trata-se, portanto, de uma obra literária em que a História se transfigura em uma viagem alegórica no trem (microcosmo da sociedade angolana), cujo compromisso com sua escrita em processo permite recontar a trajetória de seu povo rumo à libertação.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; intertextualidade; memória.

MEMÓRIA E PARÓDIA, A PRESENÇA DE BRUEGHEL EM A CAIXA DE AREIA, DE LOURENÇO MUTARELLI

Guilherme Mariano Martins da SILVA – Doutorando (UNESP/SJRP)

RESUMO: Esta comunicação se propõe a discutir como o romance gráfico *A caixa de Areia ou eu era dois em meu quintal* (2005), de Lourenço Mutarelli, estabelece um ensaio filosófico sobre a dualidade da memória entre ficcionalidade e factualidade e, dentro desta, entre arte e sociedade. Nessas dualidades se insere, dentro da narrativa em questão, a recriação do quadro de Pieter Brueghel, o velho, O triunfo da Morte (1562), pois a obra é recriada por meio da paródia e, dessa maneira, cria uma associação entre memória e estética, visto que, dentro do romance gráfico, a memória não é apenas uma retomada de fatos históricos anteriores, mas uma reinvenção desses fatos, uma reinvenção do passado no presente. É nesse paralelo que se concebe a paródia, não simplesmente como uma retomada e citação de obras passadas, mas como uma reinvenção das mesmas no presente, como uma equivalente da memória humana no campo estético. Nesse sentido, também se questionam as barreiras entre obra e sociedade, pois o romance gráfico divide-se em duas histórias, uma ficcional e uma metaficcional, tendo esta última o caráter autobiográfico, visto que a personagem principal performa a figura do próprio autor. Essa narrativa metaficcional começa a se mesclar com a outra história, cujos personagens em foco são extremamente caricaturescos, fazendo com que essa dualidade represente dois polos da discussão entre realidade e ficção, assim como o quadro de Brueghel apresenta ao leitor a dualidade entre vida e morte.

PALAVRAS-CHAVE: Lourenço Mutarelli, *A caixa de Areia ou eu era dois em meu quintal*, memória, paródia, O triunfo da morte.

O SUL MÍTICO E SUA UNIVERSALIZAÇÃO NA OBRA BORGEANA

Heloisa Helena Siqueira CORREIA – Doutora (UNIR)
Valdir Aparecido de SOUZA – Doutor (UNIR)

RESUMO: A partir de pontuais relações entre história e literatura, o trabalho gira em torno da construção mítica da fronteira argentina, sem linhas geográficas específicas, mas também com a indicação de fronteira com o Brasil e com o Sul, realizada por Jorge Luis Borges, tomando símbolos, já recorrentes na literatura argentina, como o punhal, o gaúcho oriental, o duelo e o pampa e os tornando universais. Em Borges, a fronteira e o Sul são míticos; deslocados por um século no tempo, serviriam ao autor para fortalecer seu projeto de universalização das cores locais argentinas. Uma fronteira arquetípica que comporta um passado imemorial, um Sul inalterado, muito além de um espaço concreto a ser integrado ou transformado. A fixidez da imagem da fronteira e do Sul serve ao seu projeto modernizante, tanto da literatura argentina, quanto da política de seu país. E promove uma ressignificação que desloca os arredores, tanto da capital quanto do pampa, para outras partes do mundo, permitindo sua universalização, bem como faz a arte operar também como crítica à política conservadora.

PALAVRAS-CHAVE: Borges; símbolos; fronteira; representação, *antiphysis*.

LEMBRANÇAS DE UM MUNDO EM DECADÊNCIA: HISTÓRIA E MEMÓRIA EM *BANGUÊ*, DE JOSÉ LINS DO REGO

Helton MARQUES – Doutorando (UNESP/Assis) – CNPq

RESUMO: Autor de várias produções literárias, José Lins do Rego é considerado pela crítica um dos principais escritores da Literatura Brasileira da década de 1930. Seus romances, em geral, são o retrato melancólico e, ao mesmo tempo, poético da região nordestina durante os tempos do patriarcado em decadência. Um exemplo deste cenário aparece no romance *Banguê*, publicado em 1934, no qual Carlos de Melo, narrador autodiegético, reelabora, por meio de suas memórias, os últimos momentos do engenho Santa Rosa, de seu avô materno, o Coronel José Paulino, no início do século XX. A narrativa inicia-se quando, de volta ao engenho após dez anos de ausência, o protagonista começa a vivenciar um profundo dilema existencial, pois não sabe se herda a propriedade e se torna senhor de engenho ou se continua sua incipiente vida de intelectual, rodeado de livros e jornais. No entanto, após a morte de seu avô, tenta dar continuidade à produção do engenho herdado, mas não consegue livrá-lo da total decadência e posterior extinção. Tendo isso em vista, a presente comunicação tem como principal finalidade destacar os elementos da tradição e da renovação ao longo do romance *Banguê*, com o objetivo de refletir sobre a representação literária do gradual declínio de um sistema econômico mercantil e colonial organizado pelos engenhos, e a expansão triunfal de uma economia de base capitalista representada pelo surgimento das usinas, com seus novos modos de produção movidos, sobretudo, pela força das máquinas.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura e História; patriarcado em decadência; memória e representação literária.

A ITÁLIA NAS PÁGINAS DOS JORNAIS: CRÔNICAS MACHADIANAS

Ionara SATIN – Doutoranda (UNESP/Assis)

RESUMO: A crônica é tempo e memória, nela pulsam os acontecimentos de uma época, funciona como registro de um tempo, é o eco da vida humana. Escrita para os meios jornalísticos, a crônica não tem pretensão de durar. Por se abrigar nesse veículo transitório, o seu tempo de vida é efêmero, “o seu intuito não é o dos escritores que pensam em “ficar”, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade” (CANDIDO, 1992, p. 14). É exatamente por essa naturalidade que consegue aproximar a literatura da vida de cada um e, quando passa do jornal ao livro, percebemos que a sua durabilidade pode surpreender. Machado de Assis exerceu por mais de quarenta anos regularmente o papel de cronista em vários periódicos fluminenses. Nesses textos, o cronista dialoga com muitas culturas e literaturas, dentre elas a cultura italiana. No correr da sua pena, insere a Itália nas páginas dos jornais da época. O cronista circula por vários ambientes italianos, como por exemplo, o da música, da política, da literatura, do teatro, da pintura e da história, sendo que na maioria das vezes essa atmosfera italiana parece estar atrelada às manifestações artísticas, com destaque para o teatro lírico. Por se tratar de um diálogo estabelecido em um texto como crônica, feito para o jornal, a Itália do cronista machadiano também está vinculada a

uma época e a seus leitores. Nesse sentido, esta comunicação pretende apresentar de que maneira a cultura italiana atravessa o atlântico e circula nas crônicas machadianas.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura italiana; crônicas; Machado de Assis; periódicos.

A ficcionalização da biblioteca de Jorge Luis Borges

Isis Milreu – Doutoranda (UNESP/Assis) UFCG

RESUMO: Jorge Luis Borges é considerado por muitos críticos e escritores um dos autores mais importantes do século XX. Afinal, sua poética revolucionou a prática literária, bem como os estudos de literatura, tornando-se paradigmática. Entre as principais contribuições de Borges destaca-se a valorização da intertextualidade, simbolizada pela imagem de biblioteca. Atualmente, a intertextualidade é um procedimento recorrente da literatura contemporânea e foi definida de diversas maneiras. Dentre elas, destaca-se a concepção de Tiphaine Samoyault (2008), a qual relaciona a prática intertextual com a ideia de memória de textos. Devido à importância de sua figura e das suas inovações no âmbito literário, observamos que o autor argentino não é apenas alvo de inúmeros ensaios, teses e biografias, mas também foi convertido em personagem de vários romances, contos, crônicas, peças teatrais, filmes e até histórias em quadrinhos. Notamos que muitos romances contemporâneos que converteram o escritor em personagem reconstróem acontecimentos de sua biografia e, ao mesmo tempo, dialogam com a poética borgeana e a história da literatura, além de discutirem diversas questões literárias. Dessa forma, constatamos que tratam-se de obras híbridas, pois mesclam a história e a literatura. Tendo em vista essas considerações nos propomos a refletir nesse trabalho sobre a transformação de Borges em personagem de narrativas latino-americanas contemporâneas, buscando compreender como os escritores ficcionalizaram a biblioteca borgeana em suas obras a partir da perspectiva de Samoyault (2008).

Palavras-chave: Borges personagem; literatura e história; biblioteca; memória; literatura latino-americana contemporânea.

OS DIÁRIOS DE RODOLFO WALSH (1927-1977) COMO A CONDUÇÃO DE UMA LITERATURA E A MEMÓRIA DE UM TEMPO DE REPRESSÃO

Iuri Almeida MÜLLER – Mestrando (PUC/RS) – FAPERGS

RESUMO: O escritor argentino Rodolfo Walsh, um dos tantos desaparecidos políticos da última ditadura militar daquele país, deixou uma obra de intensos e recordados textos curtos – dos relatos policiais às reportagens de investigação, passando por contos que se tornaram alguns dos exemplos mais bem acabados de um gênero que floresceu na Argentina do século XX. Para além do que foi publicado em vida, Walsh deixou também os vestígios dessa obra em movimento: em seus diários pessoais, editados postumamente com o título de *Ese hombre y otros papeles personales*, podem ser observadas as transformações do pensamento e da escritura do autor, as permanentes tensões com a literatura e a política, a intenção, nunca levada a cabo, de escrever um romance e as dificuldades financeiras

presentes ao longo de toda a sua vida. Mas os papéis de Walsh transcendem os conflitos pessoais e alcançam o seu país: estão presentes naquelas páginas as percepções do escritor acerca de um período histórico marcado por golpes militares, repressão do Estado e pelas experiências da luta armada. Walsh, em seus últimos anos, esteve presente nas fileiras das organizações armadas que resistiram à ditadura e reflete também sobre isso em seus cadernos. O presente trabalho intenta enxergar os diários do escritor como o exercício íntimo que orienta a escritura de sua obra e que, ao mesmo tempo, podem ser lidos como importante material memorialístico para a compreensão da história argentina das décadas de 1950, 60 e 70.

PALAVRAS-CHAVE: Rodolfo Walsh; ditadura militar argentina; escrita memorialística; literatura e política.

A PARÓDIA DE ESTILOS LITERÁRIOS EM “UM CÃO DE LATA AO RABO”, DE MACHADO DE ASSIS

Jaison Luís CRESTANI – Pós-Doutorando (ECA/USP) – FAPESP

RESUMO: Em 1878, Machado de Assis enfrentaria, para além das enfermidades fisiológicas associadas à famosa crise dos 40 anos, um impasse de natureza estritamente literária. A inexpressiva aceitação de seus quatro primeiros romances, somada à concorrência arrasadora do romance realista, conduziria o autor a repensar os caminhos da sua criação ficcional. Na tentativa de forjar uma nova dicção literária, sem repisar as convenções desgastadas do Romantismo nem aderir às novidades indesejadas da “nova escola”, o escritor levou a efeito uma série de experimentações criativas nos folhetins de *O Cruzeiro*. Como dominante estilística dessas manifestações, destacam-se a inclinação humorística e a irreverência crítica, a opção deliberada pela paródia, a mistura de gêneros e a experimentação formal – aspectos que seriam consolidados pela nova diretriz criativa assumida pelas obras da maturidade do escritor. Assim, com o intuito de averiguar a importância decisiva dessas experimentações para a transformação da escrita machadiana, este trabalho apresentará uma análise da narrativa “Um cão de lata ao rabo”, que, em sua composição, reencena parodicamente as diversas tendências estilísticas que marcaram a história da literatura brasileira. O resultado substancial dessa experiência literária demarca um momento especial do processo de formação e transformação da escrita machadiana: o aprendizado do exercício da paródia e de soluções humorísticas inusitadas no contexto literário.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis; *O Cruzeiro*; paródia; humor.

A MULHER E O CORONEL: O FEMININO SEGUNDO A ÓTICA DO PATRONATO

Jean Pierre CHAUVIN – Doutor (ECA/USP)

RESUMO: Tradicionalmente, os estudos voltados ao patriarcado concentram sua atenção nos personagens masculinos, representados por coronéis ou figuras da cidade. O propósito

deste trabalho é apresentar a análise de algumas figuras femininas, em especial e justamente aquelas que mantêm um relacionamento mais próximo dos mandões que povoam a nossa literatura, desde o século XIX. Ao apresentar tais personagens, pretende-se problematizar a visão do narrador masculino: uma entidade que reforça os estereótipos a respeito do mando e da própria relação assimétrica que ele mantém com relação aos demais seres com que convive. De modo a ilustrar as características, comportamentos e percursos das mulheres representadas por nossos escritores, serão abordados os romances de João Guimarães Rosa (*Grande sertão: veredas*), Darcy Ribeiro (*O mulo*) e Osman Lins (*O fiel e a pedra*). Nesse estudo, consideram-se as investigações sob o viés histórico, com vistas a avaliar as diferentes representações, tanto no âmbito psicológico quanto no social; tanto como elemento da fatura literária, quanto como tema de perene e necessária discussão em nossa sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Coronelismo; feminino; literatura brasileira.

A INTERTEXTUALIDADE COMO MEMÓRIA: O FANTÁSTICO EM LYGIA FAGUNDES TELLES E OUTROS ASPECTOS

Jéssica Cristina da SILVA – Mestranda (UNESP/Assis)

RESUMO: Nesta comunicação pretendo fazer um esboço do que é intertextualidade. Após esta fase inicial, exemplificarei as intertextualidades presentes no conto “Venha ver o pôr do sol”, constante no livro *Antes do Baile Verde* (1970) de Lygia Fagundes Telles (1923), partindo das teorias de Tvezetan Todorov e Remo Ceserani sobre o domínio do fantástico, ao lado dos seguintes métodos: o olhar, que é o *leitmotiv* da narrativa; a recorrência ao elemento sombrio - o claro *versus* o escuro - e também a hesitação do leitor, associado à surpresa. Sendo o cemitério de extrema importância para a narrativa, temos as ações neste ambiente, no qual, o mistério é mascarado por um reencontro amoroso em busca de um elemento bom, o sol. É a partir destes fatores que destacarei a recuperação da memória literária, como uma forma de reescrever. De certo modo, o conhecimento adquirido nas leituras anteriores servirá de inspiração para a escritura de uma outra obra. Com base nesses pressupostos, Lygia Fagundes Telles se apropriará de temas, motivos e técnicas usadas por Edgar Allan Poe em seu conto “O barril de Amontillado” (1841), presente no livro *Histórias extraordinárias* (2008) e outros aspectos - em Machado de Assis, o mito da Medusa e Alexandre Dumas Filho - para criar uma nova história.

PALAVRAS-CHAVE: Intertextualidade; memória; fantástico; Lygia Fagundes Telles.

MEMÓRIA COLETIVA VIOLÊNCIA E SEGREGAÇÃO EM JAZZ DE TONI MORRISON

Jorge Augusto da Silva LOPES – Doutor (UNESP/Assis)

RESUMO: Ambientado no bairro do Harlem, na cidade de Nova York, no ano de 1926, o romance *Jazz* de Toni Morrison tem como foco narrativo o assassinato de uma jovem por

seu amante e a reação da esposa traída que, nas cerimônias do velório da jovem, tenta mutilar o rosto de sua rival com uma faca. Recorrendo à estética do discurso musical do jazz, com suas improvisações, repetições e rítmica marcante, Toni Morrison retrata o universo social do negro norte americano recém-chegado à grande cidade. Entre as memórias da brutal violência e discriminação e segregação racial do mundo rural e as perspectivas de liberdade do mundo urbano, a narrativa de Morrison gradativamente revela as inúmeras faces da violência racial institucionalizada e da violência contra as mulheres na comunidade afro-americana. A estética revolucionária do jazz, reconhecidamente um dos fenômenos culturais mais significativos do século XX, permite a Morrison explorar diversas vozes para compor, de maneira aparentemente despretensiosa, um panorama em que as individualidades tomam corpo através de fragmentos de narrativas pessoais constantemente reiteradas, sob pontos de vista distintos. O jazz como um gênero musical, proveniente de uma memória coletiva do africano na América, que se contrapõe e desafia a cultura musical europeia e, assim, através da música, afirma um discurso alternativo ao discurso hegemônico do europeu, marca os anos de 1920 como a *era do jazz*, daí o título do romance, daí sua expressividade e intensidade na composição desse panorama.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; segregação racial; violência.

O OLHAR ECONÔMICO OBLÍQUO EM MACHADO DE ASSIS

Jorge Paulo de Oliveira NERES – Doutor (UFF-UNESA)

RESUMO: Neste trabalho, procura-se abordar a presença de aspectos econômicos em algumas narrativas machadianas, destacando-se simultaneamente o teor crítico aos costumes da burguesia a ele coetânea e a atualidade de sua narrativa, apontando, ademais, sua presença notória no que se convencionou chamar de modernidade. Toma-se por referências as obras *A economia em Machado de Assis: o olhar oblíquo do acionista*, de Gustavo H. B. Franco e *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*, de Raimundo Faoro. Destaca-se que a perspectiva econômica já aparece em alguns escritos do crítico John Gledson, de forma residual, uma vez que o estudo dos tipos machadianos ou do conjunto de sua obra são mais frequentes. O debruçar-se sobre a especificidade do tema é o interesse maior da presente comunicação, principalmente pelo fato de que aí podemos delinear, de forma clara, a ironia dos narradores, bem como a projeção autoral sobre suas personagens ficcionais, alvos também da mesma ironia. Para tanto, centraremos nosso ponto de vista nas crônicas da *Gazeta de Notícias*, todas a partir de 1893, e em “Bons Dias!” (1892), primeiro de três volumes para a série *A Semana*, conforme Gledson. Além das crônicas, também faremos menção a alguns romances, tais como *Memórias Póstumas de Brás Cubas (1880)* e *Quincas Borba (1886)*, narrativas em que as questões econômicas apresentam relevância.

PALAVRAS-CHAVE: Acionista; dividendo; debêntures; Banco do Brasil; encilhamento; câmbio.

A MEMÓRIA E A HISTÓRIA EM CANÇÕES DA MPB: O INÍCIO E O APROFUNDAMENTO DO GOLPE MILITAR

RESUMO: A ditadura militar, que vigorou no Brasil a partir de 1964, faria em 2014 seu 50º aniversário. Rememorar o passado ditatorial sem o parecer das manifestações artísticas, sobretudo, da canção popular, deixaria a memória e a história desses duros anos à beira da incompletude, afinal, a MPB juntamente com as demais artes desempenhou papel fundamental de resistência ao regime e à censura que lhe foi inerente. As manifestações artísticas nessa época se estabeleceram como verdadeiros inimigos ao regime de exceção que, com os anos, ascendeu sobremaneira a ponto de cercar as vozes do teatro, da literatura e, principalmente, da música popular, especialmente a partir de 1968, com a outorga do AI-5. Tendo esse contexto como ponto de partida, este trabalho tem por objetivo verificar em que medida é representado o período ditatorial em duas canções da MPB, mais precisamente o início (1966-1968) e o aprofundamento (1968 em diante) da censura. Para tanto, nos valeremos das canções *Caminhando* (1968), de Geraldo Vandré e *Cálice* (1972), de Chico Buarque, baseando-nos no método de análise de Erich Auerbach (2013) em seu livro *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Nosso objetivo é contribuir para as reflexões que tratam da arte como um meio de representação da realidade, para o avanço nas pesquisas que dialogam sobre arte literária e arte musical, e, ainda, para as reflexões acerca do significado da ditadura militar, especialmente após estes cinquenta anos do golpe.

PALAVRAS-CHAVE: Ditadura militar; representação; manifestações artísticas.

HIBRIDISMO E CRÍTICA AO CÂNONE EM *THE WAVES* (1931), DE VIRGINIA WOOLF: A HETEROGENEIDADE DISCURSIVA ENTRE RELIGIÃO, MITO E HISTÓRIA NA FORMAÇÃO IDEOLÓGICA DO ROMANCE MODERNO

José Francisco de AZEVEDO – Mestrando (UNESP/Assis) – CAPES

RESUMO: A narrativa de *The Waves* (*As ondas*) revela uma interdiscursividade que, de acordo com nossa leitura, resulta da hibridização entre três discursos apresentados literariamente: o religioso, o mítico, e o histórico. São eles os fundadores da civilização ocidental. Cada um postula uma concepção única sobre a criação do mundo: o *Gênesis*, da bíblia judaico-cristã; a *Teogonia*, de Hesíodo, fundador da mítica grega, e o histórico, que representa a veracidade. Assim, a Bíblia, o Mito e a História são cânones disjuntivos e monológicos que atuam como discursos de poder e dominação. Quando reunidos no romance, transformam-no em um espaço heterogêneo, mas também dialógico, que instiga a reflexão sobre o convívio das diferenças e relativiza o conceito de verdade. Isso, em termos literários, contraria a lei aristotélica do gênero puro, e, ideologicamente, interpela a natureza autoritária e excludente do poder tradicional. À vista disso, enunciaremos que a finalidade desse trabalho é apresentar *The Waves*, uma arena polifônica típica do romance moderno, pelo viés de um debate ideológico sobre as relações de poder instituídas e mantidas pelos saberes canônicos ocidentais. Nesse sentido, a literatura moderna surge como uma alternativa dialógica e conjuntiva capaz de disparar reflexões em torno da ideologia autoritária e excludente das instituições monológicas do pensamento tradicional.

PALAVRAS-CHAVE: *The Waves*; romance moderno; ideologia.

PRESTES – O HERÓI DA LIBERDADE DO BRASIL

José Luís FÉLIX – Doutor (UNESP/Assis) – PROEX-UNESP/FUNDUNESP

RESUMO: Este trabalho tem o intuito de apresentar a pesquisa em fase de conclusão que propôs a tradução comentada e análise do livro *Prestes – der freiheitsheld von brasilien*, de 1936, publicado por Oktavio Perez, em Moscou. Além da tradução, pretendeu-se levantar aspectos do texto literário, analisar informações e preencher lacunas de conhecimento sobre a atuação do líder comunista Luiz Carlos Prestes, explorando principalmente o texto em alemão e correlacionando-o ao conjunto de informações disponíveis sobre o tema. As pesquisas foram feitas nos acervos - fundos e coleções - do CEDEM da UNESP em São Paulo e em materiais diversos, disponíveis na Internet e em bibliotecas. O resultado revela-se num formato bilíngue com apresentação, introdução e anotações dos comentários em rodapés.

PALAVRAS-CHAVE: Luiz Carlos Prestes; ditadura; *Prestes – der freiheitsheld von brasilien*; Oktavio Perez; tradução comentada.

ENTRE A MEMÓRIA INDIVIDUAL E A COLETIVA EM *HACHI HONEY* DE YOSHIMOTO BANANA

Joy Nascimento AFONSO – Mestre (UNESP/Assis)

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo analisar a memória individual em contraponto a coletiva na obra *Furin to Nanbei* (2000 – *Traição e América do Sul*, em tradução literal), da escritora contemporânea japonesa Yoshimoto Banana. A escritora, conhecida no Brasil pela obra *Kitchen* (1995 – tradução do italiano para o português), foi traduzida para mais de 20 idiomas e é ganhadora de vários prêmios internacionais. Algumas de suas obras se baseiam nas muitas viagens que a escritora faz ao redor do mundo. Nesta comunicação destacamos o quinto capítulo da obra acima citada, intitulado “Hachi Honey” (“Mel Honey” – literalmente), que relata a viagem a Buenos Aires de uma jovem japonesa que, sozinha, e com problemas com o marido, visita uma amiga que é casada com um argentino. Após passar dias sem sair de casa, ela vai à Praça de Maio, por insistência da amiga, onde se depara com a manifestação das Mães da Praça de Maio – as mães do lenço branco, que buscam manter vivo na memória o desaparecimento de seus filhos, levando a narradora a refletir sobre sua própria vivência como filha. Tendo como base os conceitos de Michael Pollak (1992), em que a memória individual são os acontecimentos vivenciados individualmente e memória coletiva são os fatos vividos pelo grupo a qual a pessoa se sente pertencer, pretendemos verificar como ocorre a construção dessas memórias sob o ponto de vista de uma oriental que discorre sobre uma experiência coletiva ocidental, comprovando a existência de uma memória construída coletivamente que se mescla à memória individual.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura e memória; literatura contemporânea japonesa; Yoshimoto Banana; literatura de autoria feminina.

DE BAUDELAIRE À CONTEMPORANEIDADE: O POEMA EM PROSA

Júlia de Camargo SCHAEFER – Graduanda (UNESP/Assis) – FAPESP
Orientadora: Norma DOMINGOS – Doutora (UNESP/Assis)

RESUMO: A coletânea de contos contemporânea *La première gorgée de bière et autres plaisirs minuscules*, do francês Philippe Delerm, foi publicada em 1997. Ela estrutura-se a partir de recortes do cotidiano da vida moderna; cada conto consiste na descrição de um pequeno episódio da vida cotidiana, aparentemente trivial, momentos que o autor denomina “prazeres minúsculos”. A prosa de Delerm caracteriza-se pela simplicidade; sua linguagem é econômica, mas não prescinde do cuidado estético; é também poética e sinestésica, o que nos leva a afirmar que seus pequenos contos, breves e bastante condensados, se aproximam dos poemas em prosa. Eles são repletos do que Paes (1990) chama de operadores poéticos (metáforas, aliterações, assonâncias, etc.), responsáveis pela pluralidade na construção dos sentidos característica da poesia. Dessa forma, relacionaremos os contos de Delerm, contemporâneo, com os *Pequenos Poemas em Prosa*, de Charles Baudelaire (1821-1867), um dos autores mais expressivos do Simbolismo francês. Refletiremos acerca da influência de Baudelaire na coletânea de contos ou poemas em prosa de Delerm e na literatura contemporânea de forma geral. Baudelaire rompeu com a forma do verso, quebrando as barreiras entre prosa e poesia. Suas narrativas curtas, sem metrificacão ou rima, são carregadas de poeticidade sutil, assim como em Delerm. Portanto, a prosa de Delerm, nessa obra, é poética, enquanto herdeira da ruptura e da inovação pelas quais Baudelaire foi responsável. Pretendemos analisar a intersecção dos dois autores e, ao mesmo tempo, refletir sobre a trajetória do poema em prosa na literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Charles Baudelaire; Philippe Delerm; *La première gorgée de bière*; poemas em prosa.

TEMPOS DE LEMBRAR: MEMÓRIAS ANCESTRAIS

Juliana Franco ALVES – Doutoranda (UNESP/Assis)

RESUMO: Este trabalho tem como intuito estudar algumas proposições acerca da figura de autoria feminina no âmbito das literaturas orais afro-brasileiras. Para tanto saímos das narrativas orais, propriamente ditas, para mergulhar no universo autoral. Analisaremos alguns aspectos da memória de Mãe Beata de Yemonjá, autora de contos orais da tradição oral candomblecista. Enxergar a contadora de histórias em seus recônditos, considerando a conjuntura social e racial em que emerge, também implica entender melhor os contos por ela recriados. O processo de construção poética, por meio da voz, dialoga constantemente com a formação do sujeito, bem como suas vivências particulares. Mãe Beata de Yemonjá cresceu num contexto notadamente patriarcal do sertão baiano. A autoridade e o

autoritarismo da figura paterna são temas difusos e recorrentes em suas conversas. Yemonjá presencia, ao longo de sua infância e juventude, situações familiares que tentam suprimir sua capacidade feminina e vetar a capacidade autoral. Depara-se com muitas sanções impostas pelo pai sobre o acesso aos estudos e algumas premissas impostas à mulher no seio das famílias tradicionalmente sexistas. Entretanto, a autora consegue romper com as barreiras do meio familiar e colocar em prática suas experiências e memórias ancestrais por meio da contação de histórias, posteriormente transformadas em livros. Faz da escrita um processo de libertação, não apenas temático ou literário como também social e particular.

PALAVRAS-CHAVE: Memória feminina; poética oral; patriarcado.

CANTARES DE LOUCA: REPRESENTAÇÃO DO AMOR EM POEMAS DE HILDA HILST

Karen Mayuri OKUDA – Graduada (UNESP/Assis)

Orientadora e coautora: Sandra Aparecida FERREIRA – Doutora (UNESP/Assis)

RESUMO: A comunicação tem por objetivo refletir sobre a representação do amor na obra *Cantares* de Hilda Hilst, em que o eu-lírico celebra o amor submetendo-se ao outro e buscando-se nele. Uma das representações do amor recorrentes tem por motivo a relação entre o caçador e a caça e é construída a partir de um campo semântico centrado em animais. Outro aspecto considerado é a dimensão temporal composta pelo eu-lírico, ao associar a realização do amor no encontro com o amado à brevidade e o sentimento dessa brevidade à eternidade, de modo a opor a intensidade do desejo à fugacidade de sua realização. Disso decorre uma instabilidade constante na relação amorosa cantada, porque o amor, ao mesmo tempo em que se realiza, é incompleto. A comunicação, portanto, verifica como o eu-lírico concebe o amor, que estratégias utiliza para seu exercício, que figuras emprega para sua representação e que meandros estabelece como próprios da sedução, a partir da ocupação alternada do lugar de caça e de caçador, metáfora complexa da relação entre os amantes. Para tanto, estabelece paralelos com a *A arte de amar*, de Ovídio, e utiliza procedimentos de análise de poemas estabelecidos por Antônio Cândido em “Exercício de Leitura”.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia, amor, Hilda Hilst.

OS OLHOS DA MENTE: ENSAIOS DE MONTSERRAT ROIG SOBRE A MEMÓRIA, A LITERATURA E A ATUALIDADE

Katia Aparecida da Silva OLIVEIRA – Doutoranda (UNESP-Assis/UNIFAL-MG)

Coautor: Antônio Roberto ESTEVES – Doutor (UNESP-Assis)

RESUMO: A obra da escritora catalã Montserrat Roig se compromete, em grande medida, com o resgate e preservação da memória. Tanto em seus romances como em textos jornalísticos, entrevistas ou trabalhos acadêmicos, a memória ocupa uma posição privilegiada. Em seu livro de ensaios *Dime que me quieres aunque sea mentira* (1991), Roig dedica todo um apartado à discussão do lugar da memória e sua representação na atualidade. Recebendo como título *Los ojos de la mente: la derrota de Mnemosine*, o apartado é composto por seis ensaios, a partir dos quais se desenvolve um percurso no qual o leitor é inicialmente convidado a refletir sobre a brevidade – e, muitas vezes, superficialidade – das relações humanas e a fugacidade das formas de representação atuais, principalmente ao se pensar na televisão como um meio de representação bastante popular. Em seguida, o leitor é levado a pensar na importância da memória, relacionada à ideia dos olhos da mente, apresentada nos ensaios como uma forma de interpretar o mundo. Além disso, os ensaios se aproximam, também, da ideia de memória coletiva (HALBWALCHS, 1990), mesmo que isso não seja dito explicitamente, e associam a memória à capacidade de compreensão do mundo e à formação da identidade do homem. As ponderações propostas nos ensaios se relacionam, por fim, à produção literária e apontam para uma realidade vista sob a perspectiva da mudança, na qual a memória ainda parece estar buscando estabelecer o seu espaço. Nesse sentido, o presente trabalho pretende desenvolver uma análise dos seis ensaios que compõem o apartado citado, a fim de verificar a forma como os textos constroem, a partir de elementos literários ou não, uma visão de memória, seu lugar na atualidade e sua importância para a literatura e para a sociedade em geral.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; literatura; Montserrat Roig.

O ESPETÁCULO FEMININO: A RECEPÇÃO CRÍTICA DA OBRA *NOITES NO CIRCO*, DE ANGELA CARTER

Kátia ISIDORO – Doutoranda (UNESP/Assis) – CNPQ

RESUMO: A autora Angela Carter foi umas das escritoras mais representativas na literatura pós-moderna de língua inglesa e, constrói em *Noites no Circo*, publicada em 1984, uma personagem entre o fascínio e a solidão, o espetáculo e o privado, o mágico e o real. Angela Carter opta pela protagonista Fevers, que em si carrega uma poderosa imagem de libertação e transformação feminina. Buscaremos tecer, no presente trabalho, como a questão do gênero é discutida através da recepção crítica da obra. No enfoque pós-modernista, Hutcheon (1991) afirma que o centro já não é totalmente válido. Ocorre a perspectiva descentralizada. Angela Carter lançou a sua interpretação do mundo, um lugar onde os sujeitos “ex-cêntricos”, como a mulher, o nativo, os artistas circenses, o estrangeiro, ou seja, as minorias foram secularmente exiladas. Paulina Palmer afirma (1987) que as imagens presentes na obra *Noites no Circo* (1984) marcam uma transformação na ambientação que até então era adotada pela autora em seus romances anteriores, que normalmente eram em ambientes fechados. A mudança de local para ambientes abertos e móveis (as viagens da protagonista) já denotam uma nova perspectiva do sexo feminino. Diante do exposto, pretende-se, nesse trabalho, analisar o modo como Angela Carter consegue transpor as linhas do patriarcado no romance sob o viés da recepção crítica.

PALAVRAS-CHAVE: Angela Carter; crítica feminista; literatura inglesa; recepção crítica.

O ROMANCE *L'ÈVE FUTURE* DE VILLIERS DE L'ISLE-ADAM

Kedrini Domingos dos SANTOS – Doutoranda (UNESP/ Araraquara)

RESUMO: O romance *L'Ève Future* (1886), do escritor francês Villiers de L'Isle-Adam (1838-1889), é uma importante obra do simbolismo e opõe-se às formas artísticas do realismo e naturalismo. Embora o público e a crítica tenham se mostrado céticos em relação à obra à época de sua publicação, seu valor foi percebido pelos amigos e discípulos de Villiers, como: Mallarmé, Paul Verlaine, Remy de Gourmont, René Ghil e Camille Mauclair. Esta é uma obra extensa e complexa, que apresenta questões caras ao escritor. Villiers desprezava os valores burgueses e o progresso técnico e científico que caracterizava o espírito positivista da época e, ao abordar o tema da criação artificial de uma mulher ideal, tenta desacreditar o cientificismo, oposto ao sonho e ao ideal. É possível distinguir gêneros diferentes no romance do final do século XIX, no entanto *L'Ève future* se distingue das produções romanescas contemporâneas a ela. Para Villiers, *L'Ève future* é uma obra “solitária na literatura humana” da época e era definida pelo escritor como uma “obra de arte metafísica”. O romance, segundo Raitt (1996), pode ser associado ao romance decadente, pelo culto do artificial, e ao romance de antecipação científica, pela evocação das invenções de Edison. Pode-se dizer que é uma narrativa fantástica ou de ficção científica, pois há a criação de uma mulher artificial, cuja finalidade é substituir a mulher real, mas também é uma obra filosófica, pois medita sobre a aparência e a essência dos seres. Em um estilo insólito e irônico, Villiers coloca questões relativas à ilusão do verdadeiro e à realidade. Finalmente, *L'Ève future* é um romance riquíssimo e coloca questões sobre a condição humana. Ele diverte, inquieta, intriga e, sobretudo, faz o leitor pensar.

PALAVRAS-CHAVE: *L'ève future*; Villiers de L'isle-adam; simbolismo.

O ENSAIO COMO GÊNERO DA CRÍTICA LITERÁRIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Keila Mara de Souza Araújo MACIEL – Doutoranda (UFES) – FAPES

RESUMO: O trabalho a ser apresentado irá sondar as características do ensaio, sua estrutura como gênero textual e seu alcance dentro da crítica literária. Pretende-se com o estudo proposto compreender os motivos que fazem deste gênero o mais frequente na crítica literária brasileira das últimas décadas. Para tanto, buscaremos orientação em autores que teorizaram sobre o ensaio, destacando sua capacidade de assumir um impulso de investigação anti-sistemática, intuitiva e abrangente dos conceitos. Pensadores como Michel Montaigne, Theodor Adorno e Georg Lukács reconhecem no ensaísmo a capacidade de renovar a produção crítica sobre os temas contemporâneos, desobrigando-se

a seguir modelos históricos de estudo técnico-teórico. Outra importante fonte conceitual será a obra crítica de Alfonso Berardinelli, autor italiano que atualiza os parâmetros para análise do texto ensaístico, aproximando-o da escrita literária. Para Berardinelli, o ensaísmo produzido no último século originou uma crítica virtuosamente inventiva e destemida, na qual a ciência e a teoria literária se apresentam como construções de esquemas conceituais mais próximos do mundo, e mais distantes dos redutos teóricos centrados nas limitações de modelos mais restritivos. Para Alfonso Berardinelli, o ensaio insere ao texto analítico recursos estéticos da linguagem, permitindo que a reflexão da crítica literária se desloque da ordem objetiva para a subjetiva, de forma a evidenciar o caráter autoral presente no texto crítico.

PALAVRAS-CHAVE: Ensaísmo; crítica literária; autoria.

OS MORTOS DE SOBRECASACA: REFLEXÕES SOBRE O MÉTODO CRÍTICO DE ÁLVARO LINS

Lais Iaci Mirallas de CARVALHO – Graduanda (UNESP/Assis) – CNPq/PIBIC
Orientador: Márcio Roberto PEREIRA – Doutor – (UNESP/Assis)

RESUMO: A crítica literária tem um papel fundamental e imprescindível, o de analisar obras literárias. Cabe a ela elaborar a tradição literária, julgar os valores, delimitar hierarquias, esclarecer autores para o público, justificar os critérios e revisar a obra no interior de si mesma. Um grande crítico literário modernista foi Álvaro Lins que, de 1940 a 1960, predominou nesse campo e o marcou pela grande influência de sua crítica, sendo considerado por Carlos Drummond de Andrade o imperador da crítica brasileira, pois avaliou de maneira regular e segura a produção literária da época. Em 1963, publicou a obra *Os Mortos de Sobrecasaca: obras, autores e problemas de literatura brasileira. Ensaios e estudos 1940-1960*, que traz no subtítulo as preocupações do crítico em construir um balanço sobre o legado modernista para a literatura e a cultura no Brasil, principalmente depois do primeiro tempo do Modernismo, possibilitando assim uma visão esquemática e evolutiva do processo de produção literária. Em virtude disso, é de suma importância pensar a obra *Os Mortos de Sobrecasaca* a partir do ponto de vista de uma proposta de sistematização da literatura brasileira, considerando que a maioria dos textos reunidos no livro teve sua primeira impressão em páginas de jornais. Refletir, portanto, sobre a proposta de um crítico que compôs um "quadro de valores", é estabelecer os parâmetros de julgamentos críticos sobre aqueles escritores que representam o cânone modernista da literatura nacional.

PALAVRAS-CHAVE: Álvaro Lins; crítica literária; modernismo.

O OLHAR INFANTIL SOBRE A DITADURA MILITAR: UMA ANÁLISE DOS FILMES O ANO EM QUE MEUS PAIS SAIRAM DE FÉRIAS, INFÂNCIA CLANDESTINA E KAMCHATKA

Léa Mattosinho AYMORÉ – Mestranda (UNESP/Assis)

RESUMO: O trabalho proposto tem por objetivo analisar o filme brasileiro *O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias* (2006) e os argentinos, *Infância Clandestina* (2012) e *Kamchatka* (2002). Os três filmes abordam diversos elementos presentes no período de ditadura militar vivenciado por ambos os países, tais como, os movimentos de resistência nos quais se engajaram milhares de pessoas e a clandestinidade a que muitos se viram submetidos, e tudo isso trabalhado a partir da perspectiva infantil. A análise se dá em duas vertentes, uma delas é o retrato do período em questão mostrado pelas narrativas fílmicas escolhidas. A outra é a análise da sociedade sul-americana contemporânea, em seus vários aspectos, políticos, sociais e econômicos. Essa segunda análise se desenvolve por meio dos princípios da história comparativa e desencadeia duas perspectivas diferentes, que são o modo como a sociedade deste início de século XXI enxerga o período ditatorial, e o modo como o próprio cinema é utilizado como um elemento para reelaboração do passado. Um passado recente, ainda não todo superado e, em alguns casos, com feridas abertas que ainda levarão muito tempo para cicatrizar, se é que o serão algum dia. Daí o interesse de cineastas e espectadores em filmes como esses, que colaboram para o entendimento e a reflexão sobre um período espinhoso, tão distante, afinal lá se vão trinta anos de seu fim e, ao mesmo tempo, tão próximo do imaginário de quem o viveu e de quem ainda não era nascido.

PALAVRAS-CHAVE: Infância; cinema; ditadura militar.

SEXUALIDADE CODIFICADA: KATHERINE MANSFIELD E A CONCEPÇÃO DE GÊNERO

Letícia de Souza GONÇALVES – Doutoranda (UNESP/Assis) – FAPESP

RESUMO: Definir gênero pressupõe uma série de afirmações epistemológicas engajadas com setores sociais que, em detrimento de interesses peculiares, isolam o geral humano, impondo-lhe atributos categorizantes. Vertentes do conhecimento viram nos estudos de gênero uma forma de observar o Homem sob o paradigma classificatório, implicando um sistema organizacional de categorias. Tal renitência em nomear comportamentos e estruturar meios envolve a hegemonia da objetividade em detrimento da subjetividade como modo de assegurar ideologias. Os paradoxos social/individual e objetivo/subjetivo presentes na constituição ideológica permearam o pensamento do século XX, abolindo a individualidade e retratando o Homem como o reflexo de seu meio e parte de um conjunto. Tendo isso em vista, este trabalho aborda a obra da escritora neozelandesa Katherine Mansfield (1888-1923) e seu contexto artístico, no que se refere à representação do gênero no texto literário e a desconstrução da moral Vitoriana. Syney Janet Kaplan (1991) afirma que ler Mansfield pressupõe considerar as questões de gênero e seu significado criativo em sua obra como códigos formadores de uma estética inconsciente. Tal estética inconsciente é o retrato ideológico de um contexto de transição para as categorias de diferença, especificamente o binômio masculino/feminino. Como base na subversão da ordem compulsória de Judith Butler (1990), este trabalho pretende observar a representação do

gênero nos contos mansfieldianos como forma de abordar a ideologia da autora e seu contexto artístico.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero e representação; Katherine Mansfield; desconstrução.

SÁTIRA À MULHER NA POESIA POPULAR DE LEANDRO GOMES DE BARROS

Letícia Fernanda da Silva OLIVEIRA – Mestranda (UNESP/Assis)

RESUMO: O poeta paraibano Leandro Gomes de Barros foi um dos primeiros poetas populares que retrataram satiricamente a figura feminina no início do século XX. Em seus folhetos de circunstância Leandro reforça um discurso sobre a mulher que vinha sendo sustentado no âmbito da sociedade patriarcal nordestina desde a Colônia. Em total consonância com a mentalidade da época, o poeta satiriza o comportamento das mulheres que começavam a aderir à moda e aos novos modelos de sociabilidade importados da França. Reduto do poeta, as ruas da capital pernambucana ofereciam-se como uma passarela a céu aberto onde mulheres, tanto da elite quanto das camadas médias, podiam desfilar seus vestidos e conversar livremente, contrariando as regras patriarcais que conservavam filhas e esposas na clausura doméstica. Incomodado com as mudanças de comportamento e com a inversão de papéis sexuais, já que muitos maridos ficavam em casa enquanto suas esposas saíam para trabalhar nas primeiras fábricas instaladas na cidade, Leandro escreve uma série de folhetos satirizando a conduta feminina da época.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura de cordel; mulher; Leandro Gomes de Barros; sátira; patriarcalismo.

REPRESENTAÇÕES DO FEMININO EM *EL ALFÉREZ Y LA PROVISORA E TATUAJES EN EL CIELO Y EN LA TIERRA*, DE MARÍA ROSA LOJO

Luciana Carneiro HERNANDES – Doutoranda (UNESP/Assis)

RESUMO: Interessa a todos – homens e mulheres – a possibilidade do estudo de uma literatura sem adjetivos que a (des)qualifiquem. Para estudar a Literatura com maiúscula, que signifique “apenas” o fazer artístico e o expressar poético, cuja literariedade permita/promova a fruição, é imprescindível discutir o processo de construção da mulher como escritora e (re)criadora de um espaço de resistência e de reescritura da cidadania – histórica e nacional, inclusive. Como só é possível gostar do que se conhece, esta comunicação pretende explicitar/discutir o tecido/tessitura urdido por María Rosa Lojo em *El alférez y la provisora e Tatuajes en el cielo y en la tierra*, narrativas de extração histórica publicadas em *Amores insólitos de nuestra historia* (2011), cuja análise, à luz da crítica feminista, reflete a conquista da identidade dos personagens, reumanizados pela reconstrução histórica expressa no discurso da mulher autora. Ao bordar os amores insólitos, María Rosa Lojo apodera-se de uma tradição tipicamente feminina. Pela Palavra,

Sheherazade salva as mulheres de seu povo e cura o sultão, no “narrar e curar” de Walter Benjamin. Pela Palavra, María Rosa recria parte significativa da História nacional argentina e, ao dessacralizar o herói, provoca a reflexão sobre a Humanidade – a expurgação que pode promover a cura. María Rosa é a aranha, a mulher tecelã, que ficcionaliza uma História que talvez não existisse sem ela. Os estudos de Barthes, Duarte, Esteves, Hollanda, Hutcheon, Lojo, Meneses, Schmidt, Showalter, Xavier e Zolin forneceram o aporte teórico utilizado para a elaboração do trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: *Amores insólitos de nuestra história*; María Rosa Lojo; narrativas de extração histórica; crítica feminista; tecido/tessitura.

A REPRESENTAÇÃO DO PASSADO DITATORIAL BRASILEIRO NA PRODUÇÃO DO ESCRITOR JOÃO ANTÔNIO

Luciana Cristina CORRÊA – Pós-doutoranda (UNESP/Assis)

RESUMO: Na produção literária de João Antônio (1937-1996), a partir de seu terceiro trabalho *Malhação do Judas Carioca* (1975), podemos destacar um ineditismo em relação ao gênero literário adotado pelo autor e no que se refere à construção de seus personagens. O escritor opta por trabalhar o parajornalismo através de ensaios, perfis de cunho jornalístico, crônicas ou textos memorialísticos, porém sem desconsiderar a vertente anterior predominantemente ficcional de suas obras iniciais. Como ele mesmo afirma, a literatura “pode ser tudo isso trançado, misturado, dosado, conluiado, argamassado uma coisa da outra” (1987:324). Diante dessa premissa, destacamos para a presente proposta de comunicação o estudo de uma de suas narrativas, cujo tema é o desaparecimento, em 1973, do menino Carlinhos, sequestrado no Rio de Janeiro, nos anos da repressão política e militar brasileira. Cumpre-nos apontar ainda que, tanto nas produções iniciais de sua carreira quanto nos textos posteriores, nos quais observamos a existência de um amálgama de gêneros, João Antônio transporta artisticamente personagens do real para a literatura. A diferença está, todavia, no fato de que numa tendência ele os cria, ficcionalmente, a partir da realidade que observa e, na outra, transfere o real para as suas narrativas, modificando-o consoante suas intenções, a ponto de considerarmos todos os seres de sua escrita como personagens. O autor, através de “um trabalho criador, em que a memória, a observação e a imaginação se combinam em graus variáveis” (CANDIDO,1976:74), consegue captar a essência cultural brasileira e a transporta para a sua escrita de forma consistente, revelando que a verdadeira grandeza cultural dá-se no momento em que o enfoque do intelectual se projeta em direção às margens sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira; João Antônio; ditadura militar.

PRINCESA, UM LIVRO DE ROUBO

Luciana Miranda Marchini ULGHERI – Doutoranda (FFLCH/USP) – CAPES

RESUMO: *Princesa* é o nome de uma obra publicada por uma cooperativa editorial nascida dentro do cárcere de Rebibbia, na cidade de Roma. Escrito a quatro mãos, o texto nasce como uma narrativa em três vozes, tendo sido transformado em livro em 1994. É uma das primeiras obras da chamada *Letteratura Italiana della Migrazione* e foi produzida em italiano com base nos relatos escritos e orais de Fernando Farias de Albuquerque apresentados a um ex-terrorista italiano, Maurizio Jannelli. Fernando é um brasileiro do sexo masculino que decide transformar-se em Fernanda, uma transexual que logo passaria a se chamar Princesa. O texto é escrito por Fernanda com a ajuda de seu amigo de prisão (não de cela), o sardo Giovanni Tamponi em uma língua híbrida inventada pelos dois que tinha como base a língua portuguesa, a língua sarda e o italiano coloquial. A passagem deste pastiche linguístico para o italiano *standard* foi realizada por Jannelli. Ao fazer esta passagem o coautor transporta em outros contextos acontecimentos semelhantes da vida da protagonista, transformando-se ela mesma em personagem de contos e narrções alheias. Se, por exemplo, o “sentimento dos contrários” marca a sua psique e sua trajetória de vida, Pirandello entra na sua história. Se a fuga de Seu Arlindo se assemelha àquela de Frate Alberto, eis Bocaccio dentro da narrativa e assim por diante. O texto final de *Princesa* se aproxima muito das relações dialógicas e polifônicas propostas por Bakhtin, pois nos permite ouvir várias vozes sem que, porém, nenhum intertexto seja explicitamente localizável, ficando por conta do leitor a capacidade de ouvi-las ou não. Devido a esses diálogos dentro da obra, o coautor afirma que “*Princesa*, se quiserem, também é um livro de roubo”.

PALAVRAS-CHAVE: Intertextualidade, literatura migrante, entre-lugar.

MEMÓRIA EM JOGO: O TEATRO QUINHENTISTA NA CENA CONTEMPORÂNEA

Lucila VIEIRA – Mestranda (UFBA)

Coautor: Márcio MUNIZ

RESUMO: No final do século XIX, o crítico português Teófilo Braga denominou de “Escola Vicentina” a produção de dramaturgos cujas obras dialogavam com a estética de Gil Vicente, dramaturgo português do século XVI. Dentre os textos teatrais que realizariam esse diálogo, estão quinze peças anônimas quinhentistas, que só recentemente foram editadas pelo Centro de Estudos do Teatro da Universidade de Lisboa. Nosso trabalho busca instrumentalizar os estudos sobre esses textos, vislumbrando as possibilidades de encená-los contemporaneamente. Refletiremos também sobre o estatuto do texto, principalmente o artístico, como objeto referencial e reproduzidor de tradições históricas, culturais e sociais. No entanto, esta pesquisa sobre os autos anônimos e outras peças teatrais portuguesas do século XVI, trouxe à cena não só o diálogo, entre literatura e teatro, mas a necessidade de empreender um olhar que contemplasse além do sentido da palavra, que por si só já é deveras complexa. O trabalho encaminhou-se para nova perspectiva de investigação, compreendendo, a partir dos textos, como possivelmente era representado esse teatro quinhentista, e qual o legado que ele deixara para a arte dramática lusófona. Iniciou-se, então, o processo de pesquisa e encenação de dois autos que compõem o *corpus*, colocando à prova não só as possibilidades de comunicação entre este e aquele tempo, mas

presentificando tais produtos históricos portadores de uma tradição artística inaugural para o teatro em língua portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Teatro quinhentista português; encenabilidade do teatro quinhentista português; memória teatral em língua portuguesa.

ASPECTOS GERAIS DA CARACTERÍSTICA CÍVICA DE CAMÕES

Luiz Eduardo Rodrigues AMARO – Doutorando (UNESP/Assis) – CAPES

RESUMO: Muita coisa se escreve sobre a importância de Camões e de sua fortuna crítico-literária para a Literatura e Língua Portuguesa. No entanto, o aspecto cívico, que vai de encontro aos valores sociais que ultrapassam essas fronteiras, não é tão estudado assim. Por esse motivo, o presente trabalho aborda, de uma forma panorâmica, o civismo contido em Camões, já orientado desde *Os Lusíadas*, e como esse conceito foi resgatado pela política, pela propaganda e pela memória histórica, como componente constituinte do próprio *ethos* português. Para tanto, utilizaremos, como base teórica, textos de renomados pensadores, como Antonio José Saraiva, Eduardo Lourenço, Óscar Lopes e Victor Ferreira. Com isto, conseguiremos revelar, com mais nitidez e abrangência, a importância cívica que esse escritor teve para Portugal, desprendendo-o da esfera literária para entrar na construção propriamente dita da nação portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: *Os lusíadas*; Camões; civismo; política; *ethos* português.

ASPECTOS INTERTEXTUAIS DA OBRA V DE VINGANÇA DE ALAN MOORE.

Luiz Eduardo Rodrigues AMARO – Doutorando (UNESP/Assis) – CAPES

RESUMO: V de Vingança é o trabalho que levou Alan Moore ao reconhecimento. A história do anti-herói V, em uma Inglaterra alternativa, está repleta de significações e intertextualidade. Utilizando-nos principalmente dos ensinamentos de Kristeva, Fiorin, Bezerra e Discini, explicitaremos a intertextualidade da obra, para que possamos compreendê-la no contexto e sugerir as devidas significações. Esta obra não existiria sem a intertextualidade, pois ela foi construída pautada nela. Neste trabalho, provaremos que a intertextualidade não é apenas um recurso, é essencial para a significação da obra.

PALAVRAS-CHAVE: Alan Moore; V de Vingança; intertextualidade; HQ literária; resignificação.

GÊNERO LITERÁRIO E MEMÓRIA: O “IDÍLIO”, DE TEÓCRITO A MÁRIO DE ANDRADE

Luiz Fernando GARCIA – Doutorando (UNESP/Assis)

RESUMO: Este trabalho apoia-se, por um lado, na reflexão de Mikhail Bakhtin sobre “gênero literário” e, por outro, na ocorrência do gênero “idílio” no processo da evolução literária, de Teócrito a Mário de Andrade (*Amar, verbo intransitivo, “Idílio”*), passando por Gessner e Saint-Pierre (séc. XVIII). Para Bakhtin, o gênero literário renasce e se renova em cada nova etapa do desenvolvimento da literatura e em cada obra individual de um dado gênero, sendo o representante da memória criativa neste processo. A mudança da percepção e representação do espaço/tempo e do homem presente nela, se reflete na realização do potencial do gênero, causando sua atualização. Dessa forma, cada realização é, então, uma atualização sincrônica dentro de um processo diacrônico, onde os “*Idílios*”, de Teócrito, Gessner, Saint-Pierre e Mário de Andrade, focalizados neste trabalho, representando manifestações diferenciadas desse mesmo gênero literário, não somente asseguram a unidade e continuidade do processo de desenvolvimento literário, como também constroem e registram a memória do ser humano (representado neles) e também sua própria memória como textos literários.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero literário; idílio; memória.

CRÔNICA: UM MODO DE EXPLICAR E APROXIMAR A LÍNGUA PORTUGUESA DO GRANDE PÚBLICO

Maiara Keiko UNO – Graduada (UNESP/Assis)

Coautora: Sandra Aparecida FERREIRA – Doutora (UNESP/Assis)

RESUMO: O jornalista Emir Macedo Nogueira (1927 - 1982) criou e manteve a coluna dominical *A língua nossa de cada dia*, entre 1968 e 1982 no jornal *Folha de São Paulo*, o que resultou em 273 crônicas publicadas, segundo o site Acervo Folha. As crônicas foram criadas a partir de comentários cotidianos e notícias que serviam como pretexto para a explanação de tópicos da língua portuguesa. O caráter metalinguístico do trabalho de Nogueira é evidente mesmo no título escolhido para sua coluna; título, aliás, que é paráfrase do sintagma “o pão nosso de cada dia nos dai hoje”, contido na oração “Pai Nosso”, e que reflete os objetivos de seu mentor: tornar a língua objeto de conhecimento que deve ser cotidianamente consumido pelo grande público. O projeto de pesquisa em andamento pretende indexar as crônicas publicadas na coluna antes a partir de um sistema de representação do conteúdo dessas crônicas no qual serão identificados dados objetivos e conceituais: data de publicação, título, seção e página na qual a crônica fora publicada, classificação em categorias morfossintáticas e a criação de um resumo informativo para cada crônica. Como exemplo, utilizaremos a crônica “Pouco assunto”, publicada em 14/04/1974, que retrata a perspicácia do autor ao construir seu texto e explicar o funcionamento do advérbio.

PALAVRAS-CHAVE: Crônica; *Folha de São Paulo*; língua portuguesa.

MEMÓRIAS E ESCRITURAS QUE FAL(H)AM EM EXORTAÇÃO AOS CROCODILOS

RESUMO: A narração de experiências traumáticas tensiona os limites entre memória e linguagem. A possibilidade de representar o que aconteceu é dissipada na memória estilizada, e malograda na tentativa de representar-se em linguagem. O testemunho faz-se impossível. O sujeito que viveu experiências de choque tem sua subjetividade constantemente questionada em suas certezas, quando estas são invadidas pelas lembranças involuntárias que surgem com todo o peso do vivido. Sua tentativa de organizar os fatos é vã, dado que esse sujeito não tem segurança de si para dizer o que aconteceu. Desse modo, essa subjetividade em devir funda-se em uma memória que é feita de puro rastro, reminiscência, que ressurgem no presente, este então abalado pela força do passado que se inaugura de novo. A verdade do passado se confunde com a abertura do presente nos dramas pessoais experienciados. É o que se vê na narrativa de *Exortação aos crocodilos* (1999), romance do escritor português António Lobo Antunes, em que os fatos são apresentados nesse momento de limiar do acontecimento, que é todo o acontecer. Porque este não se efetiva, não se conclui, mas está a fazer-se, reverberando na intempestividade da significância da linguagem. Tal processo se realiza em uma linguagem imprecisa, gaguejante, que falha constantemente. O sentido que se fala está nesse movimento. Daí o acontecimento, junto à linguagem, permanecer em um processo de constante abertura. As quatro mulheres do romance participam do mesmo ocorrido, estão no mesmo acontecer que se inaugura a cada fala de uma delas. Vivenciam-no em profundidade, ao ponto de transmutar seus passados pessoais: a força da experiência presente alterando as lembranças do passado, refazendo essas na linguagem que é fala que falha e está a dizer.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; narrativa; subjetividade; linguagem.

REVISITAÇÃO AO MITO DONJUANESCO POR MIGUEL DE UNAMUNO: *EL HERMANO JUAN O EL MUNDO ES TEATRO – VIEJA COMEDIA NUEVA*

Maira Angélica PANDOLFI – Doutora (UNESP/Assis)

RESUMO: Esta comunicação pretende tratar da dramaturgia donjuanesca que nasce a partir da memória revisitada dos Tenorios de Tirso de Molina e de Zorilla, mais especificamente, vamos abordar a obra dramática *El Hermano Juan o el mundo es teatro*, intitulada pelo autor de “vieja comedia nueva”, do grande filósofo, filólogo, político e escritor espanhol Miguel de Unamuno (1864-1936). A peça que vamos analisar apresenta três atos e foi escrita em forma de prosa em 1929 e publicada em 1934, porém nunca foi representada. Tão importante quanto a obra em si é o seu Prólogo, pois é nele que Unamuno expressa a sua particular compreensão sobre o Mito de Don Juan; compreensão esta que se destaca em vários aspectos daquelas apresentadas por seus contemporâneos. Esse drama metafísico unamuniano reflete, sobretudo, acerca de uma personalidade dividida que almeja abandonar o papel que lhe toca representar, resultando na busca de um outro, mais autêntico. Percorre por toda obra uma concepção calderoniana da vida e uma surpreendente reatualização de Don Juan, que pretendemos enfocar a partir da clássica estrutura das invariantes do mito definidas por Jean Rousset. O mito de Don Juan foi

convertido em verdadeiro símbolo nacional espanhol na medida em que foi passando de um autor a outro, morrendo e renascendo como uma fênix. Também nos valem das teorias da intertextualidade nos moldes propostos por Tiphaine Samoyault para quem o eterno retorno é um mito, mas também o princípio constitutivo deste, uma vez que a reiteração do enunciado é, ao mesmo tempo, uma re-atualização do mesmo. Navegamos, assim, pelo terreno da memória cultural donjuanesca espanhola, constantemente renovada desde sua primeira versão literária no século XVII.

PALAVRAS-CHAVE: Miguel de Unamuno; mito de Don Juan; drama.

MEMÓRIA IMAGÉTICA DE MITOS ITALIANOS EM *IL MOSCONE*

Marcia RORATO – Doutora (UEL)

RESUMO: Apresentaremos, neste seminário, os resultados do projeto de pesquisa, *Identificação e catalogação das imagens ilustradas nas primeiras páginas do Semanário Il Moscone entre 1925 a 1929*, vinculado à Linha de pesquisa: *Literatura, história e cultura* do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Estadual de Londrina. O projeto foi criado a partir dos estudos realizados para o doutorado sobre o semanário crítico, humorístico e ilustrado, *Il Moscone*, um dos jornais da imprensa da colônia italiana de São Paulo, que costumava publicar em suas páginas de abertura *portraits-charges* de personalidades italianas de maior relevo dentro da comunidade italiana. Tratava-se dos ‘figurões’ que conseguiram realizar o sonho da maioria dos imigrantes de *fare l’America*, transformando-se em verdadeiros mitos, como por exemplo: o Conde Francesco Matarazzo, o Comendador Giuseppe Martinelli e o Coronel Geremia Lunardelli. O projeto reuniu os *portraits-charges* estampados nas capas do Semanário durante o período correspondente a sua fundação, evidenciando suas características imagéticas e os ilustradores que os criaram. A partir dos textos descritivos que se encontram abaixo de cada uma das caricaturas, foram realizadas buscas de dados biográficos para a identificação dos membros da comunidade italiana de São Paulo, retratados em destaque nas referidas capas, assim como dos ilustradores responsáveis pela concepção dessas caricaturas.

PALAVRAS-CHAVE: Memória imagética; imprensa italiana; São Paulo.

A CONSTRUÇÃO DO CÂNONE LITERÁRIO E A RUPTURA COM A INTERPRETAÇÃO CIENTIFICISTA

Marcio Roberto PEREIRA – Doutor (UNESP/Assis)

RESUMO: Este trabalho analisa a *História da literatura brasileira*, de José Veríssimo, a partir de ruptura com a crítica romântica ou com a interpretação cientificista ao adotar um ecletismo teórico que o faz desconfiar dos sistemas fechados e das classificações únicas. Da valorização etnológica ao sentimento nacionalista ou do cientificismo à defesa estética da construção do cânone literário, a trajetória de José Veríssimo é marcada por uma organicidade que gera o apuramento de seus critérios.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira; José Veríssimo; crítica literária; cânone; tradição.

AS PERCEPÇÕES CRÍTICAS DE ÁLVARO LINS SOBRE O ROMANCE *CAETÉS* (1933), DE GRACILIANO RAMOS

Marcos Antonio RODRIGUES – Mestrando (UNESP/Assis) – FAPESP

RESUMO: Álvaro Lins (1912-1970), conhecido sobretudo como *crítico literário*, recepcionou grande parte da produção literária do momento em que atuou (o que condiz aos decênios de 30, 40 e 50). Nesses conformes, o crítico brasileiro não deixou de se manifestar sobre um dos mais importantes escritores do período – Graciliano Ramos (1892-1953) –, recepcionando e acompanhado passo a passo o percurso do ficcionista alagoano em nossas letras. Com isso em vista, pretende-se nesta comunicação discutir as ponderações do crítico referentes ao romance *Caetés* (1933), sendo possível adiantar alguns lances pontuados por ele sobre a obra: influência/presença de Eça de Queirós e, principalmente, de Camilo Castelo Branco; falta de qualidade artístico-temática em relação aos romances que o sucedem e vulgaridade/baixezza presente no discurso dos personagens. Além disso, a seu ver, outras falhas percorrem o livro; mas, exaltar-se-ão igualmente os pontos positivos que o crítico atribui à produção do escritor.

PALAVRAS-CHAVE: Recepção crítica; Álvaro Lins; Graciliano Ramos, *Caetés*.

‘EL MAL DE MONTANO’: A DIFICULDADE DE ESCRITA E A REFLEXÃO INTERTEXTUAL EM SEBALD E ENRIQUE VILA-MATAS

Marcos Eduardo de SOUSA – Mestrando (UFOP)

RESUMO: A dificuldade da escrita é um *topos* recorrente na literatura ocidental. Nossa reflexão detêm-se nas obras *Os anéis de Saturno*, do escritor alemão W. G. Sebald e no conto “El mal de Montano”, de Enrique Vila-Matas, no modo como os narradores, ao incorporarem a tradição artística e a história em suas obras, passariam a sofrer, o que Vila-Matas chama, nesse texto ficcional, de o mal de Montano, que seria, “mi obsesión enfermiza por los libros y de mi manía de verlo todo *desde* la literatura”. Analisamos a forma como esses narradores apresentam as narrativas, ou partes delas, pensando a literatura como repositório da memória, como um dos locais de acumulação da cultura, ao incorporar o repertório ocidental em suas histórias e vidas. Esses narradores refletem sobre suas escritas e mesmo sobre como essas influências refletem sobre a sua forma de pensar e escrever. Se “a função mnemônica da literatura provoca um procedimento intertextual”, como menciona a teórica Renate Lachman, então, as obras mencionadas podem ser tomadas como fortes exemplos desse procedimento e da reflexão sobre a dificuldade da escrita. Evidenciando a confluência o que repertório intertextual mobilizado na e pela construção dos narradores, somado à característica altamente reflexiva dessas obras,

contribuem para alimentar o repertório de textos que falam de outros textos, de narradores, que podemos dizer, sofrem d'*O mal de Montano*.

PALAVRAS-CHAVE: Narrador; intertextualidade; memória; esquecimento; escrita.

SOMBRA E SILÊNCIO: MEMÓRIAS ATRÁS DAS GRADES

Maria Aparecida de BARROS – Mestranda (UFGD)

RESUMO: O silêncio e a invisibilidade seriam as palavras que melhor representariam a história da mulher no decorrer de muitos séculos. Desde a antiguidade, até os dias atuais, essa história pouco mudou. Muitas vitórias foram conquistadas, a custo de suor, lágrimas e vidas, porém, para a maioria das mulheres, só lhes sobra um espaço: o espaço da subalternidade. Nesse contexto de subalternidade, as mulheres, em situação de prisão, habitam um espaço marginal, e nele, fazer uso da palavra e apropriar-se do direito à fala é um ato de coragem e de rebeldia. É através do poder de suas vozes, nas narrativas orais, que elas reivindicam o direito à fala, e é possível testemunhar experiências, trazendo à luz suas memórias ainda que subalternas. Dessa forma, a partir das celas da prisão, produzem o seu discurso, elaboram o seu balbucio que, embora abafado, ultrapassa as grades e os altos muros. Nesta comunicação, pretendemos analisar uma narrativa oral à luz dos Estudos Culturais: a história narrada por VB, uma mulher negra, que está, temporariamente, privada de sua liberdade, cumprindo pena em Regime Fechado. A partir desta análise, propomos uma reflexão sobre o espaço prisional como espaço fronteiro e de enunciação, subalternidade, as memórias subalternas e a testemunha e os seus silêncios, tendo como referência Maurice Halbwachs, Hugo Achugar, Michele Perrot, Gayatri Spivak, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Subalternidade; memorialística; prisão.

LITERATURA E HISTÓRIA: A FICCIONALIZAÇÃO DE PERSONAGENS HISTÓRICOS EM *LEALDADE* (1997), DE MÁRCIO SOUZA

Maria Cláudia de MESQUITA – Doutoranda (UNESP/Assis)

Coautor: Benedito ANTUNES – Doutor (UNESP/Assis)

RESUMO: Os romances históricos apresentam fatos históricos ficcionalizados, ou seja, recriados para a literatura. O romance histórico *Lealdade*, de Márcio Souza, foi publicado em 1997 e é o primeiro volume da tetralogia *Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro*. Nessa obra o autor apresenta personagens que se referem a personalidades históricas envolvidas nas batalhas da Cabanagem (1835 -1840), convivendo com o protagonista, representante do homem comum. O romance histórico é um gênero híbrido que apresenta uma releitura ficcional do passado, sem ter, dessa forma, um compromisso com a historiografia tradicional. Destaca-se a ficcionalização de personagens históricos conhecidos como o cônego Batista Campos, o Eduardo Angelim, o Príncipe Regente e o Padre Zagalo. A

presença dessas personagens históricas garante verossimilhança à narrativa que representa o século XIX na região norte brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura e história; Márcio Souza; personagens históricos; romance histórico.

PRESENÇA DA MÉMORIA INVOLUNTÁRIA EM *O AMANUENSE BELMIRO*, DE CYRO DOS ANJOS

Mariana Mansano CASONI – Mestre (UNESP/Assis)

RESUMO: Em meio às intensas atividades políticas no Brasil, Cyro dos Anjos publica sua obra de estreia: *O amanuense Belmiro*, em 1937. O autor mineiro, diferente do que se estava produzindo naquele momento, revela seu olhar profundo sobre os aspectos humanos de uma forma leve e poética. No decorrer de sua obra, percebe-se o diálogo com inúmeros escritores e pensadores de peso para a literatura, dentre eles o escritor francês Marcel Proust, conhecido por sua constante busca pelo passado e pelo seu modo de narrar diferente do convencional, visto que sua narrativa funde passado e presente. Ao longo da narrativa de Cyro, o protagonista, Belmiro Borba, revela sua ânsia de viver novas experiências, no entanto, ele apresenta também uma paralisia crônica em relação a sua vida. Por meio das citações e alusões a Marcel Proust a dicotomia passado presente fica evidente na narrativa, bem como na característica do narrador belmiriano. Ao contrário do narrador proustiano, Belmiro não consegue se desprender totalmente de seu presente e mergulhar de modo intenso em seu passado, a partir deste momento, observam-se a fragilidade e os conflitos presentes no protagonista de Cyro dos Anjos. No entanto, um fato aproxima os dois narradores: a presença da memória involuntária, que é despertada por algo familiar, como um perfume ou uma música.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura comparada; Cyro dos Anjos; Marcel Proust.

TELAS VIVAS: CARAVAGGIO NO PALCO IRLANDÊS

Mariese Ribas STANKIEWICZ – Doutora (UTFPR)

RESUMO: O dramaturgo irlandês Frank McGuinness elaborou *Innocence* (1986) tendo como principal fonte de estruturação dramática uma sequência de telas de Michelangelo Merisi da Caravaggio para tecer uma narrativa das histórias representadas nelas. Visto que um conjunto dessas telas procura explicar alguns acontecimentos na vida do pintor, assim como apresenta alusões a eventos irlandeses da época em que a peça foi escrita, este estudo examina *Innocence* a partir do diálogo entre o teatro e as artes plásticas e, também, do lugar fronteiriço entre o texto teatral e a representação da arte de Caravaggio, onde o teatro e as artes plásticas confluem e onde há o relacionamento entre imagem e palavra. Observando-se a relação entre as artes plásticas e o teatro, este texto verifica o potencial de "transposição intersemiótica", ou seja, o processo através do qual a tela com a pintura dá espaço ao cenário com suas respectivas ações. As "telas" são os gestos, os movimentos e os

discursos dos personagens, o que enfatiza o aspecto de que uma tradução intersemiótica e cultural pode englobar também outros elementos como a ideologia, os propósitos e as ideias gerais nos textos-fonte, que são transpostos para o contexto-cultural-alvo. Trata-se, portanto, tomando de empréstimo uma ideia de Patrice Pavis (1990), de um olhar a partir do cruzamento de duas culturas e de duas artes, através da apropriação da ideia sugerida pelos elementos plásticos para a produção teatral.

PALAVRAS-CHAVE: Teatro irlandês; interculturalidade; ficcionalização da História.

RASTROS DA MEMÓRIA, HISTÓRIA E FICÇÃO EM *CUNHATAÍ*: UM ROMANCE DA GUERRA DO PARAGUAI

Marinalva da Silva Pedro de ALMEIDA – Mestranda (UFGD)

RESUMO: Caracterizado como um marco histórico, a invasão dos paraguaios às terras da Província do Mato Grosso (1864 a 1870) que levou o Paraguai a um enfrentamento com a Tríplice Aliança (Argentina, Brasil e Uruguai) e que deflagrou a Grande Guerra, Guerra do Paraguai ou Guerra da Tríplice Aliança, ainda hoje, após um século e meio de seu acontecimento, encontra-se entre os fecundos temas pesquisados, explorados e debatidos em obras conceituadas, quer históricas ou literárias. Por conseguinte, é também o fio condutor que percorre a leitura reflexiva que nos propomos a fazer em torno da obra *Cunhataí*: um romance da Guerra do Paraguai (2003), da escritora mato-grossense Maria Filomena Bouissou Lepecki, em cuja narrativa e contexto tanto a ficção, quanto a história e a memória se fazem presentes e através da intertextualidade vão se entrelaçando dando forma à narrativa. Considerando que cada texto literário dialoga, direta ou indiretamente, com sua época e seu contexto cultural, este trabalho visa tecer considerações sobre a obra *Cunhataí*, cuja natureza fictícia recupera, pela ótica de uma mulher mato-grossense, a história dessa Guerra reapresentada, agora, de forma diferenciada, literariamente, possibilitando que a ‘verdade da história’ seja pluralizada, fortalecendo, ao mesmo tempo, a base de que tanto a história quanto a literatura são constructos discursivos que permitem que o passado seja reescrito, reapresentado e recriado como ficção. Pautando-nos, então, nas premissas discutidas por alguns teóricos relacionados aos estudos literários e culturais, buscamos compreender a obra sob os mais variados pontos de vistas que permeiam o espaço fronteiro entre os saberes histórico, memorialístico e ficcional do discurso contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; literatura; história; ficção.

CONCEIÇÃO DE "O QUINZE" E MADALENA DE "SÃO BERNARDO": IMAGENS DE PROFESSORAS (DES) CONVENCIONAIS

Marleide Santana PAES

RESUMO: O presente trabalho tem por proposta analisar a imagem do professor nas literaturas de Língua Portuguesa do início do século XX. O mesmo tem por corpus os

romances *O Quinze* (1930) e *São Bernardo* (1934), respectivamente dos autores Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos. Apesar de ambas as obras apresentarem um enorme arsenal de discussões, primar-se-á aqui pela análise que nos direcione a compreensão de qual e/ou quais as funções que cada professor-personagem exerce respectivamente nos romances supracitados. Bem como, investigar-se-á a maneira que os mesmos interagem com as realidades sociais e os diálogos que estabelecem com as outras personagens. Ademais, verificar-se-á como estas professoras se apresentam como agentes transformadoras da inhospita realidade social, em *O Quinze*, incorporada nas agruras do sertão nordestino durante os longos períodos de estiagem; e em *São Bernardo*, cristalizada na figura exploratória do proprietário da fazenda. Na construção argumentativa dos textos de Rachel de Queiroz e de Graciliano Ramos, pode-se observar que as datas não são demarcadas explicitamente, ainda assim, as professoras-personagens, Conceição e Madalena, pertencentes respectivamente aos romances *O Quinze* e *São Bernardo* podem ser reconhecidas como as "moças de família" da sociedade brasileira das primeiras décadas do século XX feminina.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher; leitura; sociedade.

ESCRITURAS LITERÁRIAS: DIÁLOGOS LATINOS SOBRE A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA HISTÓRICA E RELAÇÕES DE PODER

Marta Francisco de OLIVEIRA – Doutoranda (UNESP/Assis) UFMS

RESUMO: Este trabalho propõe pensar sobre como literatura, história, memória e ficção servem como material para estabelecer uma relação entre o exercício de escrita por e sobre a mulher na América Latina com a discussão acerca de relações de poder tão necessária para a compreensão de nossa memória histórica e para a construção de nossa identidade, a um tempo regional e universal. Ao propor discussões e reflexões sobre o fazer literário e a imagem da mulher em sua relação com o poder e seu papel social, quer imposto, quer almejado e conquistado, partimos de casos específicos de representação feminina na literatura de Clarice Lispector e de Tomás Eloy Martínez. Este diálogo latino a partir de escrituras literárias se estabelece através de duas personagens cujas trajetórias se aproximam e logo divergem quanto à condição da mulher latino-americana, ao mesmo tempo em que compõem um quadro revelador da construção da memória histórica de seus países de origem, pondo em relevo como a questão da diferença também se estende para as questões de relações de domínio e submissão. Sem dúvida, assim como tal construção está perpassada pelos conflitos de gênero e poder, a literatura que aborda este tema desempenha um papel fundamental na disseminação de posturas mais reflexivas: se Tomás Eloy se apropria de fatos históricos e da figura real de Eva Perón para compor sua ficção centrada no imaginário que a primeira dama embrenhada nos jogos de poder de seu país em meio à ditadura desperta, e Clarice apresenta como personagem principal uma jovem nordestina miserável, perdida na então capital federal brasileira, podemos unir as duas pontas de uma trajetória feminina para compreender/discutir seus avanços e retrocessos na constituição de nossa história e de nossa identidade latina.

PALAVRAS-CHAVE: literatura; história; memória.

A PRESENÇA DO GÊNERO FEMININO NIPO-BRASILEIRO NA OBRA DE LAURA HONDA-HASEGAWA

Marta Matsue Yamamoto OTENIO – Doutoranda (UNESP/Assis) – CAPES

RESUMO: O gênero feminino nipo-brasileiro é intrinsecamente marcado por duas culturas, dois mundos, duas etnias e, sobretudo, duas línguas. A presença dessas personagens femininas na obra da nipo-brasileira Laura Honda-Hasegawa, nos conduz a refletir sobre o que é ser descendente de japoneses, no caso, mulher e japonesa, numa cultura onde as fronteiras entre as classes sociais são demarcadas por raça e cor. O teórico Homi Bhabha evidencia as fronteiras como um espaço dialógico, capaz de articular as diferenças entre duas culturas e, ainda, instiga a pensar a questão de identidades sob o prisma da dialética. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo identificar os diversos tipos de mulheres nipo-brasileiras e quais as estratégias que utilizam na construção de suas identidades, bem como as barreiras e fronteiras encontradas para uma possível assimilação. Ressaltamos que a assimilação é muito mais difícil para os japoneses devido à aparência física, ou seja, por mais que o descendente esteja assimilado à cultura brasileira, a todo instante ele é apontado como japonês ou japonesa. Assim, o espaço dialógico produzido pelas fendas entre as culturas brasileira e japonesa possibilita a produção de um local intermediário, no qual essas mulheres tentam deixar suas rubricas e memórias. Enquanto algumas mulheres *nikkeis* seguem à risca as tradições familiares japonesas, outras transgridem os ditames patriarcais de seus ancestrais. Nesse embate cultural encontraremos personagens que superam as diferenças e têm êxito, mas, também haverá aquelas que se deparam com uma barreira que as impedem de se enquadrar tanto no perfil japonês, como no brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; nipo-brasileiro; *nikkei*; Laura Honda-Hasegawa.

OS CARBONÁRIOS DE ALFREDO SIRKIS: PACTO AUTOBIOGRÁFICO?

Maykom de Faria e SILVA – Mestrando (UFGD)

RESUMO: O presente trabalho pretende analisar *Os carbonários* [1980], de Alfredo Sirkis, tomando-o como texto autobiográfico. Para tanto, se pautará nas considerações de Philippe Lejeune (2008) a respeito da constituição de uma autobiografia, sobretudo no referente a aspectos essenciais para que uma obra se configure como tal, a saber: (a) a relação de identidade entre autor-narrador-personagem principal e (b) a presença de uma obra autoral constituída que configuraria o chamado “espaço autobiográfico”. Análises apontam para uma dissonância existente entre os conceitos referidos acima e o livro de Sirkis. Verifica-se que *Os carbonários* não se configura como uma autêntica autobiografia, pois, além de não apresentar uma clara relação de identidade entre os elementos de “a”, supracitados, inexistem também a obra autoral mencionada em “b”. Assim, para se certificar que o personagem principal remete ao autor do livro é necessária uma abordagem extratexto. Relacionado aos conceitos de autobiografia expostos por Lejeune, *Os Carbonários* contribui para problematizar as categorias explanadas em *O pacto autobiográfico* (2008). Primeiramente, pelo fato de o contexto social em que a

autobiografia é escrita ser pouco tratado por Lejeune. Ademais, a construção de um espaço autobiográfico parece desnecessária em obras da literatura brasileira contemporânea, onde figura *Os carbonários*.

PALAVRAS-CHAVE: Autobiografia; *Os carbonários*; Sirkis.

A EDAD DE PLATA LÊ O SIGLO DE ORO: A CONFERÊNCIA SOBRE GÓNGORA, DE FEDERICO GARCÍA LORCA

Mayra Moreyra CARVALHO – Mestranda (USP)

RESUMO: Desde antes de sua morte, em 1627, e pelos trezentos anos seguintes, Góngora é uma figura duramente criticada pela obscuridade de sua poesia, caracterizada pela dificuldade assombrosa que representava sua organização da sintaxe espanhola, pelas referências mitológicas que não faziam concessões ao leitor não-iniciado e pela linguagem extremamente imagética. Visando reivindicar o lugar merecido por Góngora na historiografia literária e propondo, portanto, uma reconfiguração, o grupo de jovens poetas espanhóis que passaria à história da literatura como Geração de 1927 se reúne em torno a um projeto que previa a reedição de obras do poeta seiscentista, números especiais de revistas literárias e uma série de atos públicos para homenageá-lo. Este trabalho propõe-se a analisar a conferência de García Lorca, “La imagen poética de Don Luis de Góngora”, a qual antecipa as discussões do grupo e tem um caráter fundador, já que é composta ao final de 1925. Partindo sempre da leitura detida do texto, valemo-nos dos trabalhos de Friedrich (1978), Berardinelli (2007) e Hamburger (2007) sobre a poesia moderna para compreender as afinidades estéticas de Lorca e de sua geração com o poeta do século XVII, uma vez que a conferência apresenta a tese de Góngora como pai da lírica moderna. As reflexões de Leyla-Perrone Moysés (1982) e Maria Ester Maciel (1994) acerca dos escritores-críticos na modernidade ajudam-nos a entender as especificidades de um texto crítico redigido por um poeta, permitindo-nos indagar também sobre o aspecto político nele implicado.

PALAVRAS-CHAVE: Luis de Góngora; Federico García Lorca; geração de 1927; poesia moderna.

O CANTO DA DENÚNCIA EM “MANIFESTO IMAGINADO DE UM SERVIÇAL” DE CONCEIÇÃO LIMA

Michael Douglas Alves PANTALEÃO – Graduando (UNESP/Assis) – FAPESP
Orientador: Márcio Roberto PEREIRA – Doutor (UNESP/Assis)

RESUMO: Conceição Lima (1961-), nascida em São Tomé e Príncipe, é hoje uma das maiores expoentes da literatura e poesia de seu país. Portadora de uma voz que parece refletir sobre o passado enquanto o reestrutura no presente para melhor compreendê-lo, Conceição invoca acontecimentos, terras e pessoas como lugares formadores de si mesma, num percurso que relembra enquanto critica. O presente trabalho pretende analisar o poema

“Manifesto imaginado de um serviçal”, presente em seu primeiro livro *O Útero da Casa* (2004), que se destaca como um exemplo relevante da inserção da memória no discurso poético, no qual a poeta tenta reconstituir uma história que fora anteriormente ofuscada por um registro predominantemente colonialista, contrariando assim as narrativas dominantes e propondo uma *releitura* dos fatos. Pretende-se, portanto, discorrer sobre as relações entre processos memorialísticos, de recuperação da história e processos discursivos da linguagem poética, tentando levar em consideração, além do poema principal a ser analisado, também sua relação com outros de temática semelhante presentes na obra. A partir da leitura do poema, tentar-se-á analisar a maneira como ele se relaciona com as teorias existentes sobre a memória, principalmente aquelas propostas por Michael Pollak e Paul Ricoeur, tentando criar uma ponte entre elas e o texto literário, além de socorrer-se aos estudos publicados por Inocência Mata e outros pesquisadores dos fenômenos literários e culturais em África.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia, memória, África.

EU SOU O(S) OUTRO(S): PERCEPÇÃO E ALTERIDADE NO ROMANCE *O LUSTRE* (1946), DE CLARICE LISPECTOR

Moisés Gonçalves dos SANTOS JÚNIOR – Mestrando (UNESP/Assis) – FAPESP
Coautora: Cleide Antonia RAPUCCI – Doutora (UNESP/Assis)

RESUMO: Um dos emblemas que permeiam a narrativa *O lustre*, publicada em 1946 por Clarice Lispector, é a trajetória de autodescoberta e busca interior da protagonista Virgínia que, desde a infância solitária no campo, percorrendo sua vida adulta na cidade grande, é acometida por misteriosas sensações, pensamentos, clarividências e impressões que, embora sempre fugidios, evanescentes, contêm em si a(s) semente(s) responsáveis na construção de sua frágil identidade. Entre essas percepções sobre a vida, Virgínia também se volta para seu mundo exterior e mantém relações com as outras personagens da trama, e apesar desses laços serem marcados pelo estranhamento e incomunicabilidade, serão a chave para compreender melhor a experiência da constituição de sujeito que se opera nessa personagem feminina. O propósito desta comunicação é interpretar essas vivências interiores e exteriores como as peças basilares do mosaico chamado Virgínia. Para tanto, dialogaremos com os pressupostos da filosofia moderna do francês Merleau-Ponty (1971, 1989) e seus conceitos de percepção e alteridade, que juntos, servem de instrumento para esboçar um possível perfil dessa personagem que se engendra por meio da experiência sensível com o mundo e do confronto com o(s) outro(s).

PALAVRAS-CHAVE: *O lustre*; Clarice Lispector; Merleau-Ponty.

ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA: A RECONSTRUÇÃO DE FACUNDO QUIROGA NOS CONTOS DE MARÍA ROSA LOJO

Muryel da Silva PAPESCHI – Mestrando (UNESP/Assis) – CAPES

RESUMO: A relação existente entre a história e a literatura sempre se fez de maneira amigável e o momento em que a América Hispânica se viu independente dos colonizadores espanhóis foi primordial para que o que Trouche (2006) nomeou como “narrativa de extração histórica” ocupasse um lugar de destaque entre autores e leitores desse estilo literário que propõe, a partir da segunda metade do século XIX, a intertextualidade ativa entre o contexto histórico e o literário. Atribuímos essa caracterização aos contos da escritora argentina María Rosa Lojo (1954 –), sobre os quais nos debruçaremos neste trabalho. São eles: “El general Quiroga vuelve en coche al muere”, presente na obra *Historias ocultas en la Recoleta* (2000), “Ojos de caballo zarco”, “Facundo y el Moro”, “El Maestro y la reina de las Amazonas” e “Amar a un hombre feo”, publicados em *Amores insólitos de nuestra historia* (2001). A escolha dos contos foi realizada considerando a presença ou referência direta ou indireta do personagem Juan Facundo Quiroga (1788-1835) ao longo do texto ficcional. O mesmo Facundo Quiroga conhecido através da obra publicada pelo argentino Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888), em 1845, *Civilización y barbarie. Vida de Juan Facundo Quiroga, y aspectos físicos, costumbres y ámbitos de la República Argentina*. O objetivo deste trabalho é apresentar uma possível leitura do Facundo, inspirado na história argentina, mas reconstruído ficcionalmente por Lojo. Para tanto, nos basearemos nas análises dos contos e nos textos teóricos fornecidos pela própria autora que, notadamente, transforma Facundo em um mito literário e o inscreve em sistemas diferentes, como o do sobre-humano e o da representação antropológica, relacionando a *virtus* ocidental e a sublimidade clássica.

PALAVRAS-CHAVE: Juan Facundo Quiroga; María Rosa Lojo; narrativa de extração histórica.

A TRADIÇÃO LITERÁRIA (RE)VISITADA: DIÁLOGOS INTERTEXTUAIS EM MAR PARAGUAYO, DE WILSON BUENO

Nádia Nelziza Lovera de FLORENTINO – Doutoranda (UNESP/Assis) – CAPES

RESUMO: Tendo em vista o eterno diálogo travado entre a literatura, as épocas, lugares e culturas, partimos do pressuposto de que um texto literário constitui-se de muitas vozes, nos infindáveis elos, conexões e interligações que os textos estabelecem entre si. A proposta deste trabalho é, então, explorar alguns diálogos intertextuais presentes no livro *Mar paraguay*, publicado em 1992 por Wilson Bueno. Dada a impossibilidade de analisar todos os textos que se entrelaçam na constituição desse romance, nosso objetivo será uma busca pelos ecos do cânone que se apresentam com mais força no discurso intertextual de sua protagonista narradora. Nesse caso, o discurso associado à renda pode ser considerado como uma metáfora importante na teoria literária e corresponde ao processo de composição de *Mar paraguay*, a partir da figura do *ñanduti*. Podemos considerar, então, que a protagonista-narradora trama seu relato, utilizando a tradição literária, visitando-a e revisitando-a. Todos os diálogos intertextuais no relato da marafona são significativos e refletem sua natureza híbrida e transfronteiriça.

PALAVRAS-CHAVE: Cânone; diálogos intertextuais; *Mar paraguay*.

AS CRÔNICAS DE MOACYR SCLiar NO CONTEXTO DO LIVRO *HISTÓRIAS QUE OS JORNAIS NÃO CONTAM: A RELAÇÃO ENTRE A REALIDADE E A FICÇÃO*

Naiana Leme CAMOLEZE – Graduada (UNESP/Assis)
Orientador: Márcio Roberto PEREIRA – Doutor (UNESP/Assis)

RESUMO: No livro *Histórias que os jornais não contam*, Moacyr Scliar faz de fragmentos de notícias publicadas em jornais o seu ponto de partida para crônicas divertidas, com estilo inusitado e, por vezes, até crítico. É pretendido observar esse contexto das crônicas do autor nessa obra, que reúne 54 crônicas, textos que escreveu entre 2004 e 2008, para o caderno “Cotidiano” da *Folha de São Paulo*, cuja intenção é fomentar a discussão em torno do experimento de Scliar, que explora a relação entre a realidade e a ficção. O autor mescla e sincroniza ficção e vida real, com base em trechos de matérias jornalísticas publicadas na própria *Folha*, trechos acrescidos de seu irreverente conteúdo imaginário, que ganham nova versão, marcada pela originalidade do autor, que por intermédio da imaginação, narra novas histórias, através de personagens criadas para protagonizar situações do cotidiano, destacadas no livro como histórias que "se esqueceram de acontecer", estabelecendo um campo favorável à discussão sobre contraste entre o ficcional e o real, se há possibilidade de estabelecimento de um limite entre um e outro e como a realidade pode ser manipulada ou distorcida, por vezes beirando o fantástico.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; jornalismo; hibridismo.

RETALHOS DE MEMÓRIA: A REPRESENTAÇÃO DA EXISTÊNCIA DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU, EM *LES RÊVERIES DU PROMENEUR SOLITAIRE*

Natália Pedroni CARMINATTI – Doutoranda (UNESP/Araraquara)

RESUMO: Representar é a condição fundamental para o homem viver em sociedade. Vive-se para representar e representa-se para viver. A presente comunicação pretende analisar o trabalho metafórico da memória em *Les rêveries du promeneur solitaire*, última produção autobiográfica que consagrou o filósofo de Genebra, Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), como anunciador do pensamento moderno. A memória inconsciente, segundo Sigmund Freud (1856-1939), condiciona a personalidade e as atitudes humanas. Desse modo, desejos reprimidos pelas convenções sociais são relegados ao inconsciente e retornam sob a forma de sonhos, atos falhos, chistes e lapsos de linguagem. Nas *Confissões*, Rousseau já pensava ser outro, contudo, é nas *Rêveries* que ele concretiza sua reconstrução ética. Sendo assim, o que importa, agora, é a evolução do seu coração e do seu espírito. Com a chegada da velhice, Jean-Jacques sente-se impotente perante algumas faculdades que antes lhe ajudaram a edificar sua caminhada. A memória não lhe assiste como antigamente, visto que as fraquezas da senilidade o tocavam progressivamente, debilitando suas aptidões. Sua vulnerabilidade anímica o leva a redigir a obra que ele julgava ser a fonte da verdadeira felicidade, pois a escrita eternizava os momentos mais

plenos de sua existência, podendo, por meio dela, reduplicar as ocasiões mais exuberantes de sua vida.

PALAVRAS-CHAVE: Representação; memória; Jean-Jacques Rousseau.

A CRISE DO ROMANCE E O CONTO SIMBOLISTA: O EXEMPLO DE VILLIERS DE L'ISLE-ADAM

Norma Domingos – Doutora (UNESP/Assis)

Resumo: Na segunda metade do século XIX, na esteira de Edgar Allan Poe, Aloysius Bertrand, Richard Wagner e J.-K. Huysmans, Villiers de l'Isle-Adam e outros autores – Laforgue e Charles Cros, por exemplo –, ao tentar representar seus sonhos e ideais na trama de uma história, conseguem dar novos rumos à linguagem poética e conduzem a narrativa em direção à poesia. Nesse período, a literatura francesa assiste, por um lado, ao triunfo dos romances realista e naturalista, com grandes representantes como Flaubert, Balzac e Zola, e, por outro, na contra-corrente dos aspectos burgueses do romance e correspondendo aos anseios dos simbolistas pela criação de uma linguagem condensada, imagética e sugestiva, à emergência do conto poético. Assim, este trabalho objetiva, a partir da seleção de alguns contos da obra *Contes cruels* (1883), de Villiers de l'Isle-Adam, ilustrar a osmose que se operou entre os gêneros na segunda metade do século XIX e que culminou com o surgimento do conto simbolista. Ao se diferenciar da linguagem empregada pelos autores de sucesso da época, a coletânea villieriana torna-se exemplar da expressão poética da época e anuncia a crise do romance que se produzirá a partir de então.

Palavras-chave: Crise do romance; Conto simbolista; Villiers de l'Isle-Adam; *Contes cruels*.

JORNALISMO E LITERATURA SE ENTREOLHAM: QUANDO O IMPÉRIO DOS FATOS ENCONTRA A SUBJETIVIDADE ARTÍSTICA

Olívia Scarpari BRESSAN – Mestranda (PUC-RS) – FAPERGS

RESUMO: Jornalismo e Literatura travam muitas vezes uma relação antitética: o primeiro é o império dos fatos, a letra em favor da objetividade; o segundo é o terreno fértil para a imaginação, a palavra que expressa subjetividade artística. No entanto, quando escritores se forjam jornalistas (e vice-versa), acabam por modernizar o texto da imprensa, além de injetarem elementos da linguagem jornalística na ficção e na poesia. A partir da segunda metade do século XX, esse processo de hibridização das duas formas de expressão de linguagem atingiu um ponto crucial com o movimento do *New Journalism*. Capitaneado por Tom Wolfe e Truman Capote, tratava-se de uma corrente de escritores que elaboravam reportagens, compondo-as com técnicas narrativas próprias da ficção, muitas delas emprestadas da produção realista do século XIX. No Brasil, a mesma verve jornalístico-

literária tomou a revista *Realidade* e fez de João Antônio e Edilberto Coutinho poetas do cotidiano, tramado por meio de captação etnográfica e de técnicas de História Oral na abordagem dos fatos. Anos depois, qual o grau de relação entre Literatura e Jornalismo no cenário cultural atual? Este trabalho pretende traçar um histórico da prosa jornalístico-literária e discutir sobre sua presença e transformações nos dias de hoje.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; literatura; *New Journalism*; não-ficção.

DUAS DIFERENTES VOZES DE CAPITU: MEMÓRIAS PÓSTUMAS E A AUDÁCIA DESSA MULHER

Patrícia ASARI

RESUMO: No centenário de lançamento de *Dom Casmurro*, romance lançado por Machado de Assis em 1899, muitas obras que dialogam com o livro foram produzidas. Duas dessas obras, *Capitu: Memórias Póstumas*, de Domício Proença Filho e a obra de Ana Maria Machado, *A audácia dessa mulher*, são romances com estreitas ligações intertextuais com *Dom Casmurro*, dando voz à personagem Capitu. Este trabalho tem o objetivo de traçar um paralelo entre as duas Capitus, encontrando pontos de aproximação e evidenciando pontos de divergência que fazem com que as personagens em questão, por vezes, não pareçam ter uma fonte comum, dada a grande diferença das linguagens usadas, apesar de ambas respeitarem o texto de origem. A maneira como suas vozes surgem e a figura do narrador nas duas obras faz com que as abordagens transmitam pensamentos e sentimentos aparentemente conflitantes: diferentes pontos de vistas, diferentes falas em diferentes momentos, diferentes motivações, uma Capitu doce e outra bélica. A análise das relações intertextuais das duas obras com *Dom Casmurro* permite que a verificação de que, conforme já havia apontado Kristeva, "a história e a moral se escrevem e se leem na infraestrutura dos textos".

PALAVRAS-CHAVE: Intertextualidade; Capitu.

ÉCRITS DE GUERRE, DE SAINT-EXUPÉRY: TESTEMUNHO E ENGAJAMENTO

Patrícia MUNHOZ – Doutora (UNESP/Assis)

RESUMO: Durante o momento turbulento da Segunda Guerra, muitos intelectuais franceses vão buscar refúgio em solo norte-americano. Dentre esses intelectuais, encontramos Antoine de Saint-Exupéry, que após ter participado como piloto em missões de reconhecimento no início da guerra e ter testemunhado a invasão alemã da França em 1940, decide partir para os Estados Unidos. Em 1943, retorna ao combate como piloto na África do Norte, não conseguindo voltar ao seu país de origem, pois morre em uma missão de reconhecimento em 1944, em plena guerra. No decorrer desse período de exílio, publica algumas obras, tais como *Pilote de guerre* (1942), *Lettre à un otage* (1943) e o famoso *O Pequeno Príncipe* (1943). Neste trabalho, pretendemos abordar *Écrits de guerre* (1982),

que apresentam uma coletânea de artigos, cartas publicadas em jornais ou pertencentes a arquivos pessoais e declarações à imprensa norte-americana. Para isso, propomo-nos a analisar alguns desses textos que demonstram como a guerra, a história e a experiência pessoal estão intimamente ligadas à produção intelectual desse escritor. A guerra desempenha, de fato, um papel importante na produção literária de Saint- Exupéry e sua escrita está intimamente ligada a sua participação ativa no conflito mundial, também como uma maneira de engajar-se. Dessa forma, seus escritos surgem como uma resposta, ainda de resistência e engajamento pela escrita, aos questionamentos surgidos durante essa fase sombria da história da humanidade.

PALAVRAS-CHAVE: Saint-Exupéry; Segunda Guerra Mundial; exílio.

SEMIOSE E MEMÓRIA: O CINEMA DA DITADURA

Paulo Custódio de OLIVEIRA – Doutor (UFGD)

RESUMO: Como conjunto de semioses de várias origens, o filme *Cabra cega* (2004) de Toni Venturi traz em si uma armadilha intersemiótica e interpretativa: a história como atividade de recontagem dos fatos ocorridos dialoga com a mimese artística que pretende congrega manifestações sensíveis criativas que permaneçam livres da verdade histórica, ao mesmo tempo, oportuniza uma visibilidade crítica dela. Na esteira do pensamento de Deleuze, pretende-se demonstrar como a estrutura dos eventos cinematográficos desse filme catalisa as tensões imagéticas dos acontecimentos históricos e materializa um dos mais complexos tipos de memória na obra de arte: a impressão memorialística do “todo”. Intenta-se focar o imaginário da guerrilha dos anos de chumbo, mas pretende-se demonstrar como a articulação estética de seus elementos cinematográficos é tão reveladora quanto esse conteúdo histórico.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema; semiótica; memória.

A EVOCAÇÃO DA LITERATURA COMO REFLEXÃO: O CASO *BUFO & SPALLANZANI* (1985) DE RUBEM FONSECA

Priscila Costa DOMINGUES – Mestranda (UNESP/Assis) – FAPESP

RESUMO: Rubem Fonseca é um autor cuja obra, principalmente, no início de sua carreira, é ligada à violência, de forma que por muito tempo foi esperada na obra fonsequiana a presença de um engajamento social. Ao escrever *Bufo & Spallanzani* (1985), contudo, o autor, não rompe, mas ao menos afrouxa os laços com essa literatura vista como de engajamento social, mesmo que mantendo em seus textos uma ironia corrosiva que sempre atinge o leitor, o romance foi considerado, por uma parte da crítica, um abandono do aspecto literário, pelo mercadológico. O gênero escolhido pelo autor também é um elemento para que se considere o romance pelo viés do mercado, o policial é sempre visto como algo vendável para agradar o leitor, porém, sem negar o gênero no qual está inserido. Fonseca subverte a tradição do policial e elabora uma narrativa que ultrapassa as

delimitações do que é esperado de um romance policial. Assim, as inúmeras citações e referências literárias presentes no romance surgem como elementos para uma reflexão sobre o gênero e sua história, compreender como ocorre esta reflexão no romance é o que pretendemos fazer.

PALAVRAS-CHAVE: Rubem Fonseca; gênero policial; reflexão; referências literárias.

A LITERATURA AUTOBIOGRÁFICA COMO INSTRUMENTO PARA OS ESTUDOS HISTÓRICOS: ENFOQUES DA RESISTÊNCIA ITALIANA

Rafaela Souza MALDONADO – Mestranda (UNESP/Assis)

RESUMO: No âmbito dos diários e autobiografias encontramos materiais que são mais do que representações, são retratos de uma realidade particular que, a partir de um momento, foram expostos para a preservação da memória. Assim, identificamos na literatura de teor testemunhal, principalmente em textos concebidos sob condições extremas, como no caso da Resistência italiana e a situação de clandestinidade e perseguição, o conteúdo denunciativo, no qual esse modelo de literatura busca reconhecimento e justiça. O resgate da memória subterrânea para a libertação do estigma de ser um injustiçado e a desmistificação das injúrias que foram propagadas perseguindo, de forma perversa, o portador dessa memória, que vive à margem da história, deve ser destacado nas análises. Essas características compõem os motivos que levaram a comunidade *partigiana*, que esteve envolvida em conflitos, perseguições e, por isso, na clandestinidade, a escrever. Quando a memória dita subterrânea (ou não oficial) vem à tona, descobre-se uma realidade paralela àquela que se conhece, o lado B das ocupações nazistas, da ditadura fascista e das tropas anglo-americanas, chamadas aliadas. Nosso trabalho pretende resgatar algumas histórias subterrâneas particulares que se cruzam com a história oficial para relativizar os fatos sob a luz de quem defende o método de narrar em prol da rememoração, do resgate da memória subterrânea e da perpetuação dela; também levamos em conta a utilização dessa memória para o preenchimento de lacunas na história como consideram Michael Pollak, Márcio Seligmann-Silva e Giovanni Levi, encabeçando o debate sobre a história e os materiais disponíveis para o estudo da micro-história. Nossos objetos são as obras autobiográficas de Ada Gobetti, *Diario Partigiano*, e Carla Capponi, *Com cuore di donna*, duas militantes *partigiane*.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; resistência; *partigiana*; autobiografia.

A POSTERIDADE POÉTICA AMIZADE, PAISAGEM E POESIA EM A POSTERIDADE DO SOL, DE ALBERT CAMUS

Raphael Luiz de ARAÚJO – Doutorando (USP) – CNPq

RESUMO: *A posteridade do sol* (1965) é uma obra póstuma de Albert Camus composta de trechos poéticos acompanhados de fotos da região da Provença, no sul da França. A

proposta de sua composição e a sua publicação partiram do poeta René Char, residente na região e uma das principais amizades da maturidade de Camus. Frank Planeille, ao fim do posfácio sobre tal obra, afirma que ela “fala por todos aqueles que sabem e que sentem que a amizade, como a paisagem, “é nosso rio subterrâneo”, capaz de atravessar as duras cadeias montanhosas do esquecimento e da morte”. *A posteridade* revela como essa amizade contribuiu para que Camus se aproximasse mais de uma linguagem poética, como ele afirma em carta de 18 de maio de 1956 ao seu amigo: “É verdade. Antes de o conhecer, eu ignorava a poesia. Nada do que aparecia me concernia. Há dez anos, pelo contrário, tenho em mim um lugar vazio, um buraco, que só preencho ao lê-lo”. O livro cria com as imagens um jogo entre presença e ausência humana em meio à paisagem, que dialoga com um novo ideal de humanismo camusiano, baseado numa aproximação concreta do homem com a natureza e num apreço por ideais pré-socráticos em contraposição ao humanismo ideológico e racionalista que reinava no campo parisiense de sua época. Assim, a presente comunicação busca expor *A posteridade do sol* como ponto de encontro da poesia, da paisagem e da amizade, bem como enquanto possível eixo ilustrativo dos direcionamentos do pensamento de Camus ao fim de sua vida.

PALAVRAS-CHAVE: Albert Camus; René Char; *A posteridade do sol*.

“VIVA A REPÚBLICA”: GUERRA DE CANUDOS EM CRÔNICAS MACHADIANAS

Raquel Cristina Ribeiro PEDROSO – Mestranda (UNESP/Assis) – FAPESP

RESUMO: O Brasil oitocentista foi tomado por um período de grande agitação. O governo representado pela monarquia cedia lugar à república, por uma aparente mobilização social face à nova realidade brasileira. Contudo, o arraial de Canudos “ameaçava” o regime então instaurado – era uma estranha pátria abandonada pelas leis, capaz de lutas e vitórias quase inacreditáveis. De qualquer modo, o massacre de Canudos é tido como um dos maiores genocídios da história do Brasil. O cronista Machado de Assis, em sua coluna *A semana* (1892-1900), do *Jornal Gazeta de Notícias*, relata, em 22 de julho de 1894, a presença de um agrupamento de “dois mil legionários” junto a Antônio Conselheiro. A ironia do autor ao tratar a “preocupação nacional como um exagero” e de nomear os rebeldes como “apenas uma legião de aventureiros galantes, sem ofício nem benefício” traduz o sentimento de que a intervenção das tropas republicanas era um tanto exagerada. Nosso objetivo é acompanhar a busca pela representação da guerra de Canudos na escrita machadiana e avaliar a pertinência das considerações do autor ao se pensar os objetivos da crônica – um gênero marcado pela efemeridade, mas que conseguiu manter-se, inclusive no que diz respeito à relação profícua com as manifestações históricas do país. Tomamos como apoio especialmente as considerações de Walnice Nogueira Galvão, para o contexto das reportagens sobre o conflito, e de John Gledson, para a estruturação da crônica machadiana.

PALAVRAS-CHAVE: Guerra de Canudos; crônica machadiana; memória.

A REPRESENTAÇÃO DAS MASCULINIDADES NO ROMANCE *OUTROS SAIS NA BEIRA MAR*, DE FILINTO ELÍSIO

Raquel Dal CORTIVO – Doutoranda (FFLCH – USP) – FAPEAM

RESUMO: O livro *Outros sais na beira mar* (2010), de Filinto Elísio, representa e traduz, numa estrutura fragmentada, a complexidade das relações de gênero. Evidencia-se o percurso da construção do gênero masculino, numa perspectiva relacional com o feminino e com as demais masculinidades, desde a ruptura com o universo/corpo da mãe, passando pela identificação com os pares, nas brincadeiras de infância e na guerra, até o forte sentimento de desajuste, causado pelo modelo da masculinidade hegemônica que Robert Connel denomina como incompleto, uma vez que este modelo desconsidera as demais masculinidades. Esboça-se, também, uma transição para o surgimento de uma masculinidade nova, que Elisabeth Badinter denomina de “homem reconciliado”. Tal representação das masculinidades sugere a percepção de que a mudança do sujeito liga-se com a mudança de toda uma estrutura social e pode possibilitar o aparecimento de uma sociedade mais equânime no que tange ao gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Filinto Elísio; Cabo Verde; gênero; masculinidades.

RELEITURAS INTERTEXTUAIS: *ANA EM VENEZA*, DE JOÃO SILVÉRIO TREVISAN

Rebeca ALVES – Doutoranda (UNESP/Assis) – FAPESP

RESUMO: O romance de João Silvério Trevisan, *Ana em Veneza* (1994), se forma em meio a uma rede de possibilidades intertextuais: ora com a música, ora com o cinema, mas principalmente com a própria literatura. No entanto, o diálogo intertextual que mais se sobressai, sugerido já no título da obra, é a relação que o autor estabelece com a novela do escritor alemão Thomas Mann, *A morte em Veneza* (1912). Não por acaso, no texto de Trevisan há também uma morte, que ocorre justamente na cidade das máscaras. Além disso, um dos protagonistas do romance, o músico cearense Alberto Nepomuceno, apresenta igualmente uma relação de intertextualidade com o protagonista da obra de Mann, Gustav Von Aschenbach. Nesse processo de aproximação, Trevisan parece não ignorar a transposição fílmica realizada pelo cineasta italiano Luchino Visconti, no ano de 1971. Isso porque, determinadas passagens do romance brasileiro relacionam-se em maior grau com a obra fílmica. A intertextualidade, portanto, serve como um recurso utilizado por Trevisan para diluir a ideia de unidade ou autenticidade nos textos literários, possibilitando o retomar o passado, reescrevê-lo e lançar um novo olhar sobre o presente. Diante do exposto, pretendo explorar o percurso intertextual estabelecido por Trevisan, com o objetivo de verificar a importância dessas referências para a compreensão da narrativa criada pelo autor brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: *Ana em Veneza*; *Morte em Veneza*; intertextualidade.

UM PAINEL HISTÓRICO-SOCIAL DE *A BARCA DOS HOMENS*

Renato de SOUZA – Doutorando (FURG/FAPERGS)

RESUMO: A nossa leitura parte do exercício de resenha para uma breve análise de *A barca dos homens*, romance de Autran Dourado. Basicamente, pretendemos observar como se processa na narrativa o viés da teoria formulada por Menton, acerca dos seis recursos composicionais da nova novela histórica. A propósito, podemos reafirmar que a obra oferece composição para um romance histórico contemporâneo. Como se percebe, há no romance traços que nos orientam a apontar "um retrato de época anterior a do tempo vivido pelo romancista", conforme "La nueva novela histórica: definiciones y orígenes", em uma supracitação de Andersen Imbert. Vemos no romance do escritor brasileiro um painel histórico a permear a vida dos habitantes da retratada/fabulada Ilha de Boa Vista; um lugar que, embora não nos pareça identificável fora do texto, nos remete a uma realidade extrarreferencial de um importante tempo histórico, com base em trechos explícitos em que o período colonial brasileiro é posto em evidência, como aqueles que mencionam a rememoração de ambientes históricos ou antigos.

PALAVRAS-CHAVE: Autran Dourado; romance histórico contemporâneo; literatura brasileira.

“A ÚNICA COISA QUE POSSO FAZER É ESCREVER”: AUTOAFIRMAÇÃO NA OBRA HÍBRIDA E AUTOFICCIONAL DE CAIO FERNANDO ABREU

Ricardo Augusto de Lima – Doutorando(UEL/Londrina) – Capes

RESUMO: Italo Moriconi explica que uma das características da ficção recente é a presença autobiográfica do autor empírico. A tendência autoficcional é uma forma de reafirmação de sua identidade, seja social, étnica ou sexual. Assim, pode-se considerar a autoficção como uma das tendências de maior destaque no cenário literário atual, ao lado do hibridismo de gêneros e de certa narrativa enxuta. A partir da afirmação de Moriconi e baseado nas ideias de Michel Foucault, nas teorias de Philippe Lejeune, de Serge Doubrovsky e Vicent Colonna, o presente trabalho tende a analisar a afirmação da identidade homoafetiva em textos da obra de Caio Fernando Abreu, principalmente naqueles em que a soropositividade são presentes. Analisando elementos autoficcionais no texto, perceberemos que, longe de querer uma literatura panfletária, Caio Fernando Abreu produz uma literatura na qual assume a sua identidade, e não apenas a sexual. Para tanto, serão analisados o conto “Depois de agosto” (publicado na coletânea *Ovelhas negras*, de 1995), as crônicas-cartas “Para além dos muros” (publicas no jornal *O Estado de S. Paulo* e, posteriormente, na coletânea *Pequenas epifanias*, de 1996) e a peça dramática *O homem e a mancha* (escrita em 1994, publicada na obra póstuma *Teatro completo*), espaços nos quais a ficção e autobiografia formam uma gênero híbrido no qual a identidade do autor e dos personagens são reafirmadas.

PALAVRAS-CHAVES: autoficção; Caio Fernando Abreu; literatura homoafetiva.

A PRESENÇA DAS ESTAÇÕES DO ANO NAS CRÔNICAS DE D. JOÃO DA CÂMARA

Rita de Cássia Lamino de ARAÚJO – Doutoranda (UNESP/Assis) – CAPES

RESUMO: A *O Ocidente*: revista ilustrada de Portugal e do Estrangeiro foi fundada em 1878, por Caetano Alberto da Silva, Manuel de Macedo e Guilherme Azevedo. Entre os principais atrativos dessa revista estava a crônica, apresentada na seção “Crônica Ocidental”. Escrita pelos seus diretores literários, a seção apresentava uma espécie de relatório leve e despretenso dos mais diversos e notáveis acontecimentos da sociedade ocorridos durante os últimos dez dias. Em 1895, D. João da Câmara torna-se responsável por essa seção, escrevendo-a até dezembro de 1907. Para dar conta dos diferentes temas da sociedade lisboeta, tornar a crônica mais sensível e agradável ao leitor, evitando a passagem brusca de um assunto para o outro, o cronista, por meio de um tom subjetivo e emotivo, utilizava-se da descrição do clima e paisagem portuguesa, de acordo com as estações do ano, para separar um assunto do outro. Em vista disso, o presente trabalho tem por intuito observar as crônicas do autor publicadas na “Crônica Ocidental”, entre os anos de 1901 e 1902, de modo a verificar de que maneira D. João da Câmara desenvolve esse gênero multifacetado, utilizando-se das descrições do tempo e das paisagens do seu país, durante as quatro estações do ano, como estratégia estilística para interligar os vários assuntos veiculados em uma mesma crônica.

PALAVRAS-CHAVE: Revista *O Ocidente*; D. João da Câmara; crônica.

O EU LÍRICO FEMININO E A COMPREENSÃO DE SI EM CECÍLIA MEIRELES

Roberta Donega SILVA – Mestranda (UNESP/Assis) – CAPES

RESUMO: O imaginário poético de Cecília Meireles é amplo e, conforme nos indica Maria Lúcia Dal Farra (2006), é considerado universal por alguns críticos. Por universal, a autora quer dizer que as representações humanas na poesia cecíliana não se importam com as questões de gênero. Mulher e homem não possuem representações individuais, mas sim universalizantes do ser humano. Apesar disso, Dal Farra (2006) nos mostra, contrariando a visão tradicional acerca da poesia de Cecília, que há diversas representações femininas ao longo da obra da poetisa. Com o aumento de pesquisas embasadas na crítica feminista, torna-se importante observar a obra da poetisa através do ângulo de sua autoria feminina e sua repercussão nos poemas. Dessa maneira, há o esforço de procurar entender como são as representações femininas na obra cecíliana, investigando suas semelhanças e diferenças. Para o presente trabalho, optou-se por explorar poemas que contenham um eu lírico feminino que esteja em busca de compreender a si mesmo e que, dessa forma, tente formar sua identidade. Para constituir o corpus de análise, foram selecionados quatro poemas: “Autorretrato”, de *Mar absoluto e outros poemas*, “Desenhos do sonho”, de *Sonhos* e “Epitáfio da navegadora” e “Lua adversa”, de *Vaga música*. Em cada poema, o eu lírico lida com a percepção e tentativa de formação da identidade, sendo este o único traço temático semelhante entre eles. Buscaremos compreender ainda quais são as diferenças e

particularidades de cada um. Finalmente, será possível também vislumbrar de que maneira Cecília traz em sua obra a questão de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Cecília Meireles; representação feminina; poesia brasileira.

SOBRAS DA GUERRA COLONIAL: OS RETORNADOS DE ANGOLA

Roberto MÔNACO – Mestrando (UFGD)

RESUMO: O romance *O Retorno*, de Dulce M. Cardoso, foi lançado em Portugal em 2011 e, no ano seguinte, no Brasil. O pano de fundo é a descolonização de Angola e o retorno de portugueses que haviam partido de seu país rumo àquela então colônia. Com a iminente independência, grandes massas de portugueses fogem do país, temendo as represálias – que efetivamente acontecem –, e deixando para trás praticamente tudo que acumularam: casas, terrenos, carros (muitos partiram apenas com a roupa do corpo). Estima-se que, entre abril de 1974 e o final de 1975, mais de quinhentos mil portugueses e seus descendentes tenham retornado a Portugal (cuja população, à época, beirava os dez milhões de habitantes) vindos de Moçambique, Guiné-Bissau e Angola. *O Retorno* é um romance multifacetado. Em primeiro plano temos a memória, através da recuperação de um episódio traumático da história portuguesa que, apesar de recente, já perde espaço no imaginário daquele povo. Nesse sentido, Dulce Maria o inscreve como romance histórico e como testemunho, já que ela própria viveu a situação: nascida em Portugal, em 1964, a autora viveu sua infância em Angola até 1975. Subjacente ao tema da memória, o romance aborda o processo de descolonização de Angola dentro de um complexo contexto político – com a queda da ditadura Salazar, o novo governo português decide retirar suas tropas daquele país, após anos de uma guerra sangrenta. Os colonos portugueses culpam o governo socialista de Mário Soares de tê-los abandonado à própria sorte.

PALAVRAS-CHAVE: Descolonização; metaficção; testemunho.

PRESENÇA DA FRANÇA NAS CRÔNICAS DE LIMA BARRETO (1900-1924)

Rodrigo Aparecido Ribeiro da SILVA – Mestrando (UNESP/Assis)

RESUMO: Publicadas em diversos órgãos da imprensa carioca, como *Correio da Manhã*, *A Lanterna*, *Tagarela*, *Gazeta da Tarde*, *Correio da Noite*, *Careta* e *Gazeta de Notícias*, as crônicas de Lima Barreto (1881-1922) são reveladoras da intensa atividade intelectual exercida pelo escritor. Ao registrar os fatos de seu tempo, tecendo seu ponto de vista crítico em relação às injustiças sociais, ao pedantismo “à la Coelho Neto” dos intelectuais brasileiros e à inércia dos políticos da Primeira República, bem como ao escrever a “história dos vencidos”, daqueles que não figuraram na tradição oficial propagada pelas elites dirigentes, Lima Barreto dialoga, em suas crônicas, com toda uma tradição cultural que remonta a séculos. Desse diálogo, ressalta, tanto por sua quantidade como por sua diversidade, a presença de elementos da cultura francesa. Vistas em conjunto, essas referências abrangem pelo menos cinco séculos de história cultural da França. Para além do

uso do vocabulário ou de expressões, as marcas francesas se revelam no recurso ao universo literário, filosófico, político (às vezes por meio da citação direta), e compõem, assim, um todo sócio-cultural que se pretende inventariar e analisar, para traçar um perfil dessa presença estrangeira, no sentido de determinar seu alcance e sua importância, bem como estudar as relações que se constroem entre o escritor e a cultura francesa e o modo como essas relações se articulam à escritura barretiana para operar sentidos.

PALAVRAS-CHAVE: Crônica; Lima Barreto; presença francesa.

O FOLHETIM O MISTÉRIO DA ESTRADA DE SINTRA (DIÁRIO DE NOTÍCIAS-LISBOA-1870)

Rosane Gazolla Alves FEITOSA – Doutora (UNESP/Assis)

RESUMO: Abordaremos a obra escrita por Eça de Queirós e Ramalho Ortigão, *O mistério da estrada de Sintra*, publicado no jornal português, *Diário de Notícias* (Lisboa), na seção “Folhetim”, entre 24/07 e 29/09/1870. Os livros de história da literatura portuguesa consideram esse texto o primeiro romance policial português. No estudo deste folhetim faremos algumas considerações a respeito de Fradique Mendes, personagem de Eça de Queirós, secundário neste texto, mas principal na obra *A correspondência de Fradique Mendes* (1900), fazendo referência à sua presença nos jornais portugueses e brasileiros. Comentaremos sobre o contexto cultural em que se disseminou a literatura de “mistérios” (crimes que seriam investigados) a partir do popular folhetim, *Les Mystères de Paris* (1842), do francês, Eugène Sue, e também do texto de Camilo Castelo Branco, *Os mistérios de Lisboa* (1854). A referida obra usa estratégias para convencer o leitor da veracidade da história: utiliza cartas e a primeira delas, que seria o primeiro capítulo, é publicada, em combinação com o diretor do jornal, fora do espaço da seção “Folhetim”, informando que as outras cartas, que explicariam melhor a história, seriam publicadas na seção do folhetim por falta de espaço no jornal. Com o estudo dessa obra inicial, pode-se perceber uma série de situações que serão retomadas por Eça de Queirós ao longo de sua produção literária como a personagem Fradique Mendes, que havia sido criada coletivamente em 1869 por Antero de Quental, Eça de Queirós e Jaime Batalha Reis, e aparece agora neste romance em 1870 como personagem dândi e é retomado em 1888, na *Gazeta de Notícias* (Rio de Janeiro) com suas cartas, para depois entrar como o personagem principal da obra *A correspondência de Carlos Fradique Mendes* (1900).

PALAVRAS-CHAVE: *O mistério da estrada de Sintra*; Eça de Queirós; *Diário de Notícias*.

A POSSE DA MULHER EM SÃO BERNARDO, DE GRACILIANO RAMOS

Rosângela Maria Laurindo FORNASIER (UNESP/Assis)

RESUMO: A ideia de trabalhar com o conceito de “posse” da mulher, em Graciliano Ramos, apoia-se nas observações tecidas por João Luiz Lafetá no posfácio ao romance *São Bernardo*. Em “O Mundo à Revelia”, Lafetá salienta que a vontade e a força enérgica do herói, no caso Paulo Honório, bem como sua objetividade implacável, tem sempre endereço certo: “a apropriação de alguma coisa, seja a fazenda S. Bernardo, seja da mulher com quem pretende casar [...]”. As carências sofridas por Paulo Honório na infância e juventude, de certa forma, justificam seu comportamento frio e objetivo em tudo a que se propõe conquistar. Porém, a posse de Madalena, sua esposa, foi uma empreitada frustrada, culminando com o suicídio da heroína. O comportamento de Paulo Honório é uma prova de que, ainda no começo do século XX, mantinham-se, a despeito da incipiente modernização da região Nordeste, claros resquícios da mentalidade patriarcal: relações de compadrio e patronagem e manutenção das relações feudais do trabalho – ainda presentes na sociedade brasileira e na literatura do início do século – concorrendo, ao lado do capitalismo ascendente, para a reificação do protagonista no processo de posse da fazenda S. Bernardo e da mulher, Madalena.

PALAVRAS-CHAVE: *São Bernardo*, Graciliano Ramos; reificação; modernização; patriarcalismo.

DO CAVALEIRO ANDANTE AO CAVALEIRO AMANTE: RELEITURAS DAS NOVELAS DE CAVALARIA

Sara Gabriela SIMIÃO – Mestranda (UNESP/Assis)

RESUMO: Ainda que *Orlando Innamorato* (1495), de Matteo Maria Boiardo, não seja o livro mais lembrado pela crítica, esta obra serviu de inspiração para um clássico da literatura italiana renascentista, o *Orlando Furioso* (1532), de Ludovico Ariosto, que se apresenta como se fosse uma continuação da história. Mostrando-se assim, poderia ser apenas mais uma obra despretensiosa, não fosse o cuidado do autor com o caráter psicológico das personagens, as criações maravilhosas e, principalmente, o trabalho com a língua, baseando-se no tratado *Prose della volgar lingua* (1525), de Pietro Bembo; todos estes cuidados fizeram sua obra ser mais do que uma simples releitura do gênero. Tanto no *Innamorato* como no *Furioso*, o foco deixa de ser exclusivamente as batalhas entre mouros e cristãos e passa, também, para os desejos individuais das personagens. Boiardo, em sua releitura, abordava a temática amorosa, unindo temas do ciclo bretão aos do carolíngio, porém, no *Furioso* esse argumento vai um pouco adiante tendo como resultado uma obra em que o herói de uma longa tradição literária enlouquece, desnudando-se de sua armadura de cavaleiro altivo e inatingível, ao ver-se um frágil humano rejeitado pela mulher amada. Narrando a história das lutas de Carlos Magno e, ao mesmo tempo, ligando-se ao tema da loucura e do desejo, Ariosto insere-se, mas também rompe com a tradição literária das novelas de cavalaria. Aliás, outro ponto que o destaca é que ele não olha de modo nostálgico para o tempo dos bravos cavaleiros – como fazia Boiardo –, ao contrário, mostra-se consciente da perda desses valores, usando sua releitura para falar, de modo irônico e leve, sobre a sociedade na qual se encontrava. Este trabalho visa comentar brevemente alguns pontos que aproximam e distanciam essas obras.

PALAVRAS-CHAVE: Novelas de cavalaria; releituras; *Orlando Furioso*.

A CRIAÇÃO MODERNA DE MITOS: UMA REFLEXÃO SOBRE O MUNDO DE TOLKIEN

Sérgio Henrique Rocha BATISTA – Doutorando (UNESP/Assis)

RESUMO: Esta comunicação pretende refletir sobre o gênero dos romances de fantasia medieval partindo do processo de criação de mitos estabelecido por aquele que pode ser considerado seu fundador, o filólogo e escritor britânico John Ronald Reuel Tolkien, autor de obras como *O Silmarilion*, *O Hobbit* e a trilogia *O Senhor dos Anéis*. Nestes best-sellers, que estão na lista dos livros mais difundidos e lidos de toda a história, Tolkien baseia-se em influências das mais variadas, como as sagas islandesas e dinamarquesas, os épicos clássicos e os contos cosmogônicos das diferentes mitologias, como o *Gênesis* bíblico e a *Cosmogonia* de Hesíodo, para criar romances, contos e poemas referentes a um novo mundo por ele criado, de inspiração medieval e fantástica: Arda, a terra média. Assim, a obra literária de Tolkien, escrita principalmente durante a primeira metade do século XX, prova ser uma curiosa tentativa de reavivamento do *ethos* medieval presente nos romances históricos do romantismo, ao mesmo tempo em que apresenta algo realmente inovador: em pleno século da ciência e do progresso, estabelece-se um mundo literário de natureza escapista que é, em si, o personagem principal da obra, modelo esse que influenciou dezenas de autores posteriores, criando mesmo uma subcultura específica cujos anseios a indústria cultural vem alimentando desde os anos setenta. O interesse desta comunicação será discutir o que significa para o leitor, dos séculos XX e XXI, o processo de criação de mitos enquanto estratégia literária, e espera-se que ela possa apontar caminhos para pesquisas que discutam a literatura de fantasia medieval enquanto gênero literário.

PALAVRAS-CHAVE: John Ronald Reuel Tolkien; literatura de fantasia medieval; literatura comparada.

ENTRE O DOCUMENTÁRIO E A AUTOBIOGRAFIA: PARCERIAS ENTRE GEORGES PEREC E ROBERT BOBER

Tatiana Barbosa CAVALARI – Mestre (USP/SP)

RESUMO: A apresentação tem como objetivo tratar da inter-relação entre a escrita autobiográfica e o documentário –, tendo como foco as parcerias de trabalho entre o “escritor-cineasta” Georges Perec e o “cineasta-escritor” Robert Bober. Ambos são de família judia e de origem polonesa, porém essas famílias imigraram para a França e lá se estabeleceram. Em várias de suas obras, procuraram traços dessa “identidade perdida”. Seu principal trabalho em conjunto é *Récits d’Ellis Island*, projeto que deu origem a um livro e um documentário – homônimos – que retratam o local que representou a porta de entrada de emigrantes europeus nos Estados Unidos, no início do século XX. O texto de Perec, em tom subjetivo, acrescido das imagens captadas por Bober, nos faz refletir sobre o documentário não mais como mera representação de um fato histórico, mas como um ponto

de partida para a reflexão do trabalho autobiográfico dos dois realizadores. A partir desse olhar peculiar, entramos em contato com uma “memória comum”, nesse lugar em que poderiam ter escrito sua própria história. Não por acaso Percec afirma que *Ellis Island*, um lugar de ausência, ou um não-lugar, é também o lugar de sua autobiografia “provável”. A investigação de vestígios do passado ressoa na escrita autobiográfica; olhar para o outro e investigá-lo resulta em olhar para si mesmo.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; autobiografia; documentário.

CRÔNICAS DE BERNA: A EXPERIMENTAÇÃO LITERÁRIA CLARICEANA NO JORNAL DO BRASIL.

Tayza Codina de SOUZA – Mestranda (UNESP/Assis) – CAPES

RESUMO: Clarice Lispector foi colunista do *Jornal do Brasil* de 1967 a 1973, a intenção do editor era que a escritora escrevesse crônicas sobre assuntos que lhe interessassem, dando-lhe a liberdade de escolha do tema e também da estrutura. Mesmo mantendo com o semanário uma requisição de textos para publicação, Clarice tentava, a seu modo, subverter as regras oferecidas: enviava vários textos para serem divulgados aos poucos. Entre os temas que a escritora desenvolvia na coluna, temos os relatos de viagem. Neste trabalho nos atentaremos para a ficcionalização nas crônicas: “Suíte da primavera suíça” e “Lembrança de uma primavera suíça”, que ressignificam sua vivência em Berna, na Suíça, local onde a escritora viveu por três anos (1946 - 1949). Nelas percebemos um recurso de experimentação literária, Clarice se apoiava na criação de uma nova experiência a partir do plano biográfico, sendo assim, seus textos sobre Berna possuem imagens recorrentes, que criam um processo cíclico e, ao mesmo tempo, um corte estrutural, tentando manter um máximo de concisão a cada novo texto. Esse recurso demonstra o processo de ficcionalização da escritora que, para fugir do plano biográfico, recria a partir deste, narrando experiências além da vivência real, tornando-se apenas uma obra ficcional. Logo, temos através desse recurso um parâmetro para a construção literária na obra integral da escritora, que se baseia, segundo a própria Clarice, no ato de “plagiar-se”.

PALAVRAS-CHAVE: Clarice Lispector; *Jornal do Brasil*; crônicas de Berna.

OS ELEMENTOS AUDIOVISUAIS NO ROMANCE A AUDÁCIA DESSA MULHER: DIÁLOGOS ENTRE A LITERATURA E O CINEMA

Tchiago Inague RODRIGUES – Doutorando (UNESP/Assis)

RESUMO: Desde o surgimento da sétima arte, o Cinema e a Literatura sempre mantiveram diálogos constantes. Mesmo existindo inúmeras características que distinguem as duas artes, um elemento basilar as une: a estrutura narrativa. Assim, este trabalho tem o objetivo de evidenciar o processo intertextual estabelecido no romance da carioca Ana Maria Machado, *A audácia dessa mulher* (1999), com relação aos filmes e à linguagem cinematográfica que nele estão inseridos. Tal procedimento dialógico vem inserido ao

longo da narrativa a partir de diferentes estratégias textuais, tais como o *mise en abyme*, uma vez que apresenta uma estrutura semelhante à das bonecas russas *matryoshkas*, sendo construída com uma história dentro da outra, além de se configurar como romance metaficcional, pois a todo o instante percebemos nas páginas do livro a ficção sendo discutida e evidenciada. Para realizar tal estudo crítico, buscamos amparo nos teóricos da área da linguagem e nos preceitos do discurso polifônico de Mikhail Bakhtin, além de toda a teoria da intertextualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Ana Maria Machado; *A audácia dessa mulher*; intertextualidade; relações entre literatura e cinema.

A MULHER QUE AGE E A MULHER QUE SE ILUMINA. REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA E MEMÓRIA NO JAPÃO ANTIGO

Teresa Augusta Marques PORTO – Mestre (UNESP/Assis)

RESUMO: Na antologia *Nihonkoku genpô zen'aku ryôiki*, ou *Histórias Miraculosas de Retribuição Cármica do Bem e do Mal no Japão*, a mais antiga coletânea japonesa de histórias miraculosas ligadas ao budismo, compilada pelo monge Kyôkai no século IX, há uma abundância de relatos sobre prodígios realizados por seres iluminados, principalmente Kannon e Jizô, respectivamente associados à compaixão e ao trânsito no mundo subterrâneo das sombras e da morte. Esse tipo de narrativa, conhecido por “*setsuwa*”, relato curto e que evoca o contar “de um fôlego só”, dialoga com a história e a memória da oralidade e dos templos. Desafiando a conceituação de imprecisão que alguns autores atribuem ao relato *setsuwa*, que remeteria a um parentesco filosófico entre símbolo e cultura (ELIADE, 1991), em alguns casos há referências a datas, fatos históricos, lugares e personagens que, mesmo associados a relatos misteriosos e milagrosos desenvolvidos em territórios fantásticos, oferecem subsídios a historiadores e folcloristas para a abordagem e reconstrução do percurso do budismo próximo ao século VIII (NAKAMURA, 1997). O trabalho de Kyôkai é um exemplo revolucionário de releitura e reorientação doutrinária da questão do impedimento à mulher de obter iluminação espiritual, colocado pelo budismo inicial e textos doutrinários das primeiras traduções que o conduzem da Índia para a Ásia entre os séculos III a. C. a III. Em narrativas laicas compiladas também no período Heian (794-1192), a mulher pode ser vista, além de sinônimo ou possibilidade de ogra, raposa, monstro devorador ou traidor, como protagonista da transição da “mulher que espera” para a “mulher que age”, “comanda” (YOSHIDA, 1994), sugerindo mudanças de *status* na sociedade de então.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; representação literária; personagem feminina; sociedade japonesa; literatura japonesa.

IDEOLOGIA E LITERATURA NA LIBERTAÇÃO DO LEITOR

Thaís Fernanda da SILVA – Doutoranda (UNESP/ Assis) – CNPq

RESUMO: O presente trabalho visa analisar a obra *Em liberdade*, do escritor Silviano Santiago, sob o viés do próprio gênero com relação a outras manifestações discursivas. Tendo em vista o fato do autor se valer da questão da fronteira literária como tema em seu texto, em que discute o processo artístico em meio à narrativa, será observado o modo como seu romance sugere um movimento de desconstrução/construção de conceitos socioculturais, políticos etc, e como ele se autoposiciona num ponto de entre-lugar em meio aos outros gêneros da tradição literária. O texto retoma outros discursos na composição da narrativa, tecendo uma memória individual que é, ao mesmo tempo, coletiva, social, cultural e política, através de recortes de experiências pessoais com perspectivas e visões de mundo que sugerem um desejo do narrador de reescrever a sua história de vida e a do seu país. Parte-se do pressuposto de que *Em Liberdade* sinaliza outros caminhos de leitura para lacunas que, porventura, foram deixadas pelos dados históricos (como o momento posterior a libertação da prisão do escritor Graciliano Ramos, por exemplo). Para tanto, será trazida as considerações de críticos como Umberto Eco, Leyla Perrone-Moisés, Mikhail Bakhtin e o próprio Silviano Santiago, a fim de perceber como esses críticos leem abordagens discursivas como a da obra em questão, que se apresenta numa mistura de romance histórico, relato memorialístico e crítica literária.

PALAVRAS-CHAVE: *Em Liberdade*; memória; crítica literária.

ANÁLISE DAS COMUNIDADES INTERPRETATIVAS DO ROMANCE *O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS* EM QUATRO ARTIGOS DA REVISTA COLÓQUIO/LETRAS (1989-1999)

Thais Maria Gonçalves da SILVA – Doutoranda (UNESP /Assis)

RESUMO: José Saramago (1922-2010) escreveu, em 1984, *O ano da morte de Ricardo Reis*. Este trabalho propõe-se a analisar quatro artigos publicados na revista Colóquio/Letras entre os anos de 1989 e 1999 sobre a obra citada, que são: “Sobre a Pós-Modernidade em Portugal: Saramago revisita Pessoa” (1989), de Horácio Costa; “A metaficção historiográfica de José Saramago” (1991), de Helena Kaufman; “Lisboa segundo Saramago: a História, os mitos e a ficção” (1999), de Isaura de Oliveira; e “Do labirinto textual ou da escrita como lugar de memória” (1999), de Teresa Cristina Cerdeira da Silva. Os artigos serão observados pela lente da *comunidade interpretativa*, conceito introduzido por Stanley Fish em seu livro *Is there a text in this class?* (1980), para designar diferentes leitores que aplicam as mesmas estratégias de leitura, tanto construtivas quanto interpretativas, e que têm uma opinião comum sobre o significado da obra. Este trabalho irá averiguar os procedimentos de análise e interpretações utilizados pelos quatro autores em seus respectivos artigos e, assim, poder formar um pequeno quadro das correntes de pensamento da crítica referente à obra *O ano da morte de Ricardo Reis* e, concomitantemente, verificar até que ponto diferentes autores são influenciados uns pelos outros e estão em sintonia com as ideias da comunidade interpretativa a qual pertencem. Sendo assim, poderemos observar em que medida diferentes autores leem *O ano da morte de Ricardo Reis* de maneira semelhante.

PALAVRAS-CHAVE: Saramago; crítica literária; literatura portuguesa.

LITERATURA, HISTÓRIA E MEMÓRIA EM UM RELATO DE ROBERTO ARLT

Thaís Nascimento do VALE – Doutoranda (UNESP/Assis) – CAPES
Coautor: Antonio Roberto ESTEVES – Doutor (UNESP/Assis)

RESUMO: O presente trabalho propõe uma leitura do relato “*Fiesta de la abolición de la esclavitud*” (14/05/1930), do escritor argentino Roberto Arlt (1900-1942), escrito durante sua viagem ao Brasil, em 1930. Dessa viagem, resultaram quarenta crônicas publicadas no jornal argentino *El Mundo*, entre 2 de abril e 29 de maio de 1930, e recentemente organizadas em livro sob o título *Aguafuertes cariocas* (Adriana Hidalgo, 2013). Os textos arltianos denominados águas-fortes e produzidos em terras brasileiras se inserem no âmbito das narrativas de extração histórica (Trouche, 2006) e, como criação híbrida, misturam uma série de tipos de narrativa que mantêm uma estreita relação com a intenção de reproduzir a realidade, tais como a crônica jornalística e a narrativa de viagem. O texto selecionado para esta comunicação constrói-se no limiar entre literatura, história e memória, a partir de um diálogo por meio do qual o escritor toma conhecimento de que, no dia treze de maio daquele ano, seriam comemorados os quarenta e dois anos da abolição da escravatura, ocorrida em 1888, quando a então princesa Isabel de Bragança assina a Lei Áurea, libertando os escravos em território brasileiro. A partir da análise textual pretende-se discutir as relações entre literatura e história no contexto das narrativas arltianas, cujo hibridismo é característica mais notável. Da mesma forma, será discutido o modo como Arlt relata um importante aspecto da história do Brasil aos seus leitores argentinos.

PALAVRAS-CHAVE: Roberto Arlt; *Aguafuerte carioca*; literatura hispano-americana; história; memória.

ENTRE MEMÓRIA E LITERATURA: A ANGOLA NA PERSPECTIVA DO ROMANCE *BOM DIA CAMARADAS*

Thiago Henrique SAMPAIO – Graduando em História (UNESP/Assis)

RESUMO: A Angola pós-independência sofreu uma longa guerra-civil (1975-2002). Parte desse período é narrada no livro *Bom dia camaradas*, do escritor angolano Ondjaki. O livro tem um panorama íntimo devido seu caráter interno e memorialístico que acompanha a narrativa. A personagem principal, uma criança da classe média na década de 1980, anos intensos da guerra-civil, que começa a construir sua consciência política e social sobre sua densa realidade. A narração nos provoca reações variadas e reflexões sobre a construção da mentalidade de crianças crescendo em conflitos e buscando entender o mundo em sua volta. O presente trabalho tem como objetivo fazer uma análise tanto historiográfica quanto literária da obra e buscar pontos de convergência entre memória, história e literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Guerra civil angolana; Angola; *Bom dia camaradas*.

O MITO DO VAMPIRO E SUAS VERTENTES FOLCLÓRICAS NA LITERATURA BRASILEIRA, DE IVAN JAF

Tiago de Souza BARROS – Mestrando (UNESP/Assis)

RESUMO: Esta comunicação pretende apresentar alguns aspectos peculiares de *O vampiro que descobriu o Brasil* (1999), obra do escritor contemporâneo Ivan Jaf que, desde a década de 1980, tem se dedicado à literatura infantojuvenil com mais de cinquenta títulos publicados, além de atuar como dramaturgo, roteirista de cinema e de HQ's. A obra realiza uma releitura paródica de quinhentos anos da história do Brasil pelo viés de uma personagem mítica e imortal: o *vampiro*. Por meio da releitura, da aclimação e dos procedimentos de hibridização do tecido clássico do mito do vampiro europeu, o autor constrói um vampiro brasileiro, tropical, subversivo e plástico. Dentro da perspectiva da narrativa híbrida, objetiva-se analisar neste trabalho, a fusão e a inserção de elementos míticos e folclóricos que o autor realiza a partir do dialogismo entre a tradição literária vampírica e a literatura e cultura [folclórica] brasileiras, recorrentes na trajetória do protagonista Antônio Brás, tais como: o cavaleiro andante, a mula-sem-cabeça e o vaqueiro misterioso.

PALAVRAS-CHAVE: Mito do vampiro; gêneros híbridos; folclore brasileiro; *O vampiro que descobriu o Brasil*.

A TEIA INTERTEXTUAL DE *O AMOR NÃO ESCOLHE SEXO*, DE GISELDA LAPORTA NICOLELIS

Valdirene Barboza de Araújo BATISTA – Doutoranda (UNESP/Assis)

RESUMO: A história da humanidade sempre foi marcada pelas relações do eu com o outro e, em tudo o que o homem produz, as marcas dessas relações estão presentes. Sendo assim, inevitavelmente, nas mais diversas manifestações culturais (música, pintura, literatura, dança, cinema, teatro) vão se refletir, explícita ou implicitamente, vestígios de manifestações anteriores. No caso da literatura, essas relações podem ser vislumbradas com muita frequência na tessitura de diferentes textos, o que permite conservar a memória literária e cultural dos grupos sociais, seja por meio da ruptura ou da imitação. Diante disso, esta comunicação objetiva apresentar alguns aspectos da teia intertextual de *O amor não escolhe sexo*, narrativa juvenil escrita por Giselda Laporta Nicolelis em 1997, na qual há uma visível proposta de discussão acerca da construção da identidade homoafetiva. Nesse texto, vários outros textos anteriores se juntam em sua arquitetura para promover um diálogo temático, que está materializado nas citações diretas e indiretas constantes ao longo da obra. A narrativa se inicia com uma epígrafe extraída do livro *Repressão sexual* – essa nossa (des)conhecida, de Marilena Chauí, no qual há uma citação do clássico *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, e termina com a transcrição completa da letra da música “Vitoriosa”, de Ivan Lins. Ao longo do texto podem ser encontradas várias outras citações, entre elas: fragmentos de um poema de Murilo Mendes, frases proferidas por Edgar Morin e Neil Armstrong, além de referências ao conteúdo dos filmes *Apollo 11*, *Apollo 13* e *Kids*, como também a variados ditados populares.

PALAVRAS-CHAVE: Giselda Laporta Nicolelis; *O amor não escolhe sexo*; intertextualidade.

A REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA NO ESPAÇO LYGIANO

Vanessa Aparecida Ventura RODRIGUES – Mestre (UNESP/Araraquara)

RESUMO: Gaston Bachelard contribuiu, fortemente, para os estudos sobre o espaço na literatura, juntando sempre o rigor científico e a experiência pessoal. Para ele, nossa alma é tão repleta de camadas como uma casa antiga, e, assim, para compreendê-la e explicá-la é necessário uma investigação bastante rigorosa e, embora sabendo que nossa existência ainda se rege por certas dicotomias invioláveis, como o espaço público e o privado, o familiar e o social, conseguimos perceber o quanto ela caminhou para uma dessacralização do espaço. Ecléa Bosi(1994), quando retrata o chamado enraizamento, fala sobre a dificuldade de encontrá-lo entre as famílias mais pobres, como a de Ana Clara, personagem de Lygia Fagundes Telles. A autora afirma que a mobilidade extrema impede a sedimentação de um passado, perde-se o que podemos chamar de crônica familiar, ao contrário daquilo que ocorre com Lorena, também personagem do romance *As meninas*, no qual a personagem vive em função daquilo que sobrou da família burguesa, representada pelo espaço criado pela mãe. É sabido que a obra de Lygia eclode em um período de grande insatisfação do indivíduo dos grandes centros urbanos, demonstrando um profundo choque entre um presente conturbado e um passado angustiante de suas protagonistas, essencialmente femininas. Assim, o retorno à memória associado à invenção é marca fundamental de toda sua obra, como uma forma de sobrevivência de valores já perdidos em um período histórico muitas vezes desestruturado.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; espaço feminino.

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NOS MATERIAIS DIDÁTICOS DE LÍNGUA ESPANHOLA (L.E.)

Vanessa Pansani VIANA – Mestranda (UNESP/Assis)

Coautora: Ester Myriam Rojas OSORIO – Doutora (UNESP/Assis)

RESUMO: O trabalho faz um levantamento dos materiais didáticos mais utilizados nas aulas de língua espanhola, com a finalidade de produzir um dossiê crítico acerca dos textos literários selecionados para estes manuais. Sua justificativa baseia-se na constatação de que, com o novo programa implantado ao currículo do Estado de São Paulo, o "São Paulo faz escola", houve um empobrecimento nos critérios de escolha e diminuição de publicação de textos literários nos materiais didáticos utilizados, o que resultou em um envio restrito desses exemplares para escolha entre os docentes da rede pública. Por isso, um estudo que investigue as causas dessa mudança e seus possíveis desdobramentos para o cotidiano escolar, assim como para a influência na formação do público leitor que advém desse currículo, pode apontar um dos rumos e relevância que está tomando a nossa literatura no cenário da sociedade. O objetivo principal é reconhecer se a seleção da literatura está devidamente presente e inserida no contexto sociocultural dos discentes e se, conseqüentemente está auxiliando no processo de ensino-aprendizagem presente nas diversas instituições de ensino.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; língua espanhola; materiais didáticos.

RELAÇÕES ENTRE MEMÓRIA E NOSTALGIA: O CONFLITO PELA OCUPAÇÃO DO ESPAÇO EM *O SOM AO REDOR*

Vitor SOSTER – Mestrando (FFLCH/USP) – CNPq

RESUMO: Partindo da tradição crítica materialista, propõe-se uma relação entre *memória* e *nostalgia* para abordar a disputa pelos espaços rural e urbano em sociedades capitalistas. Desse modo, adota-se, como ponto de partida, *O som ao redor* (Mendonça Filho, 2012), filme que retrata a classe média contemporânea em que coexistem a superação e a persistência de desigualdades. Assim, a princípio, define-se *memória* como a consciência da justaposição entre o tempo e o espaço e, *nostalgia* como a idealização de um tempo “despacializado” ou de um espaço “destemporalizado”. Ao relacionar esses procedimentos de elaboração histórica aos de construção fílmica, não se deve esquecer que o “som”, em sua acepção mais material, é uma onda que se propaga no espaço pelo tempo. Parece, portanto, razoável aproximar o conceito de *memória* ao de *som*. Pois, como se pretende argumentar, o som, nessa obra, parece ter a função de trazer à tona a memória aos espectadores. Todavia, acompanhando os percursos dos personagens, vemos representações de vidas esmaecidas devido à imersão num mundo de imagens. Ressalta-se, entretanto, que seria engano, numa abordagem totalizante, compreender a *memória* como separada da *nostalgia*, uma vez que se constituem dialeticamente e, ao estender tal noção aos recursos artísticos utilizados, isto é, à exploração dos recursos sonoros e visuais, chega-se às condições para a discussão das especificidades da linguagem audiovisual em representar os conflitos sociais da contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; nostalgia; conflito social; espaço-tempo; audiovisual; materialismo.

A CIGARRA LITERÁRIA

Viviane Chaves de SOUZA – Mestranda (UNESP/Assis) – CAPES

RESUMO: No início do século XX, a cidade de São Paulo passou por um intenso processo de desenvolvimento urbano e industrial que a transformou em uma moderna metrópole, com costumes sociais totalmente novos. É nesse contexto que começam a surgir as revistas ilustradas ou de variedades, que tinham como maior objetivo entreter os seus leitores, ao mesmo tempo em que refletiam a vida cultural e social da cidade. Entre essas revistas, se encontra *A Cigarra*. Fundada em 1914 pelo jornalista Gelásio Pimenta, ela foi uma das mais importantes e bem sucedidas revistas da época, permanecendo no mercado editorial até 1975. Em suas páginas, voltadas para o público feminino, encontram-se artigos, reportagens fotográficas, notas sociais e várias seções, como a “Concursos” e a “Colaboração das Leitoras”, umas das grandes responsáveis pelo seu sucesso. Além disso, era constante a presença de textos literários, como contos e poesias, constituindo estes um material praticamente desconhecido em seu conjunto. Entre seus colaboradores estão nomes consagrados como Olavo Bilac, Vicente de Carvalho, Cassiano Ricardo, e outros menos conhecidos como Rodrigues de Abreu, Gustavo Teixeira, Hermes Fontes. Assim,

este trabalho tem o propósito de descrever as características d' *A Cigarra* e comentar alguns desses textos literários publicados em suas páginas, procurando identificar o seu perfil literário nesse começo de século, um período tão heterogêneo da literatura brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: A Cigarra; pré-modernismo; periódicos.

NARRATIVA POLICIAL E SUBVERSÃO DO RELATO EM CARDOSO PIRES E RICARDO PIGLIA: TRANSMIDIALIDADE E PÓS-MODERNISMO

Wellington Ricardo FIORUCI – Pós-doutorando (UTFPR/UFRGS)

RESUMO: A narrativa policial, a exemplo de outros subgêneros, tem uma trajetória que se constitui no trânsito entre os elementos sociais e artísticos, na medida em que a linguagem ficcional ao mesmo tempo incorpora aspectos externos a ela, próprios do tecido histórico, ressignifica-os em seu espaço simbólico e, ao fazê-lo, possibilita novas perspectivas sobre a sociedade. No que diz respeito à contemporaneidade, o romance policial não apenas incorpora traços intrínsecos ao gênero como também os subverte, desestruturando, assim, sua própria convenção. Essa dupla codificação, expressa no exercício simultâneo da manutenção e da desconstrução, na medida em que mantém um diálogo ambíguo com a tradição, revela a projeção do estilo pós-moderno, segundo uma ampla parte da crítica sociológica e artística (Hutcheon, Lyotard, Eco, Lemert). Nesse sentido, os romances de José Cardoso Pires, *Balada da praia dos cães* (1982), e Ricardo Piglia, *Plata Quemada* (1997), apresentam, com bastante propriedade em sua arquitetura, o diálogo com este estilo, o qual ainda carece de uma maior compreensão no âmbito, sobretudo, das artes (Pellegrini, Santiago). Com efeito, verifica-se na adaptação dessas obras para o cinema, versões homônimas sob a realização de José Fonseca e Costa (1987) e Marcelo Piñeyro (2000), tentativas de transpor em termos semióticos as narrativas literárias (Hutcheon, Diniz, Stam), para as quais são mantidas as marcas do gênero policial, havendo, contudo, alterações próprias ao novo meio de significação e ao feito dos realizadores fílmicos.

PALAVRAS-CHAVE: Policial; transmidialidade; pós-modernismo.

Índice de Autores

Nome	Página
Adriana DUSILEK	30
Alessandro da SILVA	30
Aline Cristina de Oliveira CATANELI	31
Amanda BATISTELA	31
Amanda MENDES	32
Ana Carolina MENOCCI	33
Ana Carolina Negrão Berliini de ANDRADE	33
Ana Maria CARLOS	34
Ana Zilda Ramos FORNASIER	34
Andrea Estefanía Guerra SOTOMAYOR	35
Andréia Nogueira HERNANDES	35
Angela Cristina Dias do Rego CATONIO; Ester Miryam Rojas OSORIO	36
Angela Simone Ronqui OLIVA	36
Arlete Aparecida MATHIAS	37
Bárbara Laís Falcão da Silva CAÇÃO	38
Beatriz Moreira ANSELMO	38
Beatriz Sodré RIBEIRO	39
Bruna Dancini GODK	39
Bruna de CARVALHO	40
Bruno Miranda SANTOS	40
Carla Cavalcanti e SILVA	41
Carlos Alberto CORREIA	41
Carlos Eduardo de Araujo PLACIDO	42
Carlos Eduardo dos Santos ZAGO	42
Carolina Izabela Dutra de MIRANDA	43
Cátia Inês Negrão Berliini de ANDRADE	43
Charles Marlon Porfirio de SOUSA	44
Cintia de Vito ZOLLNER	44
Cristiane Prando Martini TOLEDO	45
Dagoberto Rosa de JESUS	46
Damaris Pereira Santana LIMA	46
Daniel Carlos Santos da SILVA	47
Daniela Ap. FRANCISCO	47
Daniela Mantarro CALLIPO	48
Davi Siqueira SANTOS	48
Dayane MUSSULINI	49
Débora Ballielo BARCALA	49
Denise Regina de SALES	50
Ederson Murback ESCOBAR	50
Edmara ALMEIDA	51
Eliane Aparecida Galvão Ribeiro FERREIRA; Claudia Valéria Penavel BINATO	52
Elisa dos Santos PRADO	52

Elizabeth da Penha CARDOSO	53
Evaneide Araújo da SILVA	53
Fernanda Aparecida RIBEIRO; Kátia Rodrigues Mello MIRANDA	54
Fernando da Silva NEGREIROS	54
Francisco Cláudio Alves MARQUES	55
Gabriela Kvacek BETELLA	55
Glaucia Benedita VIEIRA	56
Gracielle MARQUES	56
Grazielle COSTA	57
Guacira Marcondes Machado LEITE	57
Guadalupe Estrelita dos Santos Menta FERREIRA	58
Guilherme Mariano Martins da SILVA	59
Heloisa Helena Siqueira CORREIA; Valdir Aparecido de SOUZA	59
Helton MARQUES	60
Ionara SATIN	60
Isis Milreu	61
Iuri Almeida MÜLLER	61
Jaison Luís CRESTANI	62
Jean Pierre CHAUVIN	62
Jéssica Cristina da SILVA	63
Jorge Augusto da Silva LOPES	63
Jorge Paulo de Oliveira NERES	64
José Alfredo Silva Melo SOBREIRA	65
José Francisco de AZEVEDO	65
José Luís FÉLIX	66
Joy Nascimento AFONSO	66
Júlia de Camargo SCHAEFER; Norma DOMINGOS	67
Juliana Franco ALVES	67
Karen Mayuri OKUDA; Sandra Aparecida FERREIRA	68
Katia Aparecida da Silva OLIVEIRA	68
Kátia ISIDORO	69
Kedrini Domingos dos SANTOS	70
Keila Mara de Souza Araújo MACIEL	70
Lais Iaci Mirallas de CARVALHO; Márcio Roberto PEREIRA	71
Léa Mattosinho AYMORÉ	72
Letícia de Souza GONÇALVES	72
Letícia Fernanda da Silva OLIVEIRA	73
Luciana Carneiro HERNANDES	73
Luciana Cristina CORRÊA	74
Luciana Miranda Marchini ULGHERI	75
Lucila VIEIRA	75
Luiz Eduardo Rodrigues AMARO	76
Luiz Fernando GARCIA	77
Maiara Keiko UNO; Sandra Aparecida FERREIRA	77
Maicon Araújo dos SANTOS	78

Maira Angélica PANDOLFI	78
Marcia RORATO	79
Marcio Roberto PEREIRA	79
Marcos Antonio RODRIGUES	80
Marcos Eduardo de SOUSA	80
Maria Aparecida de BARROS	81
Maria Cláudia de MESQUITA; Benedito ANTUNES	81
Mariana Mansano CASONI	82
Mariese Ribas STANKIEWICZ	82
Marinalva da Silva Pedro de ALMEIDA	83
Marleide Santana PAES	83
Marta Francisco de OLIVEIRA	84
Marta Matsue Yamamoto OTENIO	85
Maykom de Faria e SILVA	85
Mayra Moreyra CARVALHO	86
Michael Douglas Alves PANTALEÃO; Márcio Roberto PEREIRA	86
Moisés Gonçalves dos SANTOS JÚNIOR; Cleide Antonia RAPUCCI	87
Muryel da Silva PAPESCHI	87
Nádia Nelziza Lovera de FLORENTINO	88
Naiana Leme CAMOLEZE	89
Natália Pedroni CARMINATTI	89
Norma DOMINGOS	90
Olívia Scarpari BRESSAN	90
Patrícia ASARI	91
Patrícia MUNHOZ	91
Paulo Custódio de OLIVEIRA	92
Priscila Costa DOMINGUES	92
Rafaela Souza MALDONADO	93
Raphael Luiz de ARAÚJO	93
Raquel Cristina Ribeiro PEDROSO	94
Raquel Dal CORTIVO	95
Rebeca ALVES	95
Renato de SOUZA	96
Rita de Cássia Lamino de ARAÚJO	97
Roberta Donega SILVA	97
Roberto MÔNACO	98
Rodrigo Aparecido Ribeiro da SILVA	98
Rosane Gazolla Alves FEITOSA	99
Rosângela Maria Laurindo FORNASIER	99
Sara Gabriela SIMIÃO	100
Sérgio Henrique Rocha BATISTA	101
Tatiana Barbosa CAVALARI	101
Tayza Codina de SOUZA	102
Tchiago Inague RODRIGUES	102
Teresa Augusta Marques PORTO	103

Thaís Fernanda da SILVA	103
Thais Maria Gonçalves da SILVA	104
Thaís Nascimento do VALE; Antonio Roberto ESTEVES	105
Thiago Henrique SAMPAIO	105
Tiago de Souza BARROS	106
Valdirene Barboza de Araújo BATISTA	106
Vanessa Aparecida Ventura RODRIGUES	107
Vanessa Pansani VIANA ; Ester Myriam Rojas OSORIO	107
Vitor SOSTER	108
Viviane Chaves de SOUZA	108
Wellington Ricardo FIORUCI	109